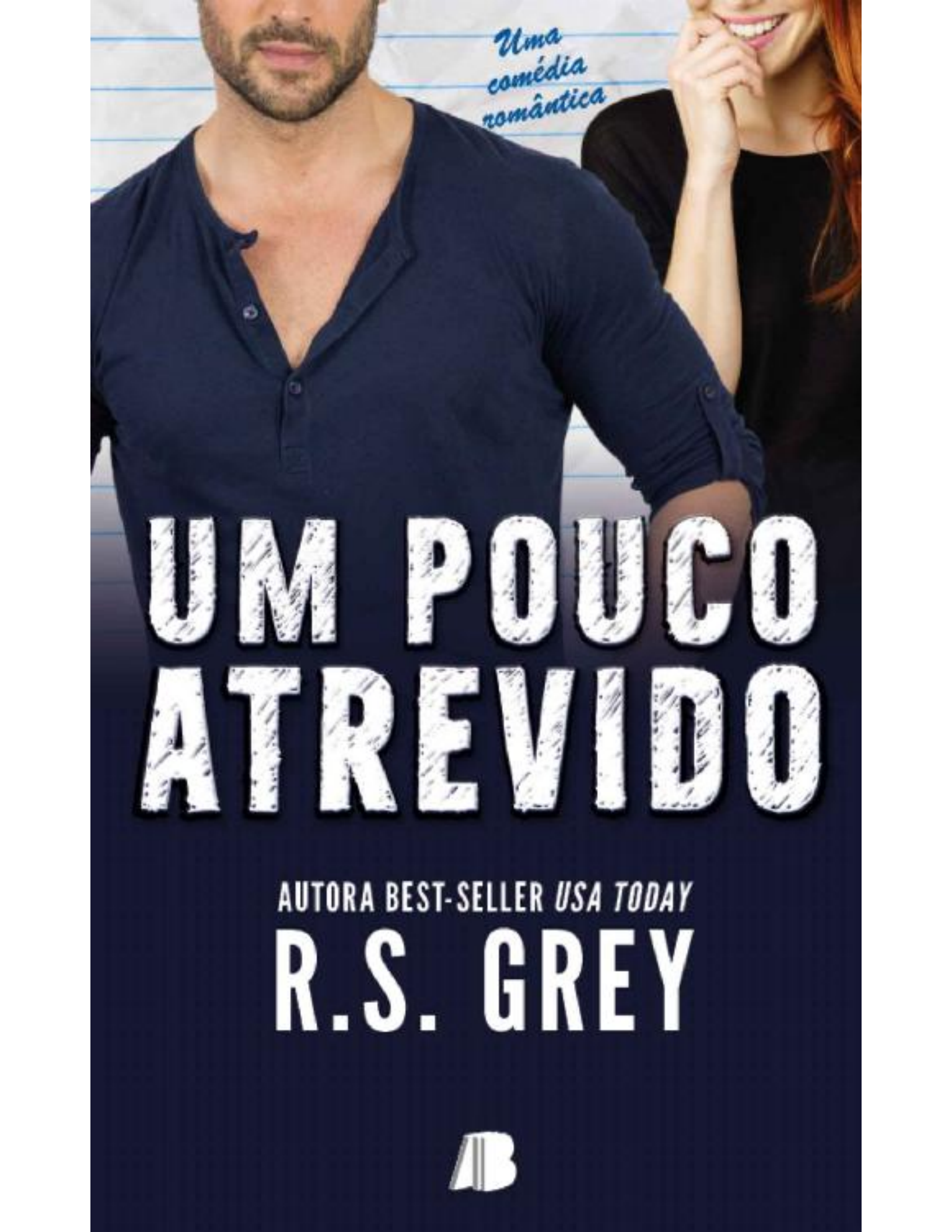




*Uma
comédia
romântica*

UM POUCO ATREVIDO

AUTORA BEST-SELLER *USA TODAY*

R.S. GREY





UM POUCO ATREVIDO

R.S. GREY

TRADUÇÃO:
CLARA TAVEIRA

1ª EDIÇÃO – 2023
RIO DE JANEIRO

ALLBOOK
EDITORA

Todos os direitos reservados
Copyright © 2023 by AllBook Editora.

Direção Editorial: Beatriz Soares

Tradução: Clara Taveira

Preparação e Revisão: AllBook Editora e Raphael Pellegrini

Adaptação de capa, diagramação e produção digital: Cristiane [\[Saavedra Edições\]](#)

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros. Os direitos morais do autor foram declarados.

Esta obra literária é ficção. Qualquer nome, lugares, personagens e incidentes são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou estabelecimentos é mera coincidência.

*Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
(Decreto Legislativo nº 54, de 1995)*

**CIP - BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
GABRIELA FARAY FERREIRA LOPES - BIBLIOTECÁRIA - CRB-7/6643**

G859p

Bromberg, K.

Um pouco atrevido [recurso eletrônico] / R. S. Grey; tradução Clara Taveira. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Allbook, 2023

Recurso digital

--	--

Tradução de: Not so nice guy

Modo de acesso: word wide web

ISBN: 978-65-80455-56-0 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Taveira, Clara. II. Título.

--	--

23-82201

CDD: 813
CDU: 82-3(73)



DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO À ALLBOOK EDITORA

contato@allbookeditora.com
[HTTPS://ALLBOOKEDITORA.COM](https://allbookeditora.com)

SUMÁRIO

[CAPA](#)

[CRÉDITOS](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[CAPÍTULO 25](#)

EPÍLOGO
LEIA TAMBÉM
ALLBOOK EDITORA



Sam

Hoje de manhã, estamos fazendo sexo dentro do quartel do exército novamente. É intenso e ardente. O inimigo está avançando — podemos não sair vivos desta vez. Explosões ressoam no céu e nas minhas calças. Estou encharcada de suor. Ian, de início, estava vestindo uniforme camuflado, mas eu o arranquei com os dentes. É por isso que sei que estou sonhando — minha boca não é tão hábil assim. Na vida real, eu quebraria um dente no zíper dele.

O despertador berra outra advertência. Minha mente despertando grita: *Levanta ou vai se atrasar!* Eu me enfio mais ainda sob as cobertas, e meu inconsciente vence. Ian dos Sonhos me joga por cima do ombro, como se estivesse tentando ganhar uma Medalha de Honra, e então caímos em um beliche de metal. Outra indicação de que isso é um sonho é o fato de que a parte carnuda da minha bunda bate na quina do beliche, mas não dói. Ele se esfrega em mim e balança a cama. Eu arranho suas costas.

— Nós vamos ser pegos, soldado — eu gemo.

Sua boca cobre a minha, e ele me lembra:

— Aqui é uma zona de guerra; podemos fazer quanto barulho quisermos.

Uma saraivada de tiros de metralhadora soa do lado de fora. Botas pesadas fazem barulho rumo à porta trancada.

— Rápido, precisamos fazer uma barricada! — eu imploro. — Mas como? Não há nada de útil aqui, apenas aquele chicote de couro e meus

coturnos que vão até os joelhos!

Ele me puxa contra a porta, e nós nos olhamos. A solução de repente se torna clara: teremos de usar nossos corpos como um bloqueio sexy.

— Ok, toda vez que eles chutarem a porta, eu vou entrar em você, entendeu? No três: um, dois...

Assim que meu sonho chega à parte boa, meu celular começa a tocar “Islands in the Stream”, de Kenny Rogers e Dolly Parton. O country pop dos anos 80 soa no volume máximo. Ouço sintetizadores. Eu gemo e me forço a abrir os olhos. Ian mudou meu toque novamente. Ele faz isso algumas vezes por mês. A anterior era outra música boba de dois velhos malucos.

Pego o celular e o puxo para baixo das cobertas comigo.

— Tá, tá — eu respondo. — Já tomei banho e estou passando da porta.

— Você ainda está na cama.

A voz profunda e rouca de Ian dizendo a palavra “cama” faz com que coisas engraçadas aconteçam no meu estômago. Ian dos Sonhos está se misturando com o Ian da vida real. Um deles é um tenente bonito com braços de aço. O outro é meu melhor amigo, cujos braços são feitos de um metal que nunca tive o prazer de sentir.

— Dolly Parton desta vez? Sério? — pergunto.

— Ela é um tesouro nacional, assim como você.

— Como você arruma essas músicas?

— Eu tenho uma playlist no celular. Por que você está respirando com tanta dificuldade? Parece que você daria conta de embaçar um espelho.

Ai, meu Deus. Eu me sento e me livro dos resquícios do sonho.

— Adormeci vendo as reprises de *M*A*S*H* novamente.

— Você sabe que há outros programas para ver, não sabe?!

— Sim, sei, só que ainda não encontrei um homem que me excite como Hawkeye.

— Você sabe que Alan Alda está na casa dos 80, certo?

— Ele provavelmente ainda tá com tudo em cima.

— Se você diz, Hot Lips...

Eu gemo. Assim como acontecia com a Major Houlihan, esse apelido me irrita... um pouco.

Afasto os cobertores e planto os pés no chão.

— Quanto tempo eu tenho?

— O primeiro sinal toca em trinta minutos.

— Parece que vou ter que pular aquela corrida matinal de mais de dez quilômetros que estava pretendendo fazer.

Ele ri.

— Arram.

Começo a vasculhar o armário, procurando um vestido e um cardigã que estejam limpos. Os requisitos de vestimenta dos funcionários da nossa escola me obrigam a me vestir como a versão feminina do sr. Rogers. Hoje, meu vestido de verão é vermelho-cereja, e meu cardigã é rosa-claro, apropriado para o primeiro dia de fevereiro.

— Alguma chance de você ter enchido uma garrafa térmica extra com café antes de sair de casa? — pergunto, esperançosa.

— Vou deixar na sua mesa.

Meu coração palpita de gratidão.

— Quer saber, eu estava errada — eu provoco, fazendo um tom afetado e apaixonado. — Há *um* homem que me excita mais do que Hawkeye, e seu nome é Ian Flet...

Ele geme e desliga.

A Oak Hill High School fica a cinco minutos de bicicleta do meu apartamento. Também fica a cinco minutos de bicicleta da casa de Ian. Poderíamos fazer o trajeto juntos, mas temos rituais matinais drasticamente diferentes. Eu gosto de tentar a sorte e forçar a barra com o despertador. Me causa emoções boas dormir até o último segundo. Ian gosta de acordar com o padeiro. Ele está inscrito em uma academia e faz valer a mensalidade todo dia pela manhã. Seu percentual de gordura corporal é próximo dos de adolescentes. Eu estou inscrita na mesma academia, e minha carteirinha está escondida atrás de um amado cartão de recompensas do Dunkin' Donuts. Ele olha feio para mim cada vez que mando para dentro uma rosquinha com cobertura de morango ao meio-dia.

Aquelas engenhocas bárbaras na academia me intimidam. Certa vez, torci o pulso tentando alterar o peso em uma máquina de remada, e você já viu todos os diferentes tipos de puxadores, cordas e fios na máquina com aquela polia? Metade dos equipamentos parece se resumir a brinquedos sexuais para cavalos.

Em vez de me submeter a ir para a academia, prefiro minhas corridas diárias de bicicleta. Além disso, não há como lutar contra minha fisiologia neste momento. Eu sou uma mulher de 27 anos, ainda aproveitando a onda de fingir que meu shape vem naturalmente com a juventude e com o planejamento alimentar que um professor pode custear. Os únicos *#gains* que existem em minha vida são as maratonas do programa *Do Velho ao Novo*, com Chip e Joanna Gaines.

Ian diz que sou muito dura comigo mesma, mas no espelho vejo joelhos nodosos e bojos pequenos quase não preenchidos. Em dias bons, tenho um metro e sessenta. Acho que posso fazer compras na Baby Gap.

Quando chego à escola (dez minutos antes do primeiro sinal), encontro uma barra de granola ao lado da garrafa térmica de café na minha mesa. Na pressa de chegar à escola, esqueci de pegar algo para o café da manhã. Eu me tornei previsível o suficiente para que Ian tenha guardado belisquetes em cima e dentro da minha mesa. Posso abrir qualquer gaveta que sei que vou encontrar alguma coisa — nozes, sementes, biscoitos de manteiga de amendoim. Tem até um Clif Bar colado com fita adesiva embaixo da minha cadeira. Meu arsenal é mais para o bem dele do que para o meu. Eu sou a pessoa mais ansiosa que você já conheceu. Quando meu açúcar no sangue cai, eu me transformo na Jean Grey versão destrutiva.

Eu engulo a barra de granola e tomo meu café, mandando uma mensagem rápida para agradecê-lo antes que os alunos comecem a lotar a sala de aula para o primeiro tempo.

SAM: Obg pelo café da manhã. O café tá O AUGÉ.

IAN: É o blend que você comprou na semana passada. Seus alunos estão te ensinando novas gírias de novo?

SAM: Eu ouvi ontem na hora da saída. Ainda não tenho certeza se sei usar. Trago mais detalhes em breve.

— Bom dia, *senhora* Abrams! — meu primeiro estudante cantarola.

É Nicholas, o editor-chefe do jornal de Oak Hill. É o tipo de garoto que usa suéter na escola. Ele leva minhas aulas de jornalismo muito a sério — ainda mais a sério do que leva sua paixonite por mim, o que significa muita coisa.

Dou a ele um olhar de reprovação.

— Nicholas, pela última vez, é senhorita Abrams. Você sabe que não sou casada.

Ele sorri muito abertamente, e seu aparelho reluz. Ele mandou botar os elásticos com cores alternadas, azul e preto, as mesmas da escola.

— Eu sei. Eu só gosto de ouvir você dizer isso. — Que garoto implacável. — E se me permite dizer, o tom do seu vestido está muito apropriado. O vermelho quase combina com o seu cabelo. Com um estilo desses, você vai virar uma *senhora* casada muito em breve.

— Não, não permito que você diga isso. Sente-se.

Outros alunos estão começando a entrar na minha sala. Nicholas se senta na frente, bem no centro, e eu evito contato visual com ele o máximo possível enquanto começo minha aula.

Ian e eu temos empregos drasticamente diferentes na Oak Hill High.

Ele é professor de Química Aplicada II. Ele tem mestrado e trabalhou na indústria após terminar a faculdade. Durante a pós-graduação, ajudou a desenvolver uma tira adesiva para a língua que alivia queimaduras de coisas como café quente e pizza pegando fogo. Parece estúpido — o SNL até zombou disso —, mas despertou muito interesse no mundo da ciência, e essa experiência faz com que os alunos o admirem. Ele é o professor maneiro que arregança as mangas da camisa até os cotovelos e explode as coisas em nome da ciência.

Sou apenas a professora de jornalismo e coordenadora de equipe do Oak Hill Gazette, um jornal semanal lido por exatamente cinco pessoas: eu, Ian, Nicholas, a mãe de Nicholas e nosso diretor, o sr. Pruitt. Todo mundo acha que eu me enquadro na categoria “se não sabe fazer, ensine”, mas na verdade gosto do meu trabalho. Ensinar é divertido, e eu não fui feita para o mundo real. Jornalistas sérios não são muito de fazer amigos. Eles entram em ação, pressionam, cutucam e expõem histórias importantes para o mundo. Na faculdade, meus professores me davam broncas por apenas produzir “textos muito arrumadinhos”. Tomei isso como um elogio. Quem não gosta de coisas fofas?

De qualquer forma, estou orgulhosa do jornal e dos alunos que ajudam a administrá-lo.

Começamos cada semana com uma “Reunião Geral”, como se fôssemos um jornal real e funcional. Os alunos apresentam suas ideias para matérias ou me informam sobre o andamento dos trabalhos. Quase todo mundo leva isso a sério, exceto os poucos garotos que

procuraram o jornalismo para tirar boa nota facilmente — o que, cá entre nós, acontece mesmo. Ian diz que sou meio bestalhona.

Estou conversando com uma aluna que se enquadra na segunda categoria agora. Acho que ela não entregou uma tarefa sequer desde que voltamos das férias de Natal.

— Phoebe, você pensou em uma história para o jornal da próxima semana?

— Ah, ahn... sim. — Ela estoura uma bola de chiclete. Sinto vontade de tirá-lo de sua boca e enfiá-lo em seu cabelo. — Acho que vou perguntar por aí se os zeladores estão se dando bem depois do expediente ou algo assim.

— Você me deixe o pobre do sr. Franklin em paz. Vamos lá, o que mais você tem aí?

— Ok, que tal... *Almoço escolar: saudável ou não?*

Interiormente, eu enfio as unhas nos meus globos oculares. Esse tipo de texto já foi escrito tantas vezes, que a merendeira da escola e eu criamos um sistema. Eu mantenho os alunos longe de sua cozinha e, em troca, ganho todas as batatas fritas que quiser.

— Não há nenhuma novidade nesse tema. A comida não é saudável. Nós todos sabemos disso. O que mais?

Ouçõ algumas risadinhas. As bochechas de Phoebe ficam vermelhas, e seus olhos se estreitam. Ela está chateada porque dei uma bronca na frente de toda a classe.

— Ok, tá. — Sua voz está carregada de um tom atrevido e cruel, como só a de uma adolescente consegue ser. — Que tal eu fazer algo mais saliente? Talvez um artigo sobre amor proibido entre professores?

Fico tão entediada, que bocejo. Rumores sobre Ian e eu são notícias velhas. Todo mundo presume que, como somos melhores amigos, estamos saindo. Não tem como ser menos conectado com a realidade. Eu sinto vontade de dizer a eles: *Sim, eu QUERO ISSO*, mas sei que não sou o tipo de Ian. Aqui estão quatro vezes em que isso ficou claro para mim:

- Uma vez ele me disse que nunca se imaginou com uma ruiva porque a mãe dele tem cabelo ruivo. *OLÁ, A MAIORIA DOS CARAS TEM MOMMY ISSUES! ME DEIXE SER PARTE DOS SEUS PROBLEMAS FREUDIANOS.*

- Ele só saiu com modelos altas e taciturnas cuja envergadura é duas vezes maior que a minha. Pareciam pterodáctilos fêmeas.
- Nós dois somos grandes fãs do O Senhor dos Anéis e adivinha só: SAM É O MELHOR AMIGO, NÃO O INTERESSE AMOROSO.
- Ah, claro, houve aquela vez em que me forcei a me vestir como uma versão piranhona da Hermione (o ponto fraco dele) para o Halloween e tentei seduzi-lo. Ian me disse que eu parecia mais com a Hermione de cabelos lãzudos dos primeiros anos e menos com a Hermione pós-adolescência do Baile de Inverno. Talvez eu silenciosamente tenha tido um colapso.

Ian e eu nos tornamos amigos há três anos e meio, coisa de uns 1300 dias atrás, se alguém muito trouxa estivesse contando. Quando fomos contratados para lecionar na Oak Hill, nos colocaram no mesmo grupo de orientação. Havia quinze novas contratações no total, e Ian imediatamente chamou minha atenção. Lembro da primeira vez que o vi e me recordo mais dos detalhes específicos e aleatórios do que qualquer outra coisa: como suas mãos pareciam imensas segurando o manual de orientação, como ele estava bronzeado das férias de verão e o fato de que ele se destacava sobre todo mundo ali. Meu primeiro pensamento foi que Ian devia ser incrivelmente intimidador, com aqueles olhos azuis penetrantes e cabelo castanho curto e levemente ondulado, mas ele cortou a onda quando sorriu para mim assim que nossos olhos se encontraram no meio de todos aqueles novos professores. Foi muito desarmante e descontraído, mas, acima de tudo, foi seriamente sexy. Meu coração disparou. Ele era o garoto da casa ao lado que se tornara um homem com mandíbula esculpida e braços sólidos.

Ele estava vestindo uma camiseta preta, e foi nela que me concentrei quando vi que Ian caminhava em minha direção.

— Você gosta de Jake Bugg? — ele perguntou. — Eu também.

Eu respondi com um porcamente pronunciado “hein?”.

Seu sorriso de comercial de pasta de dentes se alargou um pouco mais, e ele apontou para minha camisa. *Ah, tá.* Eu estava usando uma camiseta de banda do Jake Bugg. Iniciamos uma conversa educada sobre a última turnê da banda nos Estados Unidos, e fiquei controlando minha baba o tempo todo. Quando chegou a hora de começar a

orientação para os novos professores, Ian perguntou se eu queria sentar com ele.

Durante uma semana, aguentamos juntos vídeos instrutivos sobre assédio sexual e regras no local de trabalho. Enquanto fitas cassete carcomidas dos anos 90 reproduziam o conteúdo em uma televisão presa em um suporte, Ian e eu trocamos bilhetes atrevidos. Eventualmente, juntamos nossas mesas e conversamos sussurrando. Tínhamos muito material para fazer piada e conversar. Falávamos muito rapidamente, como se estivessemos com medo de que o outro desaparecesse a qualquer momento em uma nuvem de fumaça.

Não prestamos atenção em nada em toda a orientação, e nos ferramos.

Eles nos deram um teste no final da semana e nós dois reprovamos. Aparentemente, foi um teste da Oak Hill. A prova é ridiculamente fácil se você tiver prestado o mínimo de atenção. Tivemos de refazer a aula de orientação, e nossa amizade foi cimentada no embaraço e na vergonha compartilhados.

No final da segunda semana, comemoramos nossa aprovação bebendo — ideia de Ian. Eu tentei não imaginar coisas com isso. Afinal, nós dois iríamos acompanhados.

Foi quando conheci a garota com quem ele namorava na época: uma dermatologista tipo elegantona. No bar, ela nos presenteou com histórias interessantes da sala de exames.

— *Sim, as pessoas não percebem quantos tipos diferentes de pintas existem.*

Ela me deu conselhos não solicitados, como:

— Devido à sua pele clara, você realmente deveria consultar um médico e fazer um exame de pele duas vezes por ano.

A propósito, ela não tinha poros ou sardas visíveis. Quando nós dois nos levantamos para usar o banheiro no meio da noite, minhas inadequações se multiplicaram. Nossa diferença de tamanho era obscena. Eu poderia caber no bolso dela. Para quem estava assistindo, eu parecia a pré-adolescente de quem ela estava tomando conta durante a noite.

O único lado positivo foi que eu a fiz dar uma olhada nas sardas em meus ombros enquanto esperávamos que as cabines fossem desocupadas. Tudo certinho.

Na época, eu também estava saindo com alguém. Jerry era um banqueiro com trabalho voltado para fundos de investimentos que

conheci por meio de um amigo de um amigo. Aquele passeio foi nosso terceiro encontro, e eu não tinha planos de continuar a vê-lo, especialmente depois que ele passou a noite falando sobre como era a vida nas alfa-beta-gamas da Universidade da Pensilvânia.

— *Pois é, fui presidente de fraternidade no meu primeiro e último ano. UH-RÁ.*

Então ele começou a cantar bem alto o hino da fraternidade dele para todo o bar ouvir. Imagino que ele tenha achado engraçado, mas não senti que eu fazia parte daquela brincadeira. Eu só queria apertar um botão vermelho e ser ejetada pelo teto. Os olhos de Ian se fixaram nos meus do outro lado da mesa, e parecia que ele sabia exatamente o que eu estava pensando. Ele tinha percebido quão desconfortável eu estava, o quanto a situação me incomodava. Nós dois começamos a controlar uma risada. Meu rosto ficou vermelho de tanto esforço. Ele precisou morder o lábio. No final, cedi primeiro e tive de pedir licença para ir ao banheiro de novo, para poder rir com privacidade.

A namorada de Ian mais tarde disse a ele que estava preocupada que eu tivesse algum problema na bexiga.

A hora do almoço na escola é bem-vinda agora. Minhas aulas de jornalismo são intercaladas com aulas de inglês avançado. Não é minha parte favorita do trabalho, mas é a única maneira pela qual o diretor Pruitt pode me manter trabalhando em tempo integral. Os alunos dessas classes já foram aprovados e culpam o que chamam de *formanditite* pelo dever de casa atrasado e pelas notas baixas nas provas. Eu busco essa suposta doença em um site de medicina para provar que ela não existe. Eles nem tiram os olhos do celular por tempo suficiente para ouvir.

A maioria deles não seria capaz nem de fazer um retrato-falado meu.

Na semana passada, um garoto pensou que eu era estudante e pediu meu Snapchat.

Ian não tem esse problema. Suas aulas estão lotadas de nerds superdotados, crianças que já foram aceitas nas faculdades da Ivy League, mas ainda sentem a necessidade de fazer 27 aulas do programa avançado. A maioria deles me intimida, mas eles o tratam como se Ian fosse um Obi-Wan.

— *Conte-nos mais sobre a tira de língua, sr. Fletcher!*

— *Bill Nye não é nada perto de você, sr. Fletcher!*

— *Escrevi sobre você em meu ensaio de admissão à faculdade, sr. Fletcher. Eu tive que escolher a pessoa que mais me inspirou a buscar aprender!*

Sento-me para almoçar na sala dos professores e respiro fundo, tentando afastar alguns fios de cabelo da testa. Eles são evidências de que puxei meu rabo de cavalo de forma angustiada muitas vezes esta manhã.

Ian desliza em seu assento de sempre, à minha frente, e sua energia positiva obstrui o ar entre nós. Ou talvez seja o perfume do seu sabonete líquido.

— Vamos ver o que temos aqui — diz ele.

— Não foi minha melhor escolha.

Peguei um stick de queijo, pretzels, uvas e um sanduíche de manteiga de amendoim e geleia.

Ele pegou um sanduíche de peru de várias camadas com abacate e brotos de alfafa, melancia fatiada e amêndoas.

Sem dizer nada, começamos a troca. Pego metade de seu sanduíche de peru. Ele pega metade do meu com manteiga de amendoim e geleia. Meu stick de queijo se divide em dois. Deixei que ele ficasse com as amêndoas safadas — nem sal elas têm.

— Me dá um dos seus pretzels — diz ele, estendendo a mão.

Eu bato a mão na sacola, definitivamente quebrando a maioria deles ao meio. Valeu a pena.

— Você conhece as regras.

Sua sobrancelha escura se arqueia.

— Eu tenho aqui cookies de chocolate de um dos meus alunos. A mãe dele fez como agradecimento pela carta de recomendação que escrevi para ele.

Em um piscar de olhos, minha cara feia ameaçadora se transforma em um sorriso. Minhas covinhas aparecem para efeito adicional.

— Por que você não disse antes?

Eu viro a sacola de pretzels quebrados em sua direção.

Embora a sala dos professores esteja lotada, ninguém se senta à nossa mesa. Eles já estão cientes. Não é que sejamos rudes, é só que, para as outras pessoas, acompanhar nossa conversa é difícil. Conversamos usando gírias, códigos e piadas internas.

— A reunião geral foi boa?

Eu tento usar minha melhor imitação de âncora de notícias locais.

— Ian, a comida do nosso refeitório *é saudável*?

Ele geme em comiseração.

— Pois é, aí mais um aluno ameaçou expor nosso relacionamento.

— Você se refere àquele que não existe?

— Exatamente.

— Certo. Certo! — A sra. Loring, a professora de teatro, grita perto da geladeira, interrompendo o barulho na sala. — Adivinha que dia é hoje...”

— O primeiro dia do mês! — alguém grita com entusiasmo. — Rádio Confisco no ar!

Nos próximos segundos, há uma quantidade esmagadora de aplausos e conversas. Se bobear, daqui a pouco cai confete do teto.

— Ok. OK! Acalmem-se — Sra. Loring grita animadamente. — Alguém tem itens atrasados?

Ian se levanta e tira um bilhete amassado do bolso.

As pessoas batem palmas como se ele fosse um herói da cidade voltando da guerra.

— Peguei durante o primeiro tempo — ele se gaba.

Algumas professoras agem como se estivessem tendo uma parada cardíaca enquanto o observam atravessar a sala. A sra. Loring estende seu pote de vidro, e Ian o joga dentro.

Em seguida, volta ao seu assento na minha frente, e, de repente, é hora de começar A Leitura.

Em cima da geladeira da sala dos professores há um pote de conserva de tamanho médio, no qual colocamos os bilhetes que pegamos dos alunos durante a aula. À medida que o tempo vai passando, a jarra vai se enchendo. No primeiro dia de cada mês, a sra. Loring interrompe nosso almoço para uma leitura dramática.

Pode parecer cruel, mas não se preocupe, mantemos tudo no anonimato. Ninguém conhece a fonte, exceto o confiscador. Portanto, o diretor Pruitt realmente não se importa muito com o nosso ritual. É bom para a nossa moral. Pense nisso como uma forma de garantir o vínculo afetivo entre a equipe de educadores.

A sra. Loring mete a mão na jarra como uma criança procurando doces no Halloween, e então a puxa com um bilhete cuidadosamente dobrado dentro.

Eu me viro para Ian, tonta. Nossos olhares se encontram. No ano passado, assisti uma aula sua enquanto ele fazia um experimento com os alunos. Ian queimou elementos diferentes para mostrar que cada um produzia uma chama de cor diferente. Cálcio queima laranja, sódio queima amarelo. Os alunos ficaram encantados, mas até aí eu também, porque quando ele queimou cobre, produziu uma chama azul-escura e vívida — a cor exata dos olhos de Ian. Eu mantenho uma pequena tigela de moedas brilhantes na minha mesa de cabeceira desde então.

A sra. Loring pigarreia e começa. Ela é a melhor pessoa para essa tarefa. Ela não faz nada meia-boca. É uma atriz com formação clássica, e quando lê as missivas apreendidas, usa diferentes sotaques e atua com uma seriedade convincente. Se eu pudesse, traria meus pais para assistir à exibição.

— Estudante nº 1: Ei, você viu que “nome redigido” sentou ao meu lado durante o primeiro tempo?

— Estudante nº 2: SIM! Acho que ele gosta de você.

— Estudante nº 1: Somos apenas amigos. Ele não gosta de mim desse jeito.

— Estudante nº 2: FALA SÉRIO! VOCÊ SÓ PRECISA DAR UM PASSO! Da próxima vez que você abraçar ele, empurra os peitos contra ele. Essa é a minha arma secreta.

Um punhado de risadas soltas pelo nariz interrompe a leitura antes que a sra. Loring restaure a ordem.

— Estudante nº 1: Digamos que isso realmente funcione – mas e se mudar tudo? E se isso estragar a amizade?

— Estudante nº 2: E daí? Estamos prestes a nos formar. Você precisa dar uma.

— Estudante nº 1: Ok, toupeira alada. Eu, por exemplo, realmente acho que é possível ter amigos homens sem ter que transar com todos eles.

— Estudante nº 2: Você está só se enganando. É apenas uma questão de tempo até que os melhores amigos do sexo oposto se transformem em AMANTES.

A palavra final em negrito, lida com dramaticidade exagerada, produz gargalhadas estrondosas. Mas, à nossa mesa, o silêncio é conspícuo. Ouço grilos. O bilhete se conecta demais com a minha vida. Eu me inquieto na cadeira. Uma onda de calor sobe pela coluna. Está me dando urticária. Talvez eu esteja tendo uma reação alérgica ao sanduíche de peru do Ian. Na verdade, eu gostaria de estar tendo uma

— ter um choque anafilático parece maravilhoso comparado a isso. Parece que alguém acabou de transcrever os pensamentos do anjinho e do demônio em meus ombros.

Eu odeio esse jogo.

Eu odeio que Ian esteja tentando me fazer encontrar seu olhar de chama azul, provavelmente tentando fazer alguma piada *amigável*.

Quando o almoço terminar, vou me levantar e fazer uma pausa. Vou recusar o convite para acompanhá-lo de volta à sala de aula para comer biscoitos, e quando nos separarmos, vou me esforçar para manter meu tom e meu olhar calmos. Ele nunca vai saber que tinha algo errado.

Eu tive de pisar em ovos nos últimos 1300 dias. Ian e eu temos um relacionamento que depende muito da minha capacidade de compartimentalizar meus sentimentos por ele no início de cada dia escolar e, lentamente, abrir essa garrafa à noite. A pressão aumenta, e aumenta, a cada dia.

É por isso que meus sonhos são tão sacanas.

É por isso que não saio com ninguém há séculos.

Essa caminhada na corda bamba está ficando cada vez mais difícil, mas não há o que fazer. Por 1.300 dias, fui melhor amiga de Ian Fletcher, e por 1.300 dias, me convenci de que não estou apaixonada por ele. Eu apenas gosto muito, muito, de moedinhas de cobre.



Ian

Sam e eu já somos amigos há algum tempo — há tanto tempo, na verdade, que sei que ela não gosta de mim. Aqui estão quatro vezes em que ela deixou esse fato perfeitamente claro:

- Uma vez ela me disse que fica nervosa sempre que estamos muito perto. — *Você é um touro, e eu sou uma porcelana barata. Você provavelmente poderia sentar em mim e me esmagar até a morte.* O último cara com quem ela namorou era baixo o suficiente para poder usar os jeans dela.
- O tipo dela são os caras chatos de negócios, que gastam o primeiro mês de salário em uma moldura cara para seu certificado de MBA.
- Certa vez, a ouvi ao celular xingando para a mãe que *"Nunca, nunca, nunca seríamos mais do que amigos"*. Parecia uma versão Kidz Bop da Taylor Swift.
- Ah, e teve a festa de Halloween ano passado, quando ela se vestiu de Hermione, e eu tentei beijá-la e ela riu na minha cara... e depois vomitou nos meus sapatos.

Hoje é quarta-feira, o que significa que Sam já está em minha casa quando chego do treino de futebol. Sou o treinador principal da equipe

júnior de Oak Hill. Estamos invictos, e Sam nunca perdeu um jogo, embora esportes não sejam realmente sua praia.

— Por favor, diga que já começou o jantar, Senhora Secretária — eu digo quando entro e largo minha bolsa.

— Está no forno, Senhor Presidente.

Ela está na mesa da minha cozinha, curvada de costas para mim. Eu não consigo ver o que está fazendo, então me aproximo e me inclino sobre seu ombro.

Sam está espalhando purpurina em cartolinas, adicionando os toques finais aos cartazes berrantes. Eles dizem VAI, OAK HILL SOCCER e O TREINADOR FLETCHER É O Nº 1! Cartolina, cola e canetinhas lotam minha mesa. Está uma bagunça completa.

— São para o jogo de amanhã?

— Uau, temos um Sherlock Holmes aqui — ela brinca antes de sentir o cheiro do meu suor e me empurrar para longe com o quadril. — Vai tomar um banho. Você tá fedendo. O jantar estará pronto em 15 minutos.

Eu não discuto. Treinei com a equipe hoje e tenho certeza que estou podre. Entro no meu quarto e tiro a camisa. Nunca me preocupo em fechar a porta enquanto me dispo porque Sam nunca se preocupa em olhar.

Toda quarta-feira, ela e eu temos um compromisso permanente: as quartas-feiras de *West Wing*, daí os apelidos.

Esta tradição começou de forma diferente. No passado, incluía outros amigos e pessoas importantes. Os amigos se mudaram por causa do trabalho ou tiveram filhos. Nossos entes queridos também desapareceram. Não foi coincidência. Nenhum dos namorados de Sam gostou de mim. Pode ser que eu não seja muito amigável com eles. Não deixo que bebam minha cerveja. Continuei chamando o último de Biff, mesmo sabendo que seu nome era Bill. Isso sempre o deixava irracionalmente zangado, o que tornava mais fácil para mim quando eu precisava vê-lo dar um beijo de boa noite nela.

Quando saio do banheiro depois do banho, vejo que Sam colocou nossos pratos na mesa de centro. Compartilhamos uma assinatura de um aplicativo de entregas e não preparamos as refeições. Hoje à noite, ela também serviu taças com vinho barato e incluiu uma tigela de bolinhos de batata requentados, cortesia das merendeiras de Oak Hill.

Sam bota as mãos nos quadris e olha para mim. Estamos usando a mesma camiseta do *West Wing* que retrata uma campanha presidencial

de zoeira, em 1998, para Bartlet. Eu encomendei o mesmo tamanho para os dois. Dá certinho em mim. Nela, vira um vestido reto. Sam é um trocinho minúsculo — um trocinho minúsculo lindo, embora eu saiba que se falar isso, ela vai franzir o nariz e mudar de assunto. *Os bolinhos estão esfriando!* De alguma forma, Sam deve saber que é atraente; tenho certeza de que muitos caras já disseram isso a ela ao longo dos anos. Ela tem maçãs do rosto salientes e uma boca carnuda e feminina. Sua pele clara, cabelos ruivos-escuros e grandes olhos azuis que parecem vir de contos de fadas. Se ela fosse para a Disney World nas férias, crianças pequenas se agrupariam à sua volta, fazendo cara de cachorrinho que caiu da mudança e implorando por fotos.

Ela acaba de me flagrar a encarando.

Sua cabeça se inclina para o lado. A minha a imita.

— O que houve, Senhor Presidente? Uma emergência? Precisamos ir para a Sala de Reuniões de Emergências?

Lambo meu polegar e passo em sua bochecha, na testa, no queixo.

— Você estava com glitter no rosto — eu minto.

Dou a volta nela e me sento no sofá, tentando reorientar meu cérebro. Estou com fome de comida, não de Sam.

— Parece gostoso.

— É frango tandoori. — Ela faz um sotaque britânico pomposo: — Escolhi um vinho tinto robusto para harmonizar e os melhores bolinhos possíveis da variedade de batata.

Ela se senta ao meu lado, com os pés apoiados na mesa de centro. Eu sei que está de short por baixo da camiseta, mas toda semana a ilusão prega peças sacanas no meu cérebro. Vou precisar de outro banho frio assim que ela sair. Meu desejo por Sam é um grande dreno no suprimento de água potável do nosso planeta.

Terminamos todas as temporadas de *West Wing* mais uma vez. Poderíamos começar um novo programa, mas manter tradições é reconfortante. Além disso, não é como se prestássemos muita atenção quando vamos assistir. Normalmente estamos fazendo outras coisas também, como agora: Sam acabou de comer e voltou para a mesa da cozinha para terminar seus cartazes.

O celular dela está no sofá ao meu lado e acende com uma notificação de um aplicativo de namoro. O efeito sonoro que acompanha a mensagem chama sua atenção.

— Foi um match?

Eu verifico. Um cara chamado Sergio mandou uma mensagem para ela.

— Não sei por que você liga pra essa porcaria.

Ela solta um suspiro de aborrecimento e vem pegar o celular no sofá.

— Talvez porque eu gostaria de transar de vez em quando. Sou basicamente uma freira assexuada, só que sem todas as regalias do convento.

Meu pau se mexe, mas eu ignoro. Eu fiquei muito bom nessa tarefa.

— Bem, não tenho certeza se Sergio está à altura. Ele parece um cara que faz as sobrançelas.

— E daí? Isso me parece uma ótima ideia para um primeiro encontro. As minhas estão umas taturanas.

Eu levanto uma sobrançela para ela, que responde:

— Além disso, que moral você tem? As garotas com quem você sai se depilam da cabeça aos pés. Você provavelmente precisa amarrar aqueles corpos lisos e sem atrito algum para que não deslizem pela cama durante o sexo.

Eu sorrio.

— Eu até posso amarrá-las, mas não por esse motivo.

Sam imita uma sessão de vômito vigorosa.

— Que nojo. Como passamos do *meu* sucesso no Tinder para você romantizando galinhas depenadas?

— Você tem razão, voltando ao Sergio. Ele é mesmo o seu tipo?

— Esquece ele e vira de costas. Esta é a parte em que devo mandar nudes para ele, certo?

Eu me inclino para a frente e boto meu pé, antes preso embaixo do joelho, no chão. Agora ela está de pé praticamente entre as minhas pernas. Sou quase da altura dela sentado. O celular de Sam ainda está na minha mão, e eu olho algumas das fotos do cara.

— Hmm, ele é baixo. Muitos baixinhos são como chihuahuas: só ladram, não mordem.

Uma sobrançela delicada se arqueia em desafio.

— Oh, então você está dizendo que você morde bastante?

Nossa conversa está entrando em um território perigoso. Eu quero esticar o braço e deslizar a mão em torno de sua coxa, em seguida subir, até entrar por baixo de sua camisa... traçar a curva de sua bunda...

Em vez disso, eu me recosto, criando um espaço muito necessário entre nós.

— Só estou comentando, qualquer cara que tira selfies e depila as sobrancelhas vai ser egoísta na cama.

— Tudo bem, sempre me senti mais como uma doadora. Além disso, não me lembro de ter pedido conselhos.

Ela olha para o celular, e uma linha profunda de raiva se forma entre suas sobrancelhas quando percebe que mandei uma mensagem para Sergio por ela.

SERGIO: Oi, bb

SAMANTHA: Quantos filhos você gostaria de ter? Quero uns 10.

— *Ian!*

— Ele mandou uma mensagem cheia de *letras*. Achei que o pré-requisito para conversas no Tinder era pelo menos ser moderadamente inteligente. Ele abreviou uma palavra de quatro letras.

Ela se volta para a mesa da cozinha.

— Essa conversa acaba agora.

Eu não costumo sair para encontros mais. Não consigo me lembrar da última vez que gostei de passar um tempo com uma mulher que não fosse Sam. Acho que foi com a minha mãe, quando voltei para casa no Natal. Muito maneiro.

Parte do motivo pelo qual estou sozinho é que estou cansado das mesmas brigas de sempre. Nos relacionamentos anteriores, sempre havia o mesmo ultimato: namorada ou Sam. Eu sempre escolhi a Sam, e elas sempre cumpriram a ameaça e foram embora.

Talvez eu devesse começar a usar aplicativos de namoro também.

Alguns dias depois, peço a Sam para dar uma olhada no meu perfil do Tinder enquanto estamos sozinhos na copiadora da escola.

Ela geme de aborrecimento.

— Você está fazendo tudo errado. Você deveria dizer algo espirituoso, não apenas detalhes chatos sobre sua vida, e há fotos mais sensuais que você poderia ter escolhido.

Ela apaga as palavras que levei cinco segundos para digitar.

— O que há de errado em dizer a elas que sou professor de química?

— Você deve dizer isso de uma forma espirituosa, tipo: “eu dou aula de química, vamos ver se há alguma entre nós”.

— Que péssimo. Sério, é horrível.

— E você nem botou uma foto sem camisa. Qual é o sentido de todo esse tempo gasto na academia se você não vai exhibir os resultados?

— Não tenho nenhuma foto minha sem camisa.

Quem tem?

Sam estala os dedos como se tivesse a solução perfeita.

— E quando fomos à praia no verão passado? Tem aquela foto nossa juntos no Facebook. Minhas tias babaram por você por dias, e infelizmente quero dizer isso no sentido literal. Quando eu disse que éramos apenas amigos, uma delas me pediu seu número.

— Ah, perfeito. Vamos pular o Tinder e ligar para ela então.

— Ela tem 68 anos.

— Primeiro encontro em um restaurante a quilo? Desconto para idosos?

Ela empurra meu celular contra o meu peito e balança a cabeça.

— Quer saber? Pensando bem, acho que você não deveria usar um aplicativo de namoro. Vai ser impactante demais para alguém tão bonito quanto você.

— Você usa — eu aponto.

Sua expressão deixa claro que ela acha que estou brincando. Quero colocá-la na copiadora e provar meu ponto. Pressionar sua bunda contra o vidro, a luz brilhante passando, e depois plastificar as cópias e as pendurar no chuveiro.

— É diferente — Sam diz enquanto suspira, quase parecendo triste.

— Como?

— Eu não sou o tipo de todo mundo. Seu rosto é considerado universalmente bonito.

Eu não respondo seu elogio.

— Sergio te respondeu naquele dia?

Ela franze a testa para mim.

— Sim, ele me disse que não daríamos certo mesmo depois que eu tentei consertar a bagunça que você fez. Por que você está sorrindo

assim?

— Ah, só estou pensando no que vou comer no almoço.

Depois da escola e nos fins de semana, geralmente fico com a Sam. Passamos 99% do nosso tempo juntos. Isso é estranho para meus pais e nossos outros amigos (um ou dois que passaram por aqui), mas foi uma coisa que aconteceu gradualmente. Os jantares ocasionais tornaram-se jantares quinzenais e assim por diante. A esta altura do campeonato, somos totalmente dependentes um do outro. Não consigo me lembrar da última vez que comi sozinho — ah, espera, sim, lembro: foi naquela vez que comprei Jimmy John's para mim a caminho do apartamento de Sam, alguns meses atrás.

— Merda, eu deveria ter trazido algo para você — eu disse assim que ela abriu a porta e olhou para baixo.

— Não, tudo bem. Tenho muita comida aqui.

Ela sentou comigo no sofá alguns minutos depois, carregando um prato que continha o seguinte: uma cenoura, um pedaço de queijo mofando e meia fatia de carne vencida. Era peru, a julgar pela cor pálida e entristecida.

— Como está o seu sanduíche quentinho? — ela perguntou, pegando a cenoura.

Obviamente, eu dividi meu sanduíche e dei metade para ela. Lição aprendida.

Normalmente temos muitas tarefas para fazer à noite: redações e correções para ela, provas de química e relatórios de laboratório para mim. Hoje à noite, porém, eu a convenci a ir à academia comigo. Ela odeia demais fazer isso. No carro, a caminho, Sam faz um monólogo inteiro sobre como é louvável que eu me importe tanto com minha saúde física e bem-estar, mas que acha que é mais importante focar nos benefícios de saúde mental e emocional de um estilo de vida sedentário.

— Por que você acha que existe todo um gênero de roupa chamado *athleisure*? Eu não estou sozinha nessa.

Eu a empurro para dentro da academia e começamos a seguir caminhos separados. Nós tentamos treinar juntos, mas me distraio muito. Na verdade, venho para cá com um propósito, enquanto Sam só quer conversar e tomar alguma coisa do balcão de smoothies. E ela gosta de usar tops justos e calças de ioga, e talvez eu ache que isso vai

me distrair mais do que conversar. Ela dá um passo para trás e faz um aceno exagerado.

— Se eu não te encontrar aqui em uma hora é porque estou me escondendo em algum canto chorando! Divirta-se!

Um rato de academia marombado a ouve enquanto passa e oferece um sorriso escroto.

— Você é nova aqui? Posso te ajudar com as máquinas, se quiser. Meu nome é Kevin. Eu trabalho aqui.

Seus olhos se arregalam, e ela parece petrificada.

— Oh, não, obrigada, Kevin — ela diz com firmeza e rapidez antes de se virar e começar a correr na direção oposta.

Kevin olha para mim em busca de uma explicação, mas o máximo que encontra é uma cara feia.

Hoje à noite, Sam optou por uma aula de ginástica comandada por uma professora corajosa de cabelo rosa. Por uma hora, eu treino nas máquinas enquanto olho de canto de olho para ela dentro da sala perto dos fundos da academia. As paredes são feitas de vidro. Há uma dúzia de outras mulheres dançando, dando chutes e se movendo ao lado dela, mas Sam está perto do fundo, de modo que é fácil observá-la através do vidro enquanto tenta desesperadamente acompanhar tudo. Ela realmente não é tão ruim. O que falta em força física, Sam compensa em entusiasmo, e seu rabo de cavalo vermelho está balançando descontroladamente.

Eu termino em uma máquina e passo uma toalha na testa enquanto a professora inicia uma série de alongamentos. Sam dá um passo com as pernas abertas e se inclina para a frente, a fim de se abaixar e tocar o chão. Sua bunda fica em destaque na calça de ioga mais apertada que ela tem. Preciso enfiar a toalha na boca e morder.

A máquina de bíceps mais próxima manteve uma fila constante na última hora. Está enferrujada e velha e, no entanto, todo mundo quer fazer uma série nela. Tem um cara agora que nem tá fingindo direito que está treinando. Não há pesos, ele está apenas puxando a corda frouxa enquanto olha para Sam, boquiaberto. Eu quero torcer o pescoço dele.

A cabeça de Sam aparece entre suas pernas enquanto ela se alonga, e quando me vê olhando, sorri e acena com entusiasmo.

— Oi! — ela murmura.

Os caras pairando perto da máquina de bíceps olham na minha direção, e quando Sam se vira, eu os dispenso com um gesto. Eles saem correndo como baratas quando se acende a luz.

Estou no meio de uma série no leg press quando ela vem me encontrar mais tarde. Estou com os fones de ouvido e não noto até que ela para bem aqui, a alguns centímetros de distância, suada e respirando com dificuldade.

Interrompo a música, mas continuo com minha série. Ela observa, os olhos estudando minhas pernas como se fossem animais selvagens prestes a atacar.

— Como foi a aula? — pergunto, lentamente olhando suas bochechas coradas e o pescoço, descendo até a frente de seu top preto apertado. Ela olha para cima, e eu desvio meu olhar antes que ela me flagre.

— Bem divertido, na verdade. Você viu?

Era tão óbvio?

— Eu acho que posso ter visto alguns momentos de passagem.

Ela tenta esconder um pequeno sorriso.

— Então você viu quando fizemos aquele cardio lá, de dança, no começo?

Sim.

— Não, devo ter perdido essa parte.

— Ugh! Foi a minha parte favorita! De qualquer forma, com certeza voltarei. Eu odeio fazer as máquinas aqui, mas aquela aula nem parecia um treino. Quero dizer, obviamente foi... — Ela puxa a regata suada para provar.

Faço uma pausa no leg press e pego minha água.

— Olha, sente aqui. Acho que fiquei mais forte só fazendo aquela aula.

Ela está flexionando os bíceps. Não acho uma boa ideia tocar nela agora.

— Ian! Valorize meus *gains*!

— Consigo valorizá-los daqui, seu marombeiro.

Ela puxa minha mão e a coloca em seu bíceps. Sua pele é delicada e quente. Minha mão se fecha em torno de seu braço, não com força, mas parece estranhamente... íntimo. Observo seu sorriso vacilar e quase digo: *Você pediu por isso, lembra?*

Ela se afasta e esfrega o braço como se estivesse tentando remover piolhos de cima da pele.

— Pumpzão, né?

Eu afago seu ego.

— Precisa tomar cuidado com esses braços aí.

— Falta muito para você acabar?

— Só mais uma série.

— Ok, continue. Eu vou ficar aqui assistindo.

Eu arqueio uma sobrancelha, mas sendo fiel à sua palavra, ela observa em silêncio enquanto eu termino as últimas repetições no leg press. Na verdade, ela está olhando com tanta atenção, que preciso cerrar os dentes com força para não a puxar para cima de mim.

Aparentemente, eu não sou o único que está penando aqui. Ela abana o rosto, e eu abro um sorriso zombeteiro.

— *O que é?* — ela geme. — Estou suando por causa da aula!

— Eu não disse nada.

Sam não acredita, ergue as mãos e se vira, me oferecendo outro vislumbre do traseiro que está me matando a noite toda.

— Vou esperar no carro!

— Você vai precisar das chaves. Eles estão aqui na minha bolsa.

Ela não se vira enquanto faz um aceno por cima do ombro.

— Vou esperar lá fora então!

O cacete que vai.

Encurto minha última série e vou atrás dela.

No caminho para casa, Sam fica em silêncio até passarmos por sua sorveteria favorita; ela insiste em entrar. Enquanto provamos os sabores, ela se vira para mim, os olhos azuis voltados para o meu peito.

— Só para deixar claro, eu não estava de olho em você lá na academia. Eu estava considerando a possibilidade de um trabalho noturno como personal trainer, agora que sou uma rata de academia.

— Certo.

— E claro, fiquei meio impressionada com você, só isso. Você é um cara impressionante.

Ainda assim, ela não me olha nos olhos

— Sam? — digo, tentando aliviar qualquer estranheza que esteja acontecendo entre nós. — Você é impressionante também, tipo muito

impressionante. Sério, como você ficou tão impressionantemente... impressionante?

Ela me empurra de brincadeira, vira-se para o garoto no balcão e diz a ele que vou pagar pelas três bolas de sorvete de chocolate com gotas de chocolate por cima que ela quer.

— Em uma casquinha. Ah, e com uma cereja no topo! — ela acrescenta, virando-se para mim. — Impressionado?

Na manhã seguinte, espero por Sam do lado de fora da sala principal de conferências. Temos uma reunião de equipe com o restante dos professores de níveis avançados. Hoje, Sam está usando um delicado vestido amarelo. Eu mexo na lapela.

— Muito formal e adequado.

— Arram, me poupa. Você odeia este vestido. Na última vez que o usei, você me disse que parecia que eu estava indo para o meu primeiro dia no jardim de infância.

Eu disse mesmo, mas era porque ficava tão bem nela, que precisava impedi-la de o usar novamente, para o meu bem e de todos os membros interessados em mulheres da equipe de Oak Hill.

Essas reuniões de equipe são um porre, e Sam e eu geralmente acabamos matando tempo com um jogo da velha por baixo da mesa. Só fomos pegos duas vezes. Agora estamos mais cuidadosos.

Hoje, George, nosso vice-diretor, está comandando o show, e leva 15 minutos para fazer todos se acalmarem. Ele começou a lecionar na mesma época que a gente, mas se voltou para a parte administrativa quando abriu uma vaga bem remunerada. No fundo, todos nós sabemos que ele é somente um de nós. Como resultado, ele nunca obteve o respeito que merece.

Como agora, que ele está tentando conseguir voluntários para ministrar um curso de educação sexual. Eles costumam fazer esse tipo de coisa no ensino médio, mas aparentemente o distrito acha que nossos veteranos precisam de um curso de atualização.

Ninguém oferece ajuda, e então o braço de Sam se ergue.

— Por que Ian não faz isso? Ele pode apresentar o módulo de abstinência com base em sua experiência na área... ou na falta dela.

Todos riem, e eu sorrio, bem-humorado. Uma das professoras de educação física chama minha atenção, posiciona a mão como se fosse

um celular contra a orelha e move a boca pra falar sem emitir som:
Ligue para mim.

George franze a testa.

— Muito engraçado, sra. Abrams. Ainda assim, vou aceitar a recomendação. Ian, você comandará o curso. Alguém mais gostaria de se voluntariar para ajudá-lo?

Todas as mãos conectadas ao corpo de professoras são erguidas, exceto a de Sam. A professora de educação física levanta as duas mãos e as balança violentamente.

Jorge sorri.

— Bem, que visão maravilhosa ver tanta excitação logo de manhã!

— *Literalmente* — Sam sussurra para mim.

Eu sorrio.

— Vamos fazer o seguinte, vou deixar para Ian decidir quem ele gostaria que o acompanhasse durante o curso.

Há gemidos audíveis quando todas percebem ao mesmo tempo quem vou arrastar comigo.

Sam me diz que meu sorriso de gato de Cheshire é impróprio para a ocasião.



Sam

Quando ACABA A reunião de equipe, Ian e eu nos levantamos ao mesmo tempo. Hoje, usando sapatilhas, só chego até o meio de seu bíceps. Percebo isso quando tentamos nos mover um ao redor do outro e meu nariz bate contra um músculo. Dói como se eu tivesse acabado de bater em uma parede de tijolos.

— *Ai, Jesus.*

Ele estende a mão para me estabilizar, e eu encaro atentamente seu peito antes de me soltar.

Não. Não pode haver contato, não se for esperado que eu mantenha o status quo *Amigos*, com A maiúsculo.

— Senhorita Abrams, posso falar com você? — George pergunta da frente da sala de conferências.

Eu não sei quem ele quer enganar com toda essa formalidade. Eu já o vi furando uma lata de cerveja light e bebendo tudo na pressão depois de um jogo interno de kickball.

Ian murmura algo sobre meu vestido amarelo, mas não consigo ouvir.

— O que disse?

Ele balança a cabeça.

— Quer que eu espere com você?

Eu sorrio.

— Acha que estou em apuros pelo comentário sobre a abstinência?

— Ou isso ou rolou um flagra por causa do jogo da velha de novo. Você não deveria ter dado um soquinho no ar depois daquele último jogo.

— Eu tinha acabado de vencer o terceiro e último confronto de melhor-de-três. O que eu deveria fazer? Vencer com graça e desenvoltura?

— Desenvoltura? Vocês, professores de humanas, usam palavras muito bizarras.

— Senhorita Abrams? — George chama impaciente.

Ian puxa a ponta da minha trança.

— Boa sorte. Não hesite em suborná-lo com uma caixa de cerveja light.

Eu faço uma expressão de intensa preocupação.

— Ok, e vou dizer a ele que o jogo da velha foi ideia sua.

Acontece que não estou encrencada. George tem uma tarefa para mim.

— Como você provavelmente já ouviu falar, Jen está saindo de licença-maternidade mais cedo do que o esperado, então a substituta a longo prazo chegará amanhã de manhã. Eu gostaria que você mostrasse as coisas a ela, sabe, fazer um tour.

Eu sibilo.

— Ah, cara, eu faria, se pudesse, mas estou cuidando da saída dos alunos.

Sua experiência como administrador claramente lhe ensinou alguns truques, porque ele já está preparado para a minha desculpa.

— Eu já botei alguém para te cobrir esta semana e na próxima.

Eu sorrio, repassando mentalmente minha lista de cartas para sair da prisão.

— Ah, é? Eu poderia usar esse tempo para me preparar para o lance da educação sexual...

— Preparar? Todo o material vem pronto do estado. Você vai ficar lá apenas para colocar uma camisinha em uma banana e tirar dúvidas

Meu cérebro dá bug, e fico sem opções. *Você ganhou esta rodada, George.*

— Tá bom. Qual é o nome da substituta?

— Ashley. Vou avisar a ela que deve te encontrar amanhã às sete e meia da manhã.

A professora substituta está esperando por mim do lado de fora do escritório principal bem cedo. Ela está vestida com excesso de zelo, um blazer preto e saia lápis combinando. Parece que vai me representar em um caso da Suprema Corte. Com sinceridade, não posso deixar de notar que parece uma das antigas namoradas de Ian. Loira e alta, com certeza com menos de 23 anos.

Aparentemente, ela pensa o mesmo de mim, só que mais jovem ainda.

— Com licença, aluna, você sabe onde posso encontrar a sra. Abrams?

Quando eu digo a ela quem eu sou, Ashley fica vermelha.

— Ai, meu Deus, me desculpe. É só que você é tão... pequena.

Eu endireito os ombros. Só para constar, não sou *tão* pequena assim.

— Certo, bem, eu preciso fazer um tour com você, então vamos lá.

A escola é enorme, e é fácil se perder. Resolvo fazer o básico e evito lugares como o salão da banda e a sala de teatro. Ela nunca vai se lembrar de tudo, então foco somente no que é importante.

— Essa é a sala do servidor. O cara do TI do campus vende maconha, ouvi dizer.

Entramos em outro corredor.

— E aqui está a sala de arte. Você notará que a sala de suprimentos de arte tem um cheiro muito parecido com a sala do servidor — insinuo com uma piscadela e um cutucão.

Os olhos infantis de Ashley se arregalam, e penso que talvez eu devesse tê-la levado ao salão da banda. Ela parece horrorizada.

— Err, é brincadeira. Vem, vou te levar até sua sala de aula.

Nosso tour acaba bem rápido, mas pelo visto não é tão fácil causar uma impressão ruim em Ashley. Na hora do almoço, ela está na porta da minha sala me esperando. Deixou de lado o blazer, o que a faz parecer um pouco menos arrumada. Em sua mão há uma lancheira com um monograma da Vera Bradley.

— Se importa se eu almoçar com você?

Sei que Ian vai gemer quando entrar e encontrá-la em nossa mesa. Ele odeia novas adições à mesa, acha que elas atrapalham a sagrada

casualidade do refeitório. Ainda assim, dou de ombros e sorrio.

— Claro que não.

Quando chegamos, me sento e começo a preparar minha comida. A refeição de hoje inclui sobras de espaguete, feijão verde e meia barra de Hershey's. Com certeza brigaremos pelo chocolate.

Sinto a mão de Ashley no meu braço, que ela aperta com força.

— Ai, meu Deus, *quem é aquele cara?*

Não sei de quem ela está se referindo porque meu foco está nos dedos dela. Ela está prestes a arrancar minha pele. Solto meu braço e aliso para aplacar a dor. Enquanto isso, Ashley endireita os ombros e afofa o cabelo. Um dedo esfrega os dentes da frente, para confirmar que não há nada grudado ali, e então ela abre um sorriso ainda maior. Eu sigo seu olhar e vejo Ian na fila do micro-ondas. Parece que ele trouxe sobras de espaguete também. Isso é o que acontece quando comemos os mesmos jantares na maioria das noites.

— Ele é um professor? — ela pergunta, toda ofegante e afetada. Soa como se estivesse no meio de uma onda de calor.

— É só o Ian.

Só o Ian é o maior eufemismo do século, e Ashley sabe disso. Ele parece um ator de Hollywood tentando interpretar um professor comum, e Ian nem está fazendo um ótimo trabalho. Seu olhar se volta para mim, e ela franze a testa, profundamente confusa sobre como um homem tão bonito quanto ele poderia ter um modificador como “só” antes de seu nome.

— Você o conhece?

— Sim. Ele e eu somos bons amigos. — *Melhores* amigos.

— Ah, tá. — Seu sorriso lentamente se abre ainda mais, e isso faz meu estômago doer.

— Ele é solteiro?

NÃO. Não. Nein. *No*.

Eu olho para a mesa e me forço a contar a verdade.

— Sim.

Escuto um som de disco arranhando quando todos os olhos se voltam para mim. Garfos param no meio do caminho e não entram nas suas respectivas bocas. Os olhares se arregalam. Os pássaros viram a cabeça para olhar e se chocam contra os prédios.

Uma cadeira range ao lado da minha e olho por cima do ombro, vendo as Quatro dos Calouros olhando em minha direção. Elas são basicamente o grupo das populares da escola, só que adultas — as professoras que cuidam dos programas de líderes de torcida e equipes de treinamento em Oak Hill. Mulheres que nunca encontraram uma agulha de Botox de que não gostassem.

A líder delas, Bianca, aproxima suas extensões de cílios e sussurra:

— Espera, pensei que você e Ian estivessem namorando há... milênios?

Eu me viro em sua direção, preocupada que ele possa ouvir esta conversa. Felizmente, a professora de educação física o envolveu em algum tipo de conversa perto do micro-ondas. Ela é a única mulher que eu já vi que poderia desafiá-lo no quesito altura.

— Pois é. Que papo é esse de que ele é solteiro? — sua fiel escudeira, Gretchen, entra na conversa. — Vocês namoram há anos!

— O quê? — Balanço a cabeça com firmeza. Um suor frio brota em minha testa. — Não, não namoramos.

— Você está falando sério?

— A gente achou...

Claramente houve um equívoco sobre nós. Por sermos amigos e passarmos tanto tempo juntos, todos naturalmente assumem que somos um casal. Estou horrorizada ao pensar que esse boato ressurgiu. E se Ian achar que eu o espalhei?

— Não, não, Ian e eu somos apenas amigos.

Bocas escancaradas se modificam para sorrisos satisfeitos. Minhas palavras são como uma bandeira quadriculada ondulante. O jogo começou.

Ian se junta a nós alguns minutos depois, e quero que Ashley desapareça para que possamos conversar em particular. Preciso contar o que acabou de acontecer e garantir que ele saiba a verdade. Eu nunca disse a ninguém que namorávamos. Não faço ideia de como o boato começou.

Ashley se apresenta e seu cabelo brilha como a luz do sol.

— Vou ficar aqui por alguns meses. Estou substituindo a sra. Baker enquanto ela está de licença-maternidade.

— Legal. Prazer em conhecê-la. Sam, que tipo de troca posso fazer por esse teu Hershey's? Eu realmente preciso dele hoje.

— O quê? Ah. — Eu empurro o chocolate para o lado dele da mesa.
— Pode ficar.

— Sêrio? Estou disposto a trocar por esses Cheez-Its, seus favoritos.

Perdi o apetite e não consigo nem olhar para ele, em vez disso, balanço a cabeça e concentro minha atenção no meu macarrão.

— Obrigada, mas não estou com tanta fome. Pega logo o chocolate.

— De onde você é, Ian? — Ashley pergunta com entusiasmo forçado.

— Daqui. Sam, por que você está agindo tão estranho?

Eu solto uma risada uma oitava acima, como se estivesse dizendo um *“ha-ha-ha do que diabos você está falando?”* Eu sei que preciso olhá-lo nos olhos para que eu possa manter essa negação plausível. Meu olhar vai do meu espaguete para Ashley, para o teto, para Ian, depois de volta para o meu espaguete. Pronto. Viu, nada de errado rolando.

— Um rapaz local, que legal! — Ashley responde. — Cresci a uma hora daqui, em uma pequena cidade chamada Frisco.

— Você mal tocou na comida — Ian aponta para mim.

Dou uma bocado no espaguete para provar que ele está errado. Eu mastigo, e mastigo, mas a comida fica alojada na boca. Sou forçada a engolir com uma quantidade dramática da água de Ian.

Ashley continua, alheia ao fato de que ninguém está prestando atenção nela.

— Sim, Frisco é legal, mas Oak Hill é muito melhor. Talvez você possa me mostrar algum dia. Então, você dá aula de quê?

— Química.

Ela bate no braço dele.

— Não brinca! Era minha matéria favorita na faculdade.

Quero pedir a ela que nomeie um único elemento da tabela periódica. Só um. Além disso, quero enfiar meu garfo nas costas de sua mão errante.

Uma sombra de repente surge sobre a nossa mesa, e eu olho para cima, vendo as Quatro dos Calouros pairando sobre nós como vampiras. Elas estão sorrindo para Ian, com as presas para fora, prontas para chupar qualquer coisa.

— Ian! Ei! — Bianca diz como se fossem amigos de infância que conversam o tempo todo. — Estávamos aqui nos perguntando: quando é seu próximo jogo de futebol?

Ele franze a testa, profundamente confuso com a pergunta.

— Quinta-feira que vem.

Bianca bate palmas.

— Não brinca! Perfeito. Não temos ensaio de torcida ou dança nesse dia.

— Estaremos nas arquibancadas! Procure-nos! — Gretchen diz, um pouco entusiasmada demais.

Bianca a tira da frente e sorri.

— Futebol? Você é um treinador? — Ashley pergunta.

O olhar de Bianca se volta para ela.

— E você, quem é?

— Ah, hm, meu nome é Ashley, sou a substituta da sra. Baker.

— Desde quando deixamos as *subs* entrarem no lounge? De qualquer forma, Ian, nos avise se a equipe precisar de lanches. Podemos trazer aquelas rodelas de laranja e Gatorade!

— Vou fazer barras de granola! — Gretchen se voluntaria.

— Pare de ficar desesperada, Gretchen — Bianca sussurra.

O resto do almoço é uma merda total. Ian mal tem tempo de comer, pois é inundado de tudo quanto é canto por mulheres brancas solteiras. Sempre achei que a ideia de um cara precisar espantar mulheres no cio com um spray de água era modo de dizer, mas parece que Ian precisa de uma mangueira de bombeiro agora. Eu me sinto mal por ele, mas me sinto pior ainda por mim. Antes desse almoço, a popularidade de Ian estava em baixa. As mulheres ainda davam em cima dele, mas mantinham tudo em níveis normais e contidos. Agora percebo que é porque elas presumiram que ele estava comprometido, e minha estupidez pode muito bem ter colado um sinal *à venda* em sua covinha direita.

O que diabos eu fiz?



Ian

Todo ano, o coral de Oak Hill faz uma arrecadação de fundos nas duas semanas que antecedem o Dia dos Namorados. Por cinco dólares, eles entregam uma rosa vermelha a um aluno de sua escolha. Dez dólares, e eles vão entregar uma rosa e uma barra de chocolate. Por vinte dólares, sua paixonite desavisada ganha tudo isso e mais um ursinho de pelúcia, e por cinquenta, o coral de jazz faz uma serenata para a pessoa bem no meio de um dia letivo.

É ridiculamente exagerado.

Os professores não devem se envolver, por razões óbvias.

Ainda assim, Sam e eu abusamos do sistema nos últimos três anos.

No primeiro ano, fiz com que cantassem “I’m a Barbie Girl” para ela durante o primeiro horário. Ela se vingou com “I Like Big Butts”.

No ano passado, nós misturamos tudo. Ela os fez representar um poema original que ela havia escrito, principalmente para divertir meus alunos de química. Tinha versos como *Não seja tão Boronco, sr. Fletcher, ou um dia você vai descobrir que seus alunos Argonizam em suas aulas.*

Para as crianças, é divertido e provavelmente um pouco constrangedor, mas também um pouco confuso.

— *Por que você e a sra. Abrams estão enviando cartões de dia dos namorados um para o outro?*

Quem se importa? São os melhores cinquenta mangos que gasto o ano todo.

Por causa de nosso talento para nos torturar, os garotos do coral sabem que somos alvos fáceis. Este ano, um monte deles veio me pedir doação. Eu continuo mandando-os embora. Ainda não pensei na música perfeita, embora o Dia dos Namorados seja daqui a apenas uma semana.

Durante o quarto tempo, outro garoto com uma camiseta do Coral OHHS bate na minha porta. Ele está carregando dois ursinhos de pelúcia e cinco rosas.

— Outra entrega, sr. Fletcher!

Meus alunos vibram.

— Quantas namoradas você *tem*? — um adolescente ousado pergunta, parecendo impressionado.

Eu lembro à classe de que eles só têm cinco minutos restantes para terminarem o teste surpresa. Há gemidos audíveis e então lápis começam a voar sobre os papéis.

O aluno do coral entende a deixa e entra na ponta dos pés na minha classe para entregar meus presentes discretamente. Eu me preparo para o pior, mas, felizmente, eles não são todos para mim — apenas metade. Eu coloco as flores em uma caneca de café na minha mesa e os ursos são jogados na pilha ao lado da minha bolsa. Para um transeunte desavisado, parece que tenho um fetiche por pelúcia.

Minha coleção tem crescido intensamente nos últimos dias. A princípio, achei que Sam estava me pregando uma peça. Faria sentido; o lance da música não é mais tão engraçado. Achei que este ano ela havia mudado de tática, até que comecei a ler as mensagens que vinham junto deles.

Os presentes não vêm de Sam, mas sim de outras professoras da escola. O lote de hoje é da Bianca e da Gretchen. Bianca até reservou um tempo para beijar seu cartão com um batom vermelho, então quando abro o bilhete, ele acidentalmente suja meu polegar. Meu rosto se transfigura para puro desgosto enquanto limpo o dedo na beirada do assento. *Sai, sai.*

O aluno do coral se vira para sair, mas eu agarro a parte traseira de sua camisa. Ele tropeça e eu o endireito.

— Quanto tempo mais esta arrecadação de fundos vai durar? — pergunto, desesperado.

— Mais uma semana — ele responde, sussurrando em respeito aos meus alunos fazendo o teste. — Espero que alcancemos nosso objetivo

e então todos possamos ir para a Disney, para as competições nacionais, aí vamos competir no palco principal!

Ele diz “palco principal” com brilho nos olhos. Ele confundiu meu desespero com curiosidade.

Eu aponto com o queixo para as rosas e ursos que sobraram em seus braços.

— Para quem são esses?

Ele sorri.

— Abrams. Não devemos prestar atenção nesse tipo de coisa, mas vocês dois têm o maior número de admiradores até agora este ano!

— *O quê? Quem? Como?*

Seu sorriso desaparece, e percebo que estou segurando sua camisa com tanta força, que estiquei a gola. Eu solto e a aliso. Eu provavelmente deveria parar de tocá-lo agora.

— Como assim? — pergunta.

O garoto está nervoso. Seu brilho no olhar se transformou em lágrimas de medo.

Eu o conduzo para fora da sala de aula para que nossa conversa não seja ouvida.

— Então esses presentes são para ela?

Ele balança a cabeça lentamente.

— Deixa eu ler os bilhetes dela.

Seus olhos estão totalmente arregalados, enquanto ele aperta os presentes contra o peito.

— Você não pode ler! Tenho o dever e a honra de proteger a santidade e a privacidade de...

Arranco um deles de seu aperto trêmulo. A criança precisará de terapia depois desse encontro.

Rosas são vermelhas.

Violetas são de arrasar.

Você é a professora mais gostosa de Oak Hill.

Partiu Netflix no sofá?

Essa obra de arte de nível acadêmico foi feita por Logan, o coordenador defensivo do time de futebol americano. Não estou muito preocupado, porque conheço Sam o suficiente para ter certeza de que ela não será cortejada por uma oferta de sexo e ensopadinho de carne.

— Me dá o outro.

— Senhor Fletcher, por favor! Você perdeu sua envergadura moral?!

Ele olha para o longo corredor, com medo de alguém o considerar meu cúmplice.

Eu o arranco de sua mão. O bilhete seguinte é ligeiramente melhor porque não está disfarçado de poema.

Feliz Dia dos Namorados, Samanta!
Talvez você e eu possamos tomar um café em algum
momento,
se você quiser, que tal?

Esse é do professor de fotografia, Malcolm. Ele é do tipo de Sam, ou seja, mal bate em meus cotovelos.

— Quantos bilhetes já foram entregues a ela?

— E-eu não sei — ele gagueja. — Só me escalaram para o serviço de entrega esta manhã!

A coleção dela é provavelmente tão grande quanto a minha.

Merda.

Sei que Sam tem seu quinhão de admiradores em Oak Hill. Ela é a mistura perfeita de doce e sexy. Ela é legal com todo mundo. Ela sorri e se lembra dos aniversários das pessoas. Seu tipo de humor é viciante, e é a combinação destas qualidades que chama a atenção de todos os homens. Já faz um bom tempo que corre um boato de que estamos namorando, e fiz questão de nunca confirmar ou negar. As pessoas pensarem que somos um casal tornou minha vida muito mais fácil. Isso tudo mudou ontem. Não sei o que ela disse a Ashley durante o almoço, mas desde então três caras vieram à minha sala tentando obter informações sobre Sam.

— *Qual é a flor favorita dela?*

— *Qual é a cor favorita dela?*

— *Ela gosta de chocolate?*

Que merda de perguntas são essas? Há pessoas neste planeta que *não* gostam de chocolate?

— Quanto ainda falta para sua meta pessoal de arrecadação de fundos? — pergunto ao garoto enquanto ele geme algo sobre provavelmente ser expulso da função de cupido.

Minha proposta é compreendida imediatamente, e ele recupera a compostura tão rapidamente, que concluo que o garoto tem futuro na Broadway.

— Duzentos e cinquenta dólares — ele afirma com um tom uniforme, mas cheio de expectativa.

— É muito dinheiro para tentar ganhar à moda antiga. Você é bom em guardar segredos?

Ele dá de ombros, fingindo tédio. Em seguida, olha as próprias unhas.

Que bom. Ele entendeu.

— Toda vez que a sra. Abrams receber algo de um admirador, traga para mim. Pago vinte dólares por cada.

Sua sobancelha se arqueia.

— Eu sei que você ganha salário de professor, mas acho que pode fazer melhor do que isso.

Eu gostaria que não fosse contra as regras bater nos alunos.

— Cinquenta dólares.

Ele estende a mão para mim.

— É um prazer fazer negócios com você, sr. Fletcher.

Eu justifico minhas ações dizendo a mim mesmo que minha contribuição monetária vai para a caridade. Esses garotos cheios de espinha vão cantar no palco principal porque não suporto a ideia de Sam tomando café com outro homem.

Quando meu horário livre chega, já recebi mais quatro ursos para mim e cinco para Sam. Meti os bilhetes de amor que os acompanham na gaveta da minha escrivaninha. Eu me sinto mal pela desonestidade, especialmente quando ela entra e dá uma olhada na coleção acumulada atrás da cadeira.

Suas sobancelhas se animam.

— Quantas admiradoras. Só recebi uma rosa insignificante hoje.

Que diabos? Como a rosa se esgueirou até ela? As crianças de hoje em dia não são confiáveis para merda nenhuma.

— De quem era? — pergunto, continuando a avaliar os questionários como se a resposta dela não me interessasse.

— Da professora de educação física.

— Sra. Lourenço?

— Sim. Você não é o único que ela gosta.

Eu sorrio, satisfeito.

— Vai tentar algo com ela? Você nunca me pareceu alguém que poderia jogar no outro time.

Ela pega um dos ursos e olha para ele com melancolia.

— Quer saber, Fletcher? Talvez eu tente.

Neste fim de semana, precisamos comparecer a uma festa de inauguração na casa do diretor Pruitt. Não é bem a nossa ideia de diversão. Sam vem até minha casa com antecedência, e quando abro a porta e a vejo usando um vestido vermelho, decido que preciso de uma dose de Fireball. Eu me sirvo, e Sam insiste que precisa de uma também. Espero que a gente não continue mandando shots iguais para dentro, porque ela tem cerca de metade do meu peso corporal.

Ela está muito sorridente esta noite, encantadora. Todos no nosso grupo na festa estão atentos a cada palavra dela. Sam está muito sexy nesse vestido. Não é muito decotado, mas, mesmo assim, minha mente preenche as lacunas. Peço licença para pegar algumas bebidas e localizo o diretor Pruitt cuidando da churrasqueira. Ele está vestindo uma camisa havaiana folgada e um colar de flores de plástico em volta do pescoço. Ele inclina sua Corona em minha direção, mas sob nenhuma circunstância vou ser atraído para uma conversa com ele sobre as sutilezas de diferentes lascas de madeira para defumar na grelha. Eu aponto para as bebidas, e ele ergue o dedão para mim.

Estou surpreso que haja álcool nesta festa. Não é um evento sancionado pela escola, mas toda a equipe está aqui. Mas acho que faz sentido — levando em conta a camisa havaiana e as cervejas grátis, dá para ver que o diretor Pruitt está se esforçando para ser o pai descolado, só que da administração.

— *Caaara, aquele superintendente é muito rígido, mas você pode me procurar para qualquer coisa* — disse ele na semana passada, após uma reunião distrital, dando um tapinha no meu ombro. — *Eu sempre quero ter canais de comunicação abertos e relaxados entre mim e minha equipe.*

Eu deveria dizer a ele que dizer frases como “canais de comunicação abertos e relaxados” o faz soar mais como um executivo e menos como um de nós.

Estou abrindo uma cerveja quando Logan, o técnico de futebol americano, entra na fila atrás de mim.

— Ei, cara, camisa legal — diz ele com um aceno de cabeça em minha direção.

Eu não ia vir, mas Sam insistiu que tínhamos que mostrar a cara. Enquanto eu cochilava no sofá, ela saiu escolhendo roupas do meu armário para mim. A camisa azul simples foi obra dela e realmente não merece um elogio.

— Qual é a marca? — ele pergunta. — Calvin?

— Quem?

— Klein. Enfim, vi que você veio com Samantha esta noite. Vocês dois são só amigos, certo? Estão dizendo por aí...

Eu respondo com exatamente meio aceno de cabeça positivo e meio movimento de cabeça negativo. O gesto me dá uma história verossímil caso Sam me pergunte sobre essa conversa mais tarde.

— Eu não sei como você consegue, cara. Ela é tão incrível.

Ele diz isso olhando para Sam, e não tenho escolha a não ser seguir seu olhar. O vestido vermelho cheio de tiras amarradas para no meio das coxas. Ela trouxe um casaco com ela, mas deixou no meu carro, já que está quente demais para o início de fevereiro. Talvez devêssemos ir para o norte do país, em algum lugar com cachecóis grossos e jaquetas fofas que você precisa fechar até o queixo.

Seu cabelo ruivo está preso em um rabo de cavalo ondulado, e suas bochechas têm um tom rosado. Sua pele está brilhando. Ela me perguntou no carro se deveria passar um batom nos lábios já naturalmente avermelhados — observação: agora vou começar a babar no supermercado em frente às maçãs Red Delicious —, e felizmente ela me ouviu quando respondi com um rude não.

— *Caramba, tá bom. Nada de batom então. Por que você está dirigindo tão rápido? Achei que você não queria ir para essa parada.*

Eu estava dirigindo rápido porque precisava manter minha perna direita mais esticada do que o normal para esconder... Bem, ela ficou ótima no vestido.

Logan pigarreia, e é óbvio que ele está esperando que eu dê algum tipo de resposta. Ele quer que eu reconheça a gostosura de Sam, mas

não o faço.

E ele não vai embora.

Tomo um gole da minha cerveja, e Logan esfrega a barba por fazer no queixo.

— Então, pois é, enfim, você poderia ajudar seu bróder aqui? Que tipo de comida ela gosta, que tipo de música ela ouve, sabe, informações privilegiadas.

Nem fodendo.

— Ela gosta muito daquele lance de tubarão fermentado da Islândia, e seus gostos musicais são bastante específicos, principalmente polka-pop e yodeling.

Meu tom é baixo, como se estivesse contando uma teoria da conspiração.

— Caramba, que bizarro. — Ele sorri. — Que tipo de caras ela gosta?

— Gentil. Manso. Que não a faça rir. Ela gosta da vibe poetas ensimesmados.

Seus olhos se iluminam. Sem dúvida, ele está considerando a estrofe de merda que escreveu antes. Ainda está enfiada na gaveta da minha escrivaninha. Sinto cheiro de chili em seu hálito.

— O que mais? — pergunto.

— Se eu a convidar para sair, para onde devemos ir?

— O zoológico. Ela adora ver animais em gaiolas.

Ela odeia ver animais em gaiolas. Se não fosse o medo das consequências, ela descobriria uma maneira de libertá-los.

— Sério? Isso não é um pouco infantil demais para um encontro?

— Sam tem o coração de uma criança.

Essa é a primeira verdade que conto.

Ele concorda com a cabeça, absorvendo minhas informações com um grande sorriso. Esse cara realmente acha que vai pegar Sam — *minha* Sam.

— Tudo bem, legal. Realmente aprecio isso, cara.

Estou voltando para ela quando sou interceptado por outro cara — o professor de fotografia, Malcolm. Ele realmente é baixinho. Ele e Sam caberiam perfeitamente em um colchão viuvão, e ainda sobraria espaço para um Husky bem na ponta.

— Ei, Ian. Eu estava pensando... hum, Samantha mencionou meu bilhete ou algo assim para você, por acaso?

— Bilhete? — pareço verdadeiramente perplexo.

— Sim. Enviei a ela um daqueles presentes de dia dos namorados das crianças do coral. — Ele esfrega a nuca como se fosse um tique nervoso. — Foi uma ideia estúpida.

— Ahhh, agora que você mencionou, eu vi um papel amassado na lixeira dela ontem.

Ele franze a testa, chateado. Quero me sentir mal pelo cara, mas não me sinto. Quer saber o que realmente é difícil? Experimente ter uma paixonite por ela há três anos e depois venha falar comigo.

— Talvez ela não tenha recebido ainda. Talvez o papel amassado fosse outra coisa.

— Sei não, esses pequenos Cupidos são muito rápidos nas entregas.

Espero que ele se sinta desanimado com a quantidade de competição e siga em frente. Em vez disso, ele sorri como o cara legal que é.

— Quer saber? Talvez eu a convide para sair pessoalmente. Meu terapeuta está sempre me dizendo para sair da minha zona de conforto.

O quê...? Ele parece convicto, como se realmente fosse convidá-la para sair — e pior, Sam pode realmente dizer sim. Uma vez ela me disse que achava que Malcolm tirava “fotos muito maneiras”. O que diabos está acontecendo? Preciso saber o que Sam fez para nos tirar do estado perfeito de homeostase equilibrada em que estivemos nos últimos anos.

Quando volto para o grupo, passo uma limonada para ela, que parece ofendida por eu não ter comprado uma cerveja. Eu ofereço a ela um gole da minha, e seu rosto se contorce de desgosto depois que prova.

— Eca. Bleh. Tem gosto de xixi de gato. Realmente não entendo como você consegue.

Não sei como você consegue, cara. As palavras de Logan ecoam na minha cabeça.

— Vem cá, quero te mostrar uma coisa.

Ela me segue para longe do grupo, e eu a conduzo para um pequeno jardim perto do galpão de ferramentas, para que fiquemos fora do alcance do resto do grupo. Estamos no início de fevereiro, então nada

no jardim está verde. O diretor Pruitt ainda não cortou as plantas mortas da última estação.

— O que você quer me mostrar?

— Ah, isso. — Eu bato na lateral do galpão. — Não é legal? Aposto que o diretor Pruitt pode guardar muitas ferramentas aqui. Enfim, você sabe que muitas pessoas na escola sempre presumiram que estávamos namorando, não sabe?

Minha pergunta a deixa confusa. Seus olhos azuis-escuros se arregalam, e então parecem confusos.

— Sim, pfff, ridículo, não é mesmo? Por quê? Do que se trata?

Eu passo a mão pelo meu cabelo, sem saber exatamente como explicar isso.

— Bem, agora as pessoas parecem pensar o contrário.

— Ah, bem, sim. — Ela desvia o olhar como se lembrasse da conversa. — A garota nova, Ashley, perguntou sobre a gente, e eu disse a ela que somos só amigos.

Eu gemo internamente, e Sam engole metade de sua limonada. Acho que ela está com medo, e um momento depois, quando começa a divagar, minhas suspeitas se confirmam.

— Escuta, se você ouviu que eu espalhei rumores de que somos um casal, não fui eu! Quero dizer, isso é... sim... — Suas bochechas estão da mesma cor do batom vermelho-cereja em sua bolsa. Ter pele clara significa que suas emoções florescem na superfície, e geralmente eu gosto disso. Agora, eu amo isso. — Obviamente... eu não fiz isso.

Certo... *eu* fiz.

— Então acho que todo mundo ouviu sua conversa com Ashley, certo?

Ela revira os olhos como se estivesse exasperada.

— A sala dos professores nunca foi exatamente conhecida por oferecer privacidade. É por isso que as Quatro dos Calouros te perguntaram sobre o jogo de futebol. Acho que todas têm uma queda por você.

— Merda. Eu meio que gostava do equívoco.

— Porque todo mundo te deixava em paz? — Sam franze a testa. — Você está com raiva de mim porque estraguei tudo?

Não sei... talvez. Estou definitivamente com raiva, mas não sei dizer por quê. De repente, sinto que estou na linha de partida de uma

maratona e alguém deu a largada, mas não estou pronto para correr. Meus cadarços estão desamarrados. Eu não me alonguei. Por três anos, eu meio que caminhei com tênis de corrida, mas me chamando de corredor de maratona.

Estou com medo do que vai acontecer se eu tentar correr agora, mas estou com mais medo ainda do que vai acontecer se eu não tentar.

Azar meu.

A corrida por Sam começou, quer eu goste ou não.



Sam

Já fui a todos os jogos de futebol de Ian. Ele é o treinador principal da equipe juvenil e leva o trabalho muito a sério. O futebol em Oak Hill é bastante conhecido por todo o estado, e eles não perdem um jogo há dois anos. Mesmo assim, os jogos da liga juvenil não são tão empolgantes. A torcida geralmente é composta de quatro ou cinco pais excessivamente zelosos, um garoto maconheiro que estaria embaixo das arquibancadas de qualquer maneira e de mim. Nunca perdi um dos jogos de Ian porque sei que se eu estivesse envolvida em qualquer tipo de atividade extracurricular (pfff, até parece), Ian estaria presente para me apoiar também.

Hoje, porém, as arquibancadas estão cheias de uma meia dúzia de professoras, incluindo as de calouros. Elas estão sentadas na arquibancada inferior, em um pequeno grupo, formando uma torcida improvisada. Uma delas fez um cartaz cheio de glitter igual ao que agora está amassado sob meus pés. Elas estão tratando este jogo do início de temporada como se fosse a final da Copa do Mundo.

Eles cantam:

— Ian, Ian, ele é um homem de verdade. Se ele não fizer, ninguém faz nessa cidade!

As mães superprotetoras presentes olham fixamente, descontentes porque seu entusiasmo maternal está sendo eclipsado por professoras cheias de fogo no rabo. O árbitro diz para elas pararem de atrapalhar, e meu sorriso está tão largo, que acho que vai ficar assim para sempre.

Então Bianca se levanta e leva para Ian um Gatorade gelado, uma poção do amor sabor limão. Eu quero que ele dê um tapa na mão dela, ou melhor ainda, tire a tampa e despeje o conteúdo na cabeça dela. Em vez disso, ele pega a garrafa e oferece a ela um sorriso caloroso e um agradecimento. Quando ele toma um gole, parece que estou vendo os dois se beijando. Luto contra a vontade de ligar o cortador de grama do zelador e sair correndo atrás daquela mulher pelo campo afora.

Ian volta ao jogo, e Bianca volta para perto de suas amigas, os quadris balançando e um sorriso exultante no rosto. Todas a cumprimentam, e ela diz com orgulho:

— É assim que se faz.

Eu piso um pouco mais forte no meu pôster.

A última semana foi quase insuportável, já que fiquei observando as professoras lutarem pela atenção de Ian.

Para todas elas, Ian era meu brinquedo nos últimos anos, e agora que não estou brincando com ele, por que elas não deveriam tentar? Se estivéssemos em um jardim de infância, eu pisaria em cima de seus pescoços rechonchudos e exigiria que o deixassem em paz. Os professores me arrastariam para a sala do diretor, e eu chutaria e me debateria, prometendo uma vingança rápida a qualquer uma que tocasse nele enquanto eu estivesse na cadeia.

Uma câmera pisca nas arquibancadas, me cegando momentaneamente.

Eu me viro e vejo Phoebe, da aula do primeiro tempo, apontando suas lentes diretamente para mim.

Ela acena e anuncia em voz alta:

— Só tirando fotos para o meu trabalho no jornal!

Que incrível. Ela finalmente decidiu fazer algum trabalho de verdade, e é à minha custa.

O jogo dura uma pequena eternidade. Eles vão para a prorrogação. Ian está gostoso pra cacete na linha lateral, vestindo sua camisa de treinador. As Quatro dos Calouros estão empolgadas. O vento continua chicoteando minha cartolina e montes de purpurina se alojam em meus olhos. Depois, quando Ian e eu estamos caminhando para o carro dele após do jogo, pareço estar chorando.

— Você não usou os cartazes — ele aponta.

Olho para eles, dobrados debaixo do braço.

— Ah, sim. São bobos. Eu não queria ser uma distração.

Eu tento enfiá-los em uma lata de lixo que passamos, mas Ian insiste que quer ficar com eles.

— Você gastou muito tempo com eles.

— Não tanto assim — eu digo, rápido para esclarecer, caso isso me impeça de parecer desesperada.

Não quero parecer que estou no mesmo barco que aquelas mulheres — que, a propósito, nos alcançam no estacionamento e perguntam a Ian se ele quer sair para jantar para comemorar a vitória no jogo. Não me incluem no convite, chegando a dizer que o restaurante que escolheram só tem mesas para cinco pessoas. *Essa é a melhor mentira que você consegue inventar?*

Abro minha boca para deixar escapar a série de palavrões que vim segurando durante todo o jogo, mas Ian rapidamente recusa a oferta e me arrasta para seu carro.

— Tudo certo por aí? — ele pergunta enquanto dirigimos para casa.

Não tenho ideia do que ele está se referindo. Ah, certo — nos últimos minutos, eu resmunguei e puxei meu cinto de segurança quando ele não estava cooperando, mexi no ar-condicionado porque estava muito frio e depois muito quente e ajustei o quebra-sol para cima e para baixo dezenas de vezes antes de desistir completamente.

— Tudo. Só tô com fome.

Ele acredita nessa desculpa.

— Tudo bem, vamos te dar comida, mas tenho um pedido especial.

Eu mantenho minha cara feia virada para a janela e resmungo em resposta.

— Preciso da sua ajuda.

— Com o quê?

— Eu estava tendo dificuldades para motivar meus rapazes no início da prorrogação, então prometi que, se eles ganhassem este jogo, pintaria meu cabelo de azul.

Minha atenção se volta para ele.

— Como é?!

Ian está com um pequeno sorriso provocante enquanto olha pelo para-brisa dianteiro.

— Temporariamente. Já comprei as paradas que devem sair com a lavagem em uma semana.

— Você vai ficar ridículo.

Não, ele não vai.

— É tudo pela motivação. Às vezes, você precisa pensar fora da caixinha.

— Tudo bem, mas por que você precisa da minha ajuda?

— Não quero que fique todo manchado e estúpido.

Então é assim que Ian me convence a ajudá-lo a pintar seu lindo cabelo castanho com um tom chocante de azul-elétrico. Assim que chegamos em casa, ele toma banho enquanto eu transformo a pia da cozinha em um salão.

Quando ele sai do banheiro, o vapor vem junto. O tempo diminui. Os sons sensuais de “Let’s Get It On” do Marvin Gaye tocam na minha cabeça. Ian está descalço, vestindo short esportivo e camiseta. Seu cabelo curto está úmido e alguns fios estão grudados na testa. Seus olhos são mais azuis do que a cor azul em si quando ele me avalia.

— Pronta para cuidar de mim?

JESUS AMADO, SIM.

Engulo em seco e penso no significado real de suas palavras.

— Claro.

Dou um tapinha na cadeira e digo a ele para se sentar.

— As instruções dizem para começar com o cabelo úmido, então o primeiro passo está feito.

Ele inclina a cabeça para trás e olha para mim. A posição me lembra aquele icônico beijo de cabeça para baixo em O Homem-Aranha, com Tobey Maguire e Kirsten Dunst.

Seus lábios são muito convidativos.

— Ok, e agora?

Percebo que ele está me fazendo uma pergunta um segundo tarde demais.

— Ahn?

— Qual o próximo?

— Ah. — Engulo em seco e volto minha atenção para a caixa.

— Diz para colocar uma toalha sobre suas roupas para que não fiquem manchadas.

Ele se levanta e arranca a camiseta.

Uau!

— Não está escrito aqui que você precisa fazer um strip! — grito, cobrindo os olhos.

Ele ri e pega um pano de prato para cobrir seus ombros largos. Não é grande o suficiente, então Ian é forçado a pegar uma toalha no banheiro. Quando ele volta, me explica:

— Gosto dessa camisa, não quero que estrague.

— Eu vou tomar cuidado — eu insisto, espiando-o por entre os dedos. — Você pode se vestir. — Eu contendo um desesperado *por favor*.

— Assim é mais fácil.

Eu forço um suspiro resignado e tiro a mão do rosto.

Ele se senta, inclina a cabeça para trás novamente e fecha os olhos. É tipo um presente. Ele está dizendo: *Aqui, coma o que quiser, e nem vou ficar olhando enquanto você faz isso*.

Ho, ho, ho, o Natal chegou mais cedo.

Eu vi Ian sem camisa exatamente 23 vezes. Metade dessas ocorrências foram de natureza inocente: dias de praia e festas na piscina. O restante ocorreu a partir de vislumbres roubados enquanto ele estava se trocando em seu quarto. Sim, isso mesmo — às vezes sou uma voyeur sorrateira. Eu não consigo me controlar.

Ainda assim, agora parece diferente. Ele nunca ficou sem camisa assim perto de mim. Na praia ou na piscina, estamos em áreas externas e há espaço para o meu desejo crescer e se expandir. Aqui, na sua cozinha, esse mesmo desejo habita o ambiente como uma presença física.

Meu olhar desliza suavemente para o seu abdômen e noto os gominhos como uma criança contando os blocos de montar. Um, dois, três, quatro, cinco, seis... Eu me pergunto se a pele dele está quente ou se só parece porque está bronzeada.

Pego a gola da minha camisa e a puxo, tentando aumentar o fluxo de ar.

É como se estivéssemos em uma panela de pressão.

Ele me espreita abrindo um olho.

— Você vai começar hoje ou...?

— Sim. Obviamente. — Eu me agarro cegamente às instruções e as descarto em seguida. — Eu só estou dando a você tempo para mudar de ideia sobre arruinar esse seu farto cabelo. Sua mãe vai te matar. E vai me matar de lambuja.

Ele sorri.

— Ela nunca faria isso. Minha mãe gosta demais de você.

Então ele fecha os olhos novamente, e desta vez sou obediente e continuo na tarefa.

Boto as luvas nas mãos e pego a tigela com tinta azul. Depois de soltar uma respiração concentrada, mergulho meus dedos na gosma e começo a espalhá-la em seu cabelo. No começo, tento manter distância. Estou o mais longe possível de Ian, dobrada em 90 graus para alcançar sua cabeça, mas minhas costas doem depois de alguns segundos. Sou forçada a me aproximar, mas aparentemente não é perto o suficiente, porque Ian ri e estende a mão para mim.

— Você está deixando cair em tudo quanto é canto, venha cá.

Ele passa o braço pelas minhas pernas e ao redor da minha coxa esquerda, a fim de me puxar para perto. Ou ele subestima sua força ou eu sou muito fraca, porque quando ele me puxa, perco o equilíbrio e caio contra ele. E pior, não consigo me firmar porque minhas mãos estão cobertas de gosma azul. Estamos conectados quer eu goste, quer não. Meu quadril bate em seu ombro. Minha coxa está roçando seu bíceps. Meus seios estão a centímetros do seu rosto. Ele aperta minha perna para ajudar a me estabilizar, e seus dedos estão tocando a pele sensível acima do meu joelho. Por um segundo, parece que ele está deslizando a mão de propósito.

Meu corpo inteiro se contrai de ansiedade pelo que acontecerá a seguir. Nunca estivemos tão próximos por tanto tempo.

Minha respiração fica presa no peito. Seus olhos ainda estão fechados.

Minha boca está aberta, e estou prestes a sussurrar seu nome em tom de uma pergunta, mas Ian me afasta antes que eu consiga. Seu braço sai da minha coxa, em seguida suas mãos voltam a descansar em seu abdômen.

Eu forço uma expiração lenta e constante e espero que ele não tenha conseguido ouvir.

Depois desse acidente, sou o Flash durante o restante do trabalho de tingimento. Passo os dedos por seu cabelo, selando as mechas, e tento manter a calma durante as partes em que preciso me inclinar sobre seu corpo para chegar ao outro lado da cabeça de Ian. Sinto sua respiração no meu pescoço. Um show de fogos de artifício desce pela minha coluna.

Se ele está afetado por nossa proximidade, não deixa transparecer. Até segunda ordem, Ian poderia bem estar tirando um cochilo.

Quando termino, dou um passo para trás.

— Ok. Agora devemos deixar agir por alguns minutos.

Ele abre os olhos e me oferece um sorriso diabólico.

— Como estou até agora?

Eu suspiro, um pouco irritada com os resultados.

— Nem perto de estar tão pateta quanto deveria. Metade do time provavelmente vai copiar você.

— Então eu sou um criador de tendências?

Ele ri e se vira para olhar para o teto. Seus dedos tamborilam em seu abdômen.

Eu me balanço sobre os calcanhares e pego meu copo com água todo manchado com as marcas de dedo azuis.

— O que vamos fazer enquanto esperamos? — pergunto.

— Que tal fazer uma sacanagem? — ele sugere.

Eu cuspo água por todo o balcão e tenho um acesso de tosse violento. A expressão de Ian muda de divertida para preocupada quando percebe que posso estar sufocando. Envergonhada, eu me viro para me afastar, mas ele pega minha camisa e me puxa, então eu caio de costas em seu colo. Ele dá um tapa nas minhas costas até que a tosse diminua.

— Ok, acho que estou bem — eu digo, tentando me levantar e correr rua afora, no meio do tráfego intenso, mas agora suas mãos estão na minha cintura, me mantendo imóvel.

— Você pensou que eu estava dando em cima de você? — pergunta para minha nuca.

Estamos muito perto para o meu bem-estar, mas a falta de contato visual o deixou corajoso para perguntar isso.

— Eu só entendi mal a pergunta — eu respondo, fingindo calma.

— *Interessante.*

Reviro os olhos.

— Ah, para, vai. Obviamente não achei que você ia gostar de fazer... *algum tipo de sacanagem comigo.*

Seus dedos apertam meus quadris, e acho que ele pode sentir minha pulsação responder.

— Hmm, mas pareceu plausível o suficiente para inalar meio copo de água.

— Tanto faz. Eu estava tonta por causa dos odores nocivos da tintura de cabelo.

Eu tento me livrar de seu aperto, mas Ian não me deixa.

Eu desisto e fico imóvel, com medo de que o menor movimento possa transformar essa sentada de colo amigável e salva-vidas em uma lap dance de dez dólares. O pensamento faz com que minhas bochechas ruborizem de novo.

— Eu não sinto cheiro de odores nocivos, apenas do seu sabonete líquido. Você usa o mesmo há três anos.

Ele não soa como se estivesse tentando ser engraçado. Ian parece sensual.

— Eu troco, se isso te incomoda — eu digo, sem fôlego.

— Não.

Estou tendo ideias malucas: talvez eu devesse me virar e beijá-lo. Talvez eu devesse finalmente descobrir o gosto dele.

Vejo nosso reflexo bizarro na janela à minha frente e um alarme soa em meu cérebro. *PARE COM ISSO! PARE!*

Eu pulo e bato palmas. O barulho é como um trem de carga, interrompendo a tensão crescente entre a gente.

— Opa! Hora de enxaguar o cabelo!

Faz apenas dois minutos, mas ele não me questiona. Apenas balança a cabeça e desvia o olhar.

Depois de enxaguar no chuveiro, vemos que foi um sucesso.

O cabelo de Ian está azul.

Minhas bochechas ainda estão vermelhas.

Todo mundo na escola fica louco com o novo look de Ian. Está em um tom tão legal e chocante, que os alunos o chamam de fodão e as professoras agora acham que ele tem um lado selvagem inexplorado. Na sala dos professores, eles sussurram sobre ele parecer um astro do rock.

Ainda bem que a cor não é permanente. Seus treinos constantes indicam que ele precisa tomar banho com frequência, então, em breve, ele estará de volta ao velho e genérico Ian. Por sinal, acho que se eu o chamar de palavras como “genérico” na minha cabeça, as coisas ficam

mais fáceis para mim. Funciona assim: *Ah, ele? É só o velho Brad Pitt. Meh.*

Viu? Aposto que você nem acha mais que o Brad Pitt é um gostoso.

À medida que o azul desaparece de seu cabelo, a coleção de cartões de dia dos namorados de Ian fica cada vez mais fora de controle. Ele doou dois grandes sacos de lixo cheios de ursinhos de pelúcia outro dia. O hospital infantil ligou para o noticiário local e eles tentaram filmar uma reportagem sobre o gesto. *Professor local dá presentes para crianças doentes.* Graças a Deus ele recusou a entrevista. A última coisa que preciso é que Ian viralize. Imagina os comentários do YouTube?

Vovozinha330: Quando eu estava na escola, os professores ainda podiam bater nos alunos — eu não me importaria tanto se fosse ele fazendo isso!

Maedemenino88: Acho que precisamos de mais algumas reuniões de pais e professores...

Puxa_sacodeprofessorBJOS: Lembra a música “Hot for Teacher”, do Van Halen, né?

Ele também doou as rosas — para mim. Eu não queria aceitar suas tristes flores de segunda mão, mas Ian insistiu. Elas estão sujando todo o meu apartamento. Cada vez que olho para elas, lembro da minha concorrência. Depois de apenas um dia, decido jogá-las fora e digo a ele que vieram com um fungo.

Graças a Deus, o Dia dos Namorados é neste fim de semana. A arrecadação de fundos terminará em breve, e aqueles idiotas do coral farão sua viagem para a competição nacional — as admiradoras de Ian garantiram isso.

A única desvantagem é que o fim da arrecadação de fundos traz consigo o feriado mais romântico do ano, aquele que terei de suportar sozinha pelo terceiro ano consecutivo.

Felizmente, tenho alguns dias ocupados pela frente para me distrair do meu futuro sombrio e desolado.

Ian e eu temos de fazer aquele curso de educação sexual na sexta-feira, depois temos O Festival de Dia dos Namorados de Oak Hill no sábado de manhã e, finalmente, como se minha vida não pudesse ficar mais triste, Ian me surpreendeu ao anunciar que nos inscreveu para supervisionar o baile do Dia dos Namorados na noite de sábado.

— Você está brincando comigo.

— O quê? — ele pergunta, fingindo inocência. — Você tem outros planos?

— Talvez tenha.

— Faltam apenas três dias para o Dia dos Namorados — ele aponta, alheio a quão patética eu me sinto neste momento.

— Sim, bem... Logan veio à minha sala mais cedo e disse que queria falar comigo. Talvez ele esteja planejando me convidar para sair.

É um exagero, mas, ainda assim, é bom que Ian saiba que não sou uma bostona de uma inútil. Logan provavelmente só quer me convencer a dar ponto extra a um de seus jogadores, mas não preciso admitir isso para Ian. Na verdade, posso dizer a ele o que quiser.

— Logan? — ele pergunta, descontente. — O treinador de futebol americano, esse Logan? O Logan que nunca encontrou um tubo de gel de cabelo que não gostasse?

Admito que o cabelo de Logan é meio emplastrado, mas forço um entusiasmo quando respondo:

— Ele parece um cara bacana.

— Não. Vamos, você supervisiona o baile comigo. Eu pago a sobremesa depois.

Parece que é assim que vou passar o Dia dos Namorados este ano: com meu amigo platônico e genérico, nada sexy e definitivamente não excitante, o Ian — ah, e algumas centenas de alunos do ensino médio.



Ian

Decidi finalmente ir atrás de Sam, mas não tive coragem de realmente chegar à parte de cortejar. Durante dias, hesitei quanto a qual seria o melhor plano de ação. Você não pode simplesmente ser amigo de alguém por três anos, e depois chegar na pessoa um dia durante o almoço e convidá-la para um encontro.

Sam daria risada e presumiria que eu estava brincando. Meu orgulho não aguentaria isso.

Não. Preciso de tato, seduzi-la e tentá-la organicamente, como no outro dia na minha cozinha, quando ela estava tingindo meu cabelo. Eu sabia que havia algo ali, mas nós dois estávamos com muito medo.

— Acho que vou convidar Sam para sair — digo à minha mãe pelo celular na noite de quarta-feira.

— AI, MEU DEUS.

Ela deixa cair o celular, em estado de choque, e a tela se estilhaça. Não tem como ligar de novo. É por isso que não conto as coisas para ela.

Alguns minutos depois, recebo uma ligação do meu pai. Aparentemente, ela roubou o celular dele para que pudéssemos continuar nossa conversa.

Ela está fungando, e depois que eu insisto, minha mãe admite que está chorando.

— Estou tão feliz. Vocês dois estão nesse marasmo há anos, e eu realmente não consigo imaginar uma mulher mais perfeita para você.

— Ela ainda não disse que aceita. Na verdade, eu nem perguntei a ela.

— Ah, ela vai. Acredite, ela vai dizer sim, e quem sabe?! A essa altura, no ano que vem, talvez eu tenha uma nora! E NETINHOS!

Obviamente foi um erro envolver minha mãe no plano. Eu costumo mantê-la pouco informada sobre tudo, porque minha vida fica mais fácil. Em uma tentativa de ser um filho melhor, pensei em contar a ela sobre Sam.

No dia seguinte, ela não para de me mandar mensagens.

PAI: Estou na loja da Apple! Eles estão substituindo minha tela. Aliás, aqui é a mamãe. Você já chamou Sam para sair? Me conta como foi! 🍷❤️🍷👤👤



Eu não respondo.

Ela persiste.

PAI: Imagina? Espero que as crianças saiam com o cabelo dela!!!

PAI: Mamãe de novo. Sobre o cabelo, seus filhos ficariam bem com o seu cabelo também, mas eu realmente adoraria uma garotinha que se parecesse com Sam.

Alguns minutos se passam.

PAI: Agora me sinto mal por te dito isso. Você é lindo também. Sério.

PAI: Filho, aqui é seu pai. Preciso do meu celular de volta. Por favor, diga à sua mãe que você ligará de volta quando tiver um minuto.

PAI: Além disso, o que diabos você está esperando?

Não, ele também não. Eu me pergunto se devo bloqueá-los, mas os dois provavelmente arrumariam novos números. Estou tentado a ligar para a companhia telefônica e pedir que cortem as mensagens de texto do meu contrato. Na verdade, eu faria se não conversasse com Sam por elas também.

Estamos conversando sobre o currículo para o curso de educação sexual amanhã de manhã. A maior parte está pré-planejada para nós, mas Sam quer estar mais preparada.

— Por que você simplesmente não pega uma ou duas camisinhas em sua casa para a demonstração? — ela pergunta. — Oh, espere, dá para desenrolar se estiverem todas vencidas e secas? Não queremos nos envergonhar na frente das crianças.

— Hilário. Certifique-se de trazer seu barril de duzentos litros de lubrificante.

— Ah. Por que eu devo levar, você não mantém nenhum por perto? — ela pergunta, verdadeiramente perplexa.

— Eu geralmente não preciso disso.

— Ah, claro, porque as mulheres que chegam à sua casa são todas cataratinhas do Niágara 24 horas por dia, 7 dias por semana, né?

— Vinte e quatro horas é um exagero. Eu diria que é só durante o ato, então, três, geralmente quatro horas.

Ela solta o ar pelo nariz.

— Tá booom, Don Juan, vamos torcer para que você mantenha essas míticas donzelas úmidas devidamente hidratadas. Jesus, espero que você ofereça um Gatorade na saída.

Eu me inclino para trás no sofá e sorrio, olhando para o teto. Brincar com Sam é minha parte favorita do dia.

— O que mais você acha que devemos levar? Algum de seus vibradores imensos movidos a gás?

— Para economizar espaço, vou levar apenas o pequeno. O nome dele é Ian. É apenas uma coincidência, sem relação.

Estamos brincando, mas a ideia de Sam batizar um vibrador com meu nome (mesmo que seja anatomicamente incorreto) faz meu estômago se contrair.

Normalmente, eu recuaria e nos levaria de volta ao território da amizade.

Hoje à noite, decido ir adiante. É isso que se chama encontrar uma brecha e a utilizar.

— Com que frequência você o usa?

Ouçoo Sam claramente suspirar.

— Ha, ha. Ian, vamos, precisamos nos concentrar ou não teremos nada para contar às crianças pela manhã. Até agora, o que temos é só

desenrolar uma camisinha em uma banana, o que, apesar de parecer comum na cultura pop de educação sexual, na verdade eu nunca fiz. E se a banana se partir ao meio? Os meninos nunca mais vão conseguir pensar em sexo seguro.

— Deixa que eu cuido disso.

— Você acha que devemos inventar um rap ou algo assim, só para que a lição seja mais facilmente digerida?

— Óbvio — eu respondo, impassível. — Vou chutar que você já inventou alguma coisa.

— E como. Quero dizer, nada de muito grande.

Então ela imediatamente inicia.

— Meu nome é Sam e estou aqui para dizer:
sexo pode ser divertido e saudável para você
Pegue uns preservativos, lubrificante e um brinquedo,
mas das pessoas que negam proteção, tenha sempre
muito medo.

— Você bolou isso do zero?

Ela não parece nem um pouco envergonhada ao responder:

— Eu fiz um workshop durante o quarto período. Além disso, eu não ganhei o show de talentos da sexta série por nada. Eu arrasei corações.

— Quero ver esse show.

— Pfft. Eu sei que quer. Para minha sorte, meu pai gravou com a lente da câmera tampada o tempo todo.

Há uma pausa na conversa e meus pensamentos voltam lentamente para o vibrador. Quero saber se ela estava falando a verdade.

— Há quanto tempo você tem *Ian*?

— Por que você se importa?

— Chame de tédio.

— Se você está tão entediado, tenho alguns trabalhos que você pode corrigir para mim.

— Ok, então, chame de curiosidade.

O silêncio continua. Seus passos ecoam pelo celular. Eu me pergunto se ela está em seu quarto agora. Uma porta se fecha, e então ela suspira.

— Há alguns anos.

— Então ele provavelmente precisa ser substituído, não?

— Eu não o uso com tanta frequência.

— Pobre Ianzinho.

— Não se preocupe, ele dá conta muito bem de tudo.

— E você? *Você dá conta?*

— Ian... — ela repreende.

— Sam... — retruco.

Juro que a ouço abrindo e fechando uma gaveta na mesa de cabeceira.

Eu sorrio e a imagino tirando o short do pijama e a calcinha.

Agora eu quero dizer: Pobrezinha da Sam. Usando um vibrador em vez do real? Ela merece mais do que isso.

— Onde você está? — pergunto.

Ela parece nervosa ao responder:

— No meu apartamento.

— Obviamente. Onde no seu apartamento?

— Isso importa?

— Você está na sua cama, não é?

— Você sabe que não tenho nenhum outro assento confortável neste lugar. Quando seus móveis são todos do Craigslist, você acaba usando muito a cama.

— Você está mentindo para você mesma, Hot Lips.

— Não me chame assim.

Ela parece puta da vida — puta da vida e excitada.

Lençóis farfalham do outro lado da linha.

Eu quero fazer um FaceTime com ela. Na verdade, não questiono o impulso. Eu cedo a ele.

— Por que você está tentando me ligar no FaceTime?! — Ela parece extremamente perturbada.

— Por que você não atende?

— Eu não estou decente!

— Exatamente como eu pensei — eu me vanglorio. — Somos melhores amigos, e eu acho que isso significa que não escondemos nada um do outro. Atenda.

— Não.

— Então é muito fácil adivinhar o que você está fazendo. Diga oi a Ian por mim.

O FaceTime se conecta imediatamente, e sua aparência cansada aparece na tela do meu celular. Ela está sentada contra a cabeceira da cama. Suas bochechas estão rosadas, e sua boca parece tão macia e feminina, que tenho uma vontade repentina e irresistível de senti-la em volta de mim.

Ela está usando uma blusa de algodão apertada, sem sutiã. Está segurando o celular, então só posso ver a parte de cima do seu corpo: seus ombros e peito cremosos. Seus mamilos estão duros, e eu sinto desejo de botar ambos na boca. Eu seria gentil, *focaria nela*. Passaria um dedo em sua clavícula e a faria corar em todos os lugares. A pobrezinha da Sam nem imagina — ela desmoronaria por mim.

— Viu? — ela diz com um sorriso malicioso. — Você também não está decente.

Ela está se referindo ao fato de eu estar sem camisa. Eu não liguei de ficar sem depois do banho.

— Sim, mas ao contrário de você, estou usando calças.

É um palpite, mas quando seus olhos se arregalam e seu rubor fica ainda mais forte, percebo que estou certo.

— Sim... bem... — Ela limpa a garganta e desvia o olhar para algo fora da tela. — Está muito quente aqui...abafado.

— Bem, sim, imagino que as coisas esquentam quando o pequeno Ian está à espreita.

— Não é *por isso* que estou quente. Acabei de malhar.

Quem diabos ela pensa que está enganando?

— Você é uma péssima mentirosa.

— E daí?! — Ela fica exasperada. — Eu sou uma mentirosa, e você está claramente cheio de tesão. Por que você não liga para uma das Quatro dos Calouros? Tenho certeza de que elas podem te ajudar. Sabe, dar um curso de atualização antes de amanhã de manhã. Você claramente precisa de um.

— Você tem razão, preciso mesmo.

Ela engole lentamente. O celular balança em sua mão.

— E *você*? — pergunto.

Ela revira os olhos em direção ao teto.

— Por que você acha que estou nesses aplicativos de namoro? Não é para encontrar amigos. Agora você vai sugerir que pode “me ajudar” como se fosse um pornô de baixo orçamento?

— Você claramente nunca fez sexo por celular. Você é muito ruim nisso.

Seus olhos azuis encontraram os meus.

— *O quê?*

— Não é assim que geralmente começa. Eu pergunto o que você está vestindo, e você me diz, mas eu já sei: regata, calcinha, nada mais.

— Ian.

Meu nome soa como um aviso, um alerta para que nadadores voltem à terra firme, mas estou farto de avisos, então sigo para águas abertas. É hora de testar uma teoria.

— Quer me perguntar o que estou vestindo?

— Aposto que posso adivinhar: bermuda preta, cueca boxer Calvin Klein.

Interessante. Talvez Sam fique, *sim*, me olhando quando eu me troco.

— E... eu *já* fiz sexo por celular. Não pense que pode me intimidar com esse jogo estranho que está aprontando.

Uma de suas mãos desaparece da tela, e sei que ela quer se tocar. Talvez a mão dela esteja na coxa. Talvez ela mal esteja abrindo as pernas, tentando se convencer de que só está ajustando a calcinha. Aposto que em breve seus dedos vão deslizar ao longo da bainha de sua calcinha, roçando o material sedoso contra sua umidade. Ela não pode tirá-la ou eu vou notar. Não, ela só terá que puxá-la para o lado se quiser sentir pele com pele.

— Mas acho que devo desligar o celular agora — diz ela, ofegante.

— Ou você pode me deixar terminar o que comecei.

— Não sei do que você está falando.

Sua atuação inocente é fraca. Aposto que Sam está se tocando de leve e tentando se convencer de fazer o contrário, mas é tarde demais. Eu sei que já se passaram pelo menos alguns meses que ela não faz sexo. Eu sei que no fundo está tão faminta quanto eu.

— Você quer fingir? Vamos fingir. Podemos chamar isso de pesquisa para amanhã.

— O quê?

— Eu te fazer gozar agora.

— *Jesus*, Ian.

Eu poderia dizer a mesma coisa para ela. Ela acha que sou o único seduzindo aqui? Ela é uma sedução ambulante. Até agora, com ela somente mordendo o lábio inferior carnudo, estou a segundos de pegar no meu pau. Sua blusa branca é fina como papel. As pistas de seu corpo que posso ver por baixo estão me levando à beira da loucura.

— Diga-me o que você está fazendo com a mão, Sam.

— Dando dedo do meio para você.

— Fale a verdade.

— Ian, isso é...

— Uma fantasia, lembra?

Por um longo momento, nossos olhos se fixam na tela, e eu observo as engrenagens girando em sua cabeça. Ela quer isso e, ao mesmo tempo, não. Acho que a convenci, mas sei que a qualquer momento Sam pode apertar aquele pequeno círculo vermelho na tela e negar isso a nós dois.

Não digo uma palavra enquanto espero que ela tome uma decisão.

Não vou tentar convencer mais do que já tentei.

Finalmente, sua voz aveludada soa pelo celular.

— Ok, você quer jogar? Eu vou jogar. Estou... me tocando.

— Como? Por cima da calcinha?

— Sim.

— Puxa para o lado.

Seus olhos se fecham.

— Sam — eu digo, me abaixando para me ajustar. Meu pau está implorando por atenção, mas quero me concentrar nela. — Puxa para o lado e me diga quão molhada você está.

Provavelmente falamos centenas de milhares de palavras um com o outro ao longo de nossa amizade, mas agora nossas frases soam como se estivessem sendo ditas por estranhos.

Sua cabeça inclina para trás, e seu olhar atinge o teto. Ela está expondo o pescoço. Se eu estivesse lá, passaria os dentes pelo local da

pulsação.

Eu ouço um pequeno farfalhar, e então seus olhos se fecham.

— Muito.

Eu sorrio. Pronto, acabei de provar meu ponto anterior.

— Vou pedir a um entregador que te leve uma garrafa de Gatorade depois disso.

Seus olhos se abrem.

— *Ian!*

Eu gostaria de poder apagar minha expressão, mas não posso. Isso é muito bom, são anos aguardando esse momento.

— Esfregue o dedo para cima e para baixo. Não é seu toque, é meu, e se fosse eu, seria minucioso. Eu iria bem devagar e afundaria meus dedos em você lentamente, e em troca, você morderia meu ombro para não gemer meu nome.

Sei que ela está ouvindo meus comandos, porque sua respiração fica cada vez mais acelerada. Não vejo nada da cintura para baixo, mas sinto que estou sentado na primeira fila assistindo ao show. Minha imaginação corre solta. Eu estive naquele quarto. Eu sei que os lençóis dela são brancos. Eu sei que a calcinha dela geralmente é rendada e fina. Ela gosta de usar cores. A pele dela também gosta. Ela está corada da cabeça aos pés, sem dúvida.

— Quero que você deslize o dedo do meio para dentro e imagine que sou eu fazendo isso.

Ela balança a cabeça, mas sei que está me ouvindo. Eu sei que ela está fazendo o que eu mandei.

— Se eu estivesse aí, arrancaria essa calcinha e abriria suas coxas até que encostassem no colchão.

Ela ri.

— Não sou tão flexível assim.

Eu sorrio.

— Na verdade, eu sei que você é.

No instante seguinte, ela larga o celular e a tela fica preta. Por um segundo, acho que Sam desligou, mas ainda posso ouvir sua respiração ofegante, os lençóis farfalhando, o tecido escorregando por suas pernas.

Putá que pariu. Ela está tirando a calcinha.

— Quanto tempo se passou desde que alguém provou você? E não quero dizer algumas preliminares apressadas, as duas lambidas

obrigatórias, Sam. Quero dizer rosto enterrado entre suas pernas, língua mergulhando fundo de novo, e de novo.

— Ian... por favor...

— Eu quero *provar* você.

Ela está ofegante.

Está muito perto.

Suas respirações são cada vez mais rápidas.

Suas pernas estão tremendo.

Estou imaginando-a naquela cama, rosada, e molhada, e deliciosa de se ouvir.

— Estou perto, Ian.

— Imagine como nos encaixaremos bem, Sam. Imagine a facilidade com que vou te preencher.

— *Ian... eu estou...*

O resto da frase se dissolve, e ela também.

Sam está agarrando os lençóis, prestes a se desfazer apenas com o som da minha voz.

— Vou ser tão gentil no começo, mas quer saber? Estou sozinho há muito tempo e preciso foder... com intensidade.

Eu sei que ela está a segundos de me deixar ouvi-la gozar e então, de repente, a linha fica muda.

Ela desligou na minha cara.

Droga.

Eu sorrio.

Outros homens se sentiriam injustiçados, mas não é o meu caso.

Este é apenas o começo, e ela deveria saber disso.

Eu mando uma mensagem para Sam alguns minutos depois, quando sei que ela está deitada em sua cama, as ondas residuais arrepiando seu corpo. Ela deve estar corada e ofegante, tentando recuperar o fôlego. Eu sei que está surtando com o que aconteceu, mas eu não estou.

IAN: Da próxima vez, faremos isso pessoalmente.



Sam

Na manhã seguinte após A LIGAÇÃO, eu desenvolvi algum tipo de TEPT. Não atendo a ligação de Ian para que eu acorde, principalmente porque não preciso. Já estou acordada, na minha cozinha, fazendo ovos mexidos. No meu balcão, há bacon, muffins de mirtilo fresco, frutas fatiadas, café e suco de laranja. Eu pareço uma mãe em um sitcom. A qualquer minuto, um adolescente vai entrar com o rosto todo amassado da cama. Direi a ele para se sentar para o café da manhã e ele dirá: *Mãe, UGH, estou atrasado para a escola! Vou jogar uma barra de granola na nuca dele enquanto o garoto sai correndo pela porta.*

Fiz toda essa comida porque acordei e decidi que precisava de um café da manhã farto. Eu preciso obter força para o dia. Nada de hipoglicemia para mim, não se pretendo ser um forte contraponto para esta nova versão de Ian. Ian 2.0: um demônio sexy, operador de telessexo com voz rouca.

Ontem à noite deixei que ele me atraísse para um cenário estranho no qual não éramos Ian e Sam, melhores amigos. Estávamos apenas interpretando um papel: Ian e Sam, adolescentes cheios de tesão. *Uma negação plausível.*

Eu gostaria de poder tirar um dia de folga, mas as escolas não dão aos professores um milhão de dispensas. Eu me recuso a desperdiçar uma só porque estou com medo de enfrentar Ian. Duvido que ele esteja com medo de me enfrentar. Não, não depois da mensagem que ele

enviou ontem à noite. Está claro que é ele quem tem as cartas desse jogo.

Pego a mensagem de novo, só para confirmar que não estava sonhando.

Sim, aí está ela.

Estremeço, bloqueio a tela e volto a enfiar comida na boca.

Minha roupa foi escolhida estrategicamente. Quando entro na escola uma hora depois, estou usando um vestido que poderia facilmente ser usado em uma encenação histórica em Plymouth Rock. Uma roupa preta desce até a parte inferior da panturrilha e é abotoada até o pescoço. A lapela branca com babados adiciona um belo toque colonial. Na verdade, é meu traje fúnebre, o que é apropriado, porque ontem à noite meu antigo estilo de vida com Ian morreu.

Os professores me param no corredor e perguntam se deveriam ter vindo fantasiados hoje.

— Merda, não é dia de se vestir como um personagem literário, é?

Eles nem estão brincando comigo; eles estão genuinamente confusos. Decido que posso desabotoar um pouco a blusa. Meu decote ainda está completamente oculto, mas o sangue em meu pescoço pode voltar a circular.

Eu viro a esquina da minha sala de aula e me surpreendo com Ian esperando por mim. Ele está sentado na minha cadeira, os pés apoiados na minha mesa. Eu dou um salto de dois metros. Meu Tupperware cai no chão e a tampa sai. Os muffins se espalham.

— Jesus, Ian!

Ele está calmo e entediado quando responde:

— Engraçado, você disse a mesma coisa ontem à noite.

Meus olhos se arregalam e eu olho de um lado para o outro no corredor.

— Você não pode dizer coisas assim! Pirou?!

Eu me ajoelho e começo a guardar os muffins no Tupperware. Ian nem tenta me ajudar, apenas me observa com um sorrisinho divertido.

Quando me levanto, ele inclina o queixo em minha direção.

— Que vestido. Você o escolheu para mim?

— Você está perguntando se eu pensei em você desde o FaceTime? Porque se for, não, eu não pensei. Esqueci que você existia.

— Você parece uma boneca American Girl chamada Caridade.

— E você parece um invasor. Por que você está na minha sala de aula?

Ele se levanta e se aproxima, passando por mim para fechar a porta.

Os alarmes tocam na minha cabeça, tanto pelo fato de que ele me encurralou contra a porta quanto porque achou que precisaria fechá-la, para início de conversa. Levo a mão para trás e tento abrir a maçaneta da porta, mas sua mão empurra a madeira ao lado da minha cabeça, não com força, mas com intensidade suficiente para me impedir de abri-la.

Lentamente, eu olho para o par de olhos azuis familiares que estão fazendo coisas totalmente desconhecidas no meu corpo. Sinto um frio na barriga. Meus punhos estão cerrados. Meu maxilar está cerrado. Tudo está rígido e comprimido, que nem uma mola. Sou capaz de distender o baço ou algo assim se continuar desse jeito.

Acho que ele vai tentar continuar exatamente onde terminamos ontem à noite. Minhas suspeitas aumentam quando ele se aproxima. Nossos corpos praticamente não se tocam.

Deus, Ian realmente é alto e intimidador. Há uma razão para eu nunca ter saído com um cara tão grande quanto ele. Ele é o cavalo e eu sou o jóquei — exceto que os jóqueis recebem capacetes e chicotes. Não tenho nada para me defender dele, apenas muffins.

Ian levanta as mãos, e meus olhos se fecham.

Estou sendo completamente irracional. Eu sei disso, mas, como eu disse, seu tamanho é intimidador. Eu deveria ter optado por algum tipo de salto plataforma esta manhã, talvez uma anabela. Até mesmo um pula-pula me permitiria ficar ao nível de seus olhos por um milésimo de segundo que fosse.

Algo atinge meu peito e pode ter sido qualquer coisa, até uma bomba. Os segundos passam, e nós dois podemos explodir. Aprecio a ideia — adoraria acabar com meu sofrimento.

— Abra os olhos, Sam.

Seu tom é provocador e leve. É como Ian 1.0 costumava soar, então abro um olho e depois o outro. Eu olho para baixo.

Ele está pressionando uma garrafa azul de Gatorade contra o meu peito.

Uma inocente bebida esportiva.

— Relaxa.

— Você não vai me beijar?

— Você quer que eu te beije?

Meus olhos ficam grudados na garrafa.

— Não sei. Não consigo sentir meus pés e a primeira aula vai começar em breve.

Ele dá um passo para trás e balança a cabeça.

— Beba. Você parece estar com sede. E esqueceu? Não tem primeira aula hoje. Temos que dar aquele curso de educação sexual.

Todos os calouros e veteranos estão nas arquibancadas do ginásio. Ian e eu estamos na lateral, esperando que o diretor nos apresente. Isso vai ser uma caralhada só. Ao entrar, os alunos deveriam deixar uma pergunta anônima sobre educação sexual em uma caixa de sapatos. Estou com ela em meus braços, e está pesada. Esses adolescentes são pequenos babacas curiosos.

— Você está com o pênis aí? — Ian pergunta.

Eu seguro a banana. É velha e está empretecendo, na verdade parece um tanto estragada. Talvez eu também a use para demonstrar os perigos das DSTs.

— Você está com a camisinha aí?

Ele as tira do bolso traseiro. As palavras MAGNUM e TEXTURIZADA PARA O PRAZER DELA se destacam como um sinal néon piscando.

— Você está brincando comigo.

Ele parece confuso.

— Você trouxe uma camisinha das suas? — pergunto, minha voz incrédula.

— Você me disse para fazer isso.

Não tenho tempo para questioná-lo porque nossos nomes são anunciados no microfone, e então entramos na quadra de basquete sob muitos aplausos e conversas. Leva alguns minutos para calar a boca de todos e conquistar sua atenção.

A primeira metade do curso é básica. O diretor Pruitt nos pediu para falar das DSTs mais comuns e as vias de transmissão enquanto uma apresentação de slides é reproduzida em um projetor atrás de nós. Cada nova imagem traz um coro de gemidos e olhos tapados. Um garoto desmaia e precisa ser levado para a enfermaria.

— Eca! — uma garota grita da primeira fila.

— Sim — eu respondo solenemente. — A neurosífilis é nojenta e mortal. Agora, isso nos leva à próxima parte do curso: uma demonstração de técnicas adequadas de aplicação de preservativos. Ian, o profilático, por favor.

Ele sorri e balança a cabeça, abrindo a camisinha enquanto seguro a banana estendida na minha frente. Deixei que ele explicasse a melhor maneira de desenrolar, pois ele obviamente é mais experiente do que eu, um fato em que tento não pensar muito. Depois disso, o diretor Pruitt pega a banana e desfila pelo ginásio para que todos possam ver. Ele parece uma apresentadora de game show.

Em seguida, começamos com as perguntas da caixa de sapatos. Ian enfia a mão dentro dela, pega um pedaço de papel dobrado e o entrega para mim, e então eu leio em voz alta.

Eu esperava perguntas profundamente maduras, e não vi nenhuma.

— Qual é a média de tamanho do pênis? — li em voz alta, provocando risadinhas da plateia. — Oh, bem, é... por que Ian não responde essa aqui?

Ele não fica nem um pouco envergonhado ao responder com confiança:

— Pessoal, não se preocupem tanto com esse tipo de coisa. A maioria das mulheres não liga. As pessoas fingem que isso é muito importante, mas a maioria de vocês vai ficar em torno de 15 centímetros até o final da puberdade.

Ele se vira para mim, e eu pergunto só com o olhar: *E quanto a você, Sr. Magnum?*

Ele suspira e pega outra pergunta.

Cometo um erro grave ao ler em voz alta antes de ler para mim mesma.

— A sra. A é gostosa e... — Minha voz desaparece, e eu trato de amassar o papel. — Ok. Muito engraçado. Ian, próxima.

Ele me passa outra pergunta rapidamente enquanto lança um olhar ameaçador aos garotos sentados nas arquibancadas.

— É possível uma mulher ter mais de um orgasmo durante uma rodada de sexo? — leio em voz alta. Esta pergunta parece profundamente pessoal, e eu odeio estar corando quando respondo: — Sem dúvidas, a resposta é sim.

A pergunta é descartada rapidamente, e eu mexo a mão em busca de outra, recusando-me a encontrar o olhar ousado de Ian.

— Você pode engravidar se der uns amassos usando short da Nike?
— Meu rosto se contorce, e eu me viro para Ian. — Eu acho que não... na verdade, eles são meio porosos, não são?

Ian geme e arranca o pedaço de papel da minha mão. Então ele se inclina e fala no microfone:

— Não. Não, você não pode. Mesmo assim, use camisinha. Problema resolvido.

Com três quartos das perguntas respondidas, eu olho para cima e vejo um menino na primeira fila da arquibancada parecendo em estado de choque. Seus olhos ocupam metade do rosto.

— Ai, droga — eu xingo baixinho. — Ei, Johnny, você pode sentar no corredor? Sua mãe não assinou seu formulário de permissão para essa aula.

O diretor Pruitt corre para conduzi-lo para fora.

— Esqueça tudo o que você viu hoje, amigo.

Não há dúvida de que criamos cicatrizes duradouras, tanto nas crianças quanto em nós mesmos.

Depois de mais trinta minutos de tortura prolongada em que respondo mal às perguntas, terminamos a aula, e Ian me leva de volta à minha sala de aula.

Não há nada a dizer, então ficamos perfeitamente em silêncio.

Estamos sozinhos no corredor. Estou abraçando a caixa de sapatos cheia de sobras de perguntas contra o peito.

Não tenho ideia do que costumávamos conversar. Já tivemos coisas em comum ou eu estava delirando? Não consigo pensar em uma coisinha para dizer a ele que não incluía o Gatorade ou a ligação de ontem à noite. *Ah, dã.*

— Que belo dia de primavera hoje — eu digo melancolicamente.

Passamos por uma janela, e está chovendo lá fora. Galhos de árvores se movem de um lado para o outro. Um pequeno redemoinho de vento faz a grama se mover.

— É. Legal — Ian diz com um sorriso sábio.

— Tudo bem, tudo bem, vamos voltar a não falar nada. Isso é mais fácil.

— Estou te dando tempo para se acalmar.

— Acalmar!? *ME ACALMAR?!*

Seus olhos se voltam para os meus, e ele levanta uma sobrancelha. *Certo.* Se passássemos por um espelho, tenho certeza de que meu reflexo me horrorizaria. Meu cabelo provavelmente está em pé, como se eu tivesse enfiado o dedo numa tomada. Meus olhos estão sombreados e arregalados. Estou prestes a ser jogada em uma sala acolchoada.

— A noite passada provavelmente foi difícil para você — continua ele.

Sim, sexo pelo celular foi uma experiência muito difícil. Estou cansada só de pensar.

— E eu sei que você quer fingir que não aconteceu para que possamos voltar ao normal...

Sim. Sim. Eu cruzo os dedos das mãos e dos pés esperando que Ian esteja prestes a dizer o que eu acho que ele vai dizer.

— Como amigos.

Certo.

Como diria Chandler, isso seria a perfeição.

— Porém...

— Samantha! Oi, Sam! Espera aí!

Nós dois nos viramos em sincronia e vemos Logan correndo em nossa direção.

— Ei — diz ele, parando e apoiando as mãos nos quadris quando nos alcança. Ele não está nem ofegante. Se eu tentasse correr pelo corredor, teria uma câibra imensa na lateral do corpo.

— Ah, oi, Logan. Tudo certo?

— Tudo indo. E aí, Ian?

O grunhido de Ian é agressivo. Franzo a testa e tento chamar sua atenção, mas Logan fala primeiro.

— Eu estava aqui me perguntando se você já teve a chance de ler meu pequeno... poema.

Meu rosto se contorce em confusão.

— Poema?

Ele sorri, e percebo que não é o ogro que pensei que fosse. Ele tem braços bonitos, um sorriso gentil, um cabelo que foi cortado recentemente.

— Sim, eu o coloquei junto a um ursinho de pelúcia... para a arrecadação de fundos do coral, sabe?

Recebi apenas algumas rosas vermelhas, nenhum urso. Ian que é o dono do monopólio dos ursinhos.

— Desculpe, Logan, não recebi nenhum poema.

— Sam, precisamos ir — Ian intervém. — Vamos nos atrasar para o próximo horário.

Logan dá de ombros com bom humor.

— Provavelmente se perdeu no meio de todos os outros. Você ganhou alguns admiradores este ano, pelo que ouvi.

Do que diabos ele está falando?

— Oh... hm, arram.

Ele tem noção de que amanhã vou passar o dia sozinha? Supervisionando um baile do ensino médio? Eu ganharia facinho um concurso de *Pessoa Com Mais Chances de Passar o Dia dos Namorados Chorando*.

— Mas não vou deixar que isso me detenha. — Ele sorri. — Você fez algo diferente com seu cabelo hoje? Está ótimo.

Estendo a mão e toco os fios soltos e ondulados, surpresa com o doce elogio.

— Você não tem um compromisso agora, Logan?

Ele ri, claramente confundindo a pergunta de Ian com polidez.

— É meu tempo livre agora. Enfim, Sam, se você estiver com a agenda livre...

Sua voz falha quando ele encontra os olhos de Ian. Algo ali o avisa para desistir enquanto há tempo.

— Livre? — pressiono.

— Amanhã.

— Ela não está — diz Ian bruscamente.

Eu faço uma careta.

— Sou voluntária na festa de manhã e depois tenho que supervisionar o baile da escola.

Ele balança para trás em seus calcanhares.

— Ah, entendi.

Meu coração está desmoronando por ele. Logan teve coragem de me convidar para sair na frente de Ian e não quero recusar o convite imediatamente.

— Mas talvez no sába...

Ian passa o braço em volta dos meus ombros e me redireciona pelo corredor.

— Se despeça, Logan.

— Ah. Ahn... tchau. Espere! — Ian não espera. — Ok! A gente se fala mais tarde, Sam. Talvez possamos tentar pensar em algo em outra hora, pode ser?

Não tenho chance de responder porque Ian vira uma esquina e me leva com ele.

Quando estamos fora do alcance da voz de Logan, eu me desvencilho do aperto de Ian.

— Que bosta foi essa?

Ele balança a cabeça e me direciona para a minha sala de aula. Pela segunda vez hoje, Ian fecha a porta atrás de si. Estamos sozinhos, e ele anda de um lado para o outro como um leão enjaulado. Eu sinto vontade de sair correndo. Quero abrir uma janela, colocar a cabeça para fora e respirar fundo. A chuva cairia no meu rosto, mas valeria a pena.

Em vez disso, vou até minha mesa, abro meu Gatorade e tomo um longo gole. Quando engulo, lembro de algo.

— Você acha que ele realmente me mandou um ursinho que se perdeu no meio do caminho?

Silêncio.

— Ian?

— Possivelmente. Você sabe como são aquelas crianças do coral.

Não, na verdade não sei. Ele está sugerindo que elas são criminosas? Elas passam o tempo assistindo *Glee* e cantando versões a capella de Taylor Swift. Elas são inofensivas.

— Parece que todos os *seus* ursinhos não se perderam — eu indico.

— Hm.

Ele não parou de andar.

— Você está esquisito. O que você está escondendo de mim.

Ele se vira em minha direção e coloca as mãos nos quadris. Eu gostaria que Ian não fizesse isso. É sua pose de Super-Homem, e hoje, com a camisa branca enrolada até os cotovelos e calça preta, ele poderia facilmente passar por um senhor Kent.

— Não importa. Você vai rir quando eu contar.

Isso significa que eu definitivamente não vou rir.

— Contar o quê?

Seus olhos se estreitam, focados na janela atrás da minha cabeça. Suas feições se tornam severas quando ele responde:

— Eu paguei a um dos garotos do coral para interceptar seus presentes e entregá-los a mim em vez de a você.

Mas. Que. Porra. É. Essa?

— *Por quê?*

Talvez eu não tenha levado seu suposto fetiche por ursinhos a sério. Ele não doou aquelas sacolas para o hospital infantil? Talvez estejam guardadas em seu armário, um pequeno santuário de prazer de pelúcia.

— Por que não? — Ele dá de ombros, indiferente à minha raiva. — Talvez eu não achasse que você deveria ser submetida à terrível caligrafia de Logan.

— Me diz a verdade.

— Essa é a verdade. O poema era uma merda, e a caligrafia era ainda pior. Eram só rabiscos, na verdade.

— Não vem querendo pagar de bonitinho. — Estou com raiva. Puta da vida. — Não acredito que você fez isso. Passei as últimas duas semanas me sentindo um pedaço de merda porque você estava recebendo pilhas de presentes, e eu recebi grandes bostas. Eu me senti uma trouxa abandonada.

— Sam...

Ele tenta se aproximar, e eu ergo as mãos para bloqueá-lo. Eu sei que é um esforço inútil. Se ele quisesse me pegar, meus braços se dobrariam como um espaguete cozido.

— Sam... Sam-duíche... X-Sam. — Cada um dos meus apelidos faz meu coração se apertar. Ian se inclina para que fiquemos cara a cara. — Eu fiz isso porque chegou a hora de a gente parar de fingir que não tem algo rolando aqui.

— Você não está fazendo sentido.

— Você tem razão. Vou ser claro.

Seus olhos azuis estão em chamas, e uma onda de medo percorre meu corpo.

— Err... ou você pode só apenas apertar minha mão, dar meia-volta e encerrar o assunto.

Ele franze a testa.

— Do que você tem medo?

Eu dispense sua pergunta com um gesto.

— Ah, de muitas coisas, na verdade. O de sempre: aranhas, baratas, fantasmas. Além disso, perder meu melhor amigo porque ele acha que devemos afogar o ganso.

— Não é desse jeito.

Seu comportamento calmo me irrita.

— Como você chamaria a ligação de ontem à noite?! De um papinho normal?

— Exatamente o oposto, na verdade. Escuta, não é para entrar na onda de amizade colorida. Não vamos só fazer sexo e manter tudo casual.

— É claro. Por que faríamos isso? Parece fácil demais.

— Quando você estiver pronta, vou te convidar para sair.

— Para sair? Eu não quero sair com você nem como amiga agora! Você roubou meus ursos e minhas flores!

— Não. *Lembra?* — Ele finalmente parece exasperado. — Eu te dei as flores.

É verdade, mas elas me machucaram tanto de ciúme, que as joguei fora. Agora estou ainda mais brava com ele.

Eu cutuco seu peito, e seu músculo duro me causa uma fissura no osso. Ótimo, provavelmente quebrei alguma coisa.

— Não tenta se livrar dessa com circunlóquios, seu bosta.

A mão dele envolve a minha, não consigo afastá-la, e pelo visto estamos em 1800, porque Ian tocar em minha mão parece inapropriado e íntimo, e por acaso há nervos na mão que se conectam ao ventre e eu não sei?

— Vou te comprar um milhão de ursos, se for isso que você quiser.

Ótimo, vamos nos concentrar no problema real. Ele mentiu para mim e me traiu, mas estou com raiva mesmo é da ausência de ursinhos de pelúcia vagabundos.

— Não! Nada que você faça pode compensar isso... essa mentira!

O canto de sua boca se inclina para cima.

— Você está sendo dramática.

— Me solta.

Ele dá um passo para trás e aperta a ponte do nariz como se estivesse tentando não rir ou gritar.

— Claramente você precisa de algum tempo. Você quer ir de bicicleta comigo para o festival de manhã?

— É óbvio que não.

Ele dá um passo para trás e se dirige para a porta.

— Então eu acho que te vejo lá.

Sim! SIM, E COMO VAI ME VER LÁ.



Ian

Só para deixar claro, eu não me ofereci para sentar na cabine de tiro ao alvo com imersão no festival do Dia dos Namorados. Alguém (adivinha quem) escreveu meu nome em negrito no formulário de inscrição. Convenientemente, ela optou por operar a referida cabine de mergulho, o que significa que ela vai me ver encharcado dezenas de vezes entre pegar um novo ingresso e reiniciar o mecanismo de imersão.

O evento começa oficialmente às 10 h. Eu esperava que a tempestade de ontem impedisse as atividades ao ar livre, mas provavelmente, devido ao vudu de Sam, o céu clareou e a chuva deu espaço a uma frente quente vinda do sul. Está ensolarado e não há uma nuvem sequer no céu. Estou na plataforma, esperando alguém me derrubar na água, e Sam está no chão conversando com Logan. Ele trouxe café para ela esta manhã. Que encantador. Ah, e tem um ursinho de pelúcia também. Sam abraça aquele urso contra o peito como se nunca tivesse desejado mais nada em toda a sua vida. O espetáculo é direcionado para mim.

— Que a festa comece! — alguém grita perto do final da linha.

Sim, há uma fila.

Há tantas pessoas querendo me derrubar na água, que tenho certeza que os astronautas podem ver a fila de uma estação espacial.

— Kyle, venha derrubar o treinador!

— Steven! O sr. Fletcher está no tiro ao alvo de imersão!

Bianca é a primeira. Ela está com um sorrisinho sacana no rosto, e toda vez que acidentalmente olho em sua direção, ela acena com entusiasmo.

Sam passa na frente dela e estende a palma da mão com impaciência.

— Ingressos.

Seu urso foi esquecido em algum lugar, e Logan foi embora.

— Custa quantos?

— Cinco. Leia a placa. Próximo.

— Toma! — Bianca diz impacientemente, empurrando uma pilha de ingressos para Sam. — Pega logo todos

Sam coloca os ingressos em uma lata de café vazia e então entrega a Bianca três bolas.

Ela está prestes a soltar uma quando Sam a interrompe novamente.

— Ei! Se afasta! É pra ficar *atrás* da linha branca.

Bianca erra todos os seus arremessos. Suas bolas caem com um baque suave na grama, e quando Sam se vira para pegá-las, abre com um grande sorriso. Nossos olhares se encontram quando ela chega perto de mim para pegar um lance particularmente ruim, e o sorriso desaparece.

— O quê?

— Você arrumou um monte de trabalho para si mesma — eu digo, inclinando meu queixo em direção à fila.

Seus olhos se estreitam.

— Você sabe que estão aqui só pra te ver de camiseta molhada.

— Engraçado, essa é a mesma razão pela qual eu queria ter te colocado no meu lugar.

— PRÓXIMO! — ela grita.

Todas as quatro professoras dos calouros tentam, e nenhuma acerta o alvo. A multidão está começando a ficar ansiosa. Como uma grande população medieval, eles querem ação. Querem ver sangue. Sam pega outra rodada de bolas e se vira para levá-las ao próximo competidor, mas então hesita, gira nos calcanhares e estuda o alvo que vai me derrubar na água. Sua cabeça se inclina, e posso ver sua mente trabalhando.

— Talvez as pessoas só precisem de um pequeno tutorial.

Ela dá um passo hesitante em direção a ele.

— Você não ousaria.

— Não tenho ideia do que você está falando.

Outro passo.

— Samantha Grace Abrams — eu aviso.

Não adianta. Ela dá mais um passo e começa a fingir uma enorme queda em câmera lenta na qual ela tropeça para frente e precisa amortecer a queda com uma coisa: o alvo.

A plataforma desaparece debaixo de mim com um rápido *vush*, e então eu caio na água.

Putá caralho. Frente quente ou não, ainda estamos em fevereiro. A água está fria.

Quando subo à superfície, Sam está parada do outro lado. Nossos olhares estão nivelados. Ela está toda doce e inocente, mansa como um cordeirinho.

— Ops.

— Se você se aproximar mais, vou te puxar para cá.

Seus olhos se arregalam, e ela corre de volta para perto da fila.

Caio poucas vezes durante o restante da manhã, até que as Quatro dos Calouros terceirizam o trabalho de arremesso para alguns jogadores de beisebol que conseguiram encontrar por aí.

— Estamos só ajudando a arrecadar dinheiro para a fundação educacional! — elas explicam, abanando-se enquanto eu subo de volta na plataforma. — É tudo para... pelas crianças.

Além disso, Sam me derruba pelo menos uma dúzia de vezes sozinha. Sempre que ganho coragem e lanço uma alfinetada ou um flerte, caio na água. No final do meu turno, a camiseta está grudada na pele. Meu cabelo está jogado para trás. Sinto-me revigorado e fresquinho. Em contraste, Sam está suando. Seus olhos grudam na minha camisa molhada e se afastam lentamente. Um momento depois, voltam para onde estavam.

— Como você está se sentindo aí, campeã?

— Calado.

Um substituto chega para me tirar do cargo: o sr. Jones, o treinador de basquete barrigudo. Assim que trocamos de lugar, a plataforma range, e a fila se dispersa. As pessoas dispersam e fogem do local.

— Ah, fala sério! — sr. Jones provoca. — Só porque eu não tenho tanquinho como o do Senhor Químico ali?

Quando alcanço Sam, ela entrega minha toalha e mantém seu olhar no céu.

— Toma, cubra-se. Você está todo indecente.

— Estou de roupa de banho e camiseta.

— Sim, e as mulheres ficaram em estado de choque durante toda a manhã com a visão. Ouvi dizer que a tenda da enfermagem está sem leito, então faça um favor a todas nós.

— *Nós?*

— Cale-se. Bora, você vai pagar o almoço por me submeter às últimas duas horas de tortura.

— Espera aí, quero vestir uma camiseta seca.

Eu nos conduzo para a casa de campo deserta atrás do parque de diversões. Sam cruza os braços e me observa enquanto eu sacudo meu cabelo e tiro a camisa.

— UAU! Um aviso seria bom, viu?

Balanço a cabeça e me abaixo para vasculhar minha mochila em busca de uma camisa seca. Eu levo uma quantidade obscena de tempo. Sam se mexe e geme, mas acaba pegando a mochila das minhas mãos.

— Espera, deixa que eu pego.

Estamos tão perto, e agora percebo que Sam também não está completamente seca. Ela ficou parada ao lado da cabine a manhã toda se molhando. Sua camiseta branca se ajusta ao corpo da mesma forma que a minha. Eu posso ver o contorno de sutiã rosa-claro, a curva de seus seios.

— Você está pingando em mim — diz ela, embora sua voz tenha perdido todo o tom mordaz.

— Sam...

— Aguenta aí, já vou achar.

Ela acha que meu tom áspero é de irritação, mas não é o caso. Estou prestes a tirar sua camiseta. Em qualquer outro momento, eu faria isso, mas há alunos do lado de fora. Não é um bom timing para isso.

— Ah, achei!

Ela se levanta e estende a camisa para mim com um sorriso orgulhoso. Eu me esforço para subir o olhar para seu pescoço.

— Essa é para você. Eu sabia que você ia se molhar, então trouxe duas.

Ela está perplexa. Sua cabeça se inclina para a esquerda, e sua boca macia fica muito perto da minha.

Sam está hesitante, então eu pego na bainha de sua camiseta e questiono com o olhar: *Posso?* Por alguns momentos, ela não se mexe. Está calculando seu próximo passo, pensando em todas as possibilidades em sua mente. Eu sei que ela está me imaginando a pegando aqui mesmo. Resisto à vontade de morder o lábio. Por fim, Sam levanta os braços lentamente, e eu tiro a peça rapidamente por sua cabeça. Por alguns breves segundos, ela fica parada, só com aquela renda rosa e o short. Consigo ver tudo do pescoço até o umbigo. Seu sutiã não esconde nada. Sua pele cremosa está úmida. Sua barriga está trêmula. Ela está com frio. Arrepios surgem em seus ombros. Pego em sua cintura e a seguro com força. Há uma guerra sendo travada dentro de mim. Eu quero empurrá-la contra aquela parede de concreto ali. Quero enfiar os dedos sob o cós desse short e pressionar sua pele fria contra a minha. Eu poderia aquecê-la tão facilmente, *preenchê-la* tão facilmente...

Porém não quero ser um amigo colorido. Eu quero mais. Antes que minha determinação desapareça, eu a ajudo a vestir a peça seca. De repente, Sam está coberta do pescoço às coxas. Seus braços estão escondidos por causa do ângulo. Ela parece uma grande bolha disforme e preta, sem braços. *Ótimo.*

— Adorável. Agora vamos comprar comida para você.

Se eu imaginei que teria alguma chance de conversar com Sam durante o festival, estava totalmente enganado. Ficamos cercados por professores e alunos pelo resto da manhã e início da tarde. Sam insiste em comer um churrasco e depois pegar bolo, e então, enquanto limpa o açúcar de confeitiro dos lábios, pergunta se eu acho uma boa ideia ela pegar um Snickers frito.

— Acho que você está chegando perigosamente perto da zona de alimentação competitiva.

Ela balança a cabeça.

— Não há nada de perigoso nisso, só estou tornando a vida mais doce. Trocadilho intencional.

É verdade, ela pode comer muito açúcar, mas acho que Sam está usando a comida do festival para não pensar na mistura de emoções que está tendo de encarar. Minhas suspeitas são confirmadas quando ela de repente fica muito interessada em jogar todos os jogos possíveis

no festival. Ela atira com uma pistola d'água e joga dardos em balões e tenta acertar argolas em garrafas. Ela perde em tudo e vai direto para a próxima atividade. Eu sei que está fazendo tudo de propósito. Ela sabe que, eventualmente, teremos de levar em conta o elefante na sala.

Quero que sejamos mais que amigos.

Sam quer continuar vivendo na negação absoluta.

No final da tarde, voltamos de bicicleta para o apartamento dela, e Sam logo me diz que precisa tirar uma soneca, tomar um banho e se preparar para o baile. Há açúcar cristalizado em seu lábio inferior. Seus olhos estão selvagens. Se eu pegasse em seu pulso, sentiria seu coração batendo a mil por hora.

— Sam, calma. Nada mudou.

Ela já está se espremendo pela porta entreaberta, fechando-a atrás de si.

— Sim, sim, eu sei disso. Ok, tchau! Te vejo no baile!

Então a porta é fechada na minha cara.

Eu tinha esquecido completamente do baile, para ser honesto. Quando nos inscrevi, era minha maneira de garantir que passaria o Dia dos Namorados com Sam, mesmo que não estivesse tecnicamente *com* ela. Patético, eu sei.

Eu decido treinar e ir tomar banho, mas ainda tenho algumas horas para matar depois disso. Resolvo falar com meus pais pelo FaceTime, escolha da qual me arrependo imediatamente, porque eles só querem conversar sobre uma coisa.

— CONTE-NOS TUDO SOBRE VOCÊ E SAMMIE WAMMIE!

— Ela não gosta desse apelido — eu os lembro.

Minha mãe revira os olhos, empurra meu pai para longe e fica tão perto da câmera, que só consigo ver seu nariz.

— Você já a levou para O Olive Garden?

Por que todos os pais acabam adicionando artigos pomposamente antes de cada nome comercial? É apenas *Olive Garden*.

— Não.

— Bem, você vai trazê-la para um jantar de domingo em breve, certo?

— Nós não fazemos jantares de domingo — eu a lembro. — Além disso, vocês moram a quatro horas de distância.

— Bem, estou pensando em começar a fazer, especialmente se você começar a namorar a Sam!

— Há uma boa chance de ela apenas querer continuar como minha amiga — eu digo, expressando em voz alta a notícia, não só para eles, mas para mim também.

Meu pai resmunga, rouba o celular da minha mãe, e então vejo um close de seu canal auditivo. Não tenho certeza se ele percebeu que esta é uma chamada de vídeo.

— Ouça, filho, se você precisar de algumas dicas e truques, você precisa ouvir seu velho, não sua mãe.

Eu passo a mão no rosto. Ligar para eles foi um erro. Vou virar um daqueles caras que só falam com os pais em feriados e funerais — em casamentos também, se estiver em um dia bom.

— Eu tenho que ir, pessoal. Conexão ruim.

— Podemos ouvir você muito bem, querido! — minha mãe insiste.

Eu desligo e jogo o celular no sofá.

Que desastre completo. Eu pensei muito sobre como faria a transição do meu relacionamento com Sam de amigos para... algo mais. Eu ia fazer isso devagar, com cuidado. Ela é como um coelho, tímida e nervosa e cheia de desejo de ficar sozinha para poder comer em paz. Ela se convencerá de qualquer coisa se você der a ela tempo suficiente para pensar sobre o assunto. Acima de tudo, Sam teme mudanças. No ano passado, eles trocaram a sala de aula dela, e ela chorou por causa disso por uma semana. Por um mês, ela continuou indo acidentalmente para a antiga sala de aula em vez da nova.

— *Eu nunca vou decorar isso! Que ridículo! Eles não podem simplesmente me mudar três salas para baixo!*

Ela até fez um texto de várias páginas descrevendo por que era importante para ela usar sua antiga sala de aula. Sam imprimiu e me fez ler em voz alta durante o jantar. Cheguei na metade e comecei a rasgá-lo na lata de lixo, dizendo que ela tinha enlouquecido.

Ficamos dois dias sem nos falar.

Eventualmente, ela percebeu que estava sendo irracional.

Em outra ocasião, tentei convencê-la de que deveríamos mudar o dia de *West Wing* de quarta para terça, porque queria ver como era um evento de trivia que acontecia num bar no final da rua.

— *Mas é uma aliteração em inglês, Ian. West Wing Wednesdays, sacou? Sem ser na quarta-feira, é anarquia pura. Não tolerarei essa*

ilegalidade.

Algumas pessoas podem pensar que desperdicei bons anos sendo “só um amigo” de Sam quando na verdade queria ter algo mais, mas, na verdade, isso me forneceu informações vitais que posso usar a meu favor. Sei seus gostos (ela prefere doces com sabor cítrico, especialmente se forem azedos) e sei o que odeia (estranhos que passam sem agradecer quando você abre a porta para eles). Eu sei que tipo de cara ela precisa (eu) e que tipo de cara é errado para ela (Logan).

Em outras circunstâncias, eu teria ido com calma durante essa transição. Sexo por celular teria acontecido só semanas após o início do namoro, depois de planejar e debater o assunto com Sam ad nauseam. Eu teria levado para ela diagramas e fluxogramas para argumentar. Mas Sam arruinou isso no dia em que disse na escola que não estávamos namorando. Os tubarões espreitam na água agora, e Deus me livre de querer me afastar e deixar Logan cortejá-la com café e ursinhos de pelúcia vagabundos.

É hora de escolher as melhores armas: *Signor Armani*.



Sam

Eu não consigo parar de olhar para Ian. Não estamos nem conversando. Ele está do outro lado do refeitório, parado na tigela de ponche, e eu estou do outro lado do espaço, desejando um par de binóculos para poder inspecionar cada delicioso centímetro dele.

— Senhorita Abrams, a senhorita está *radiante* esta noite. — É meu aluno, o Nicholas. Ele está tentando chamar minha atenção. — Você sabe, como Wilbur, em *Charlotte's Web*... não que eu esteja dizendo que você parece um porco, eu só... deixa pra lá. Ei, seria muito ousado da minha parte pedir que me acompanhe durante a próxima dança?

Eu o afasto alguns centímetros para a direita para que consiga ver Ian por cima do ombro do rapaz.

— Tá, tá, Nicholas. Que ótimo.

Ele solta um gritinho.

— Você está falando sério?!

Ai, não. Olho para ele e vejo seus olhos cheios de lágrimas. O que eu fiz?

— Nicholas, meu Deus, não. Desculpe, eu estava distraída. Obviamente não posso dançar com você. Eu sou professora. O diretor Pruitt não permitiria.

Ele cerra os punhos com determinação e gira sobre os calcanhares. Acho que me livrei dele pelo resto da noite, mas então o avisto perto do diretor Pruitt. Ambos se voltam em minha direção. Nicholas junta as

mãos na frente do peito em oração. O Diretor Pruitt ri e dá um tapinha no ombro dele, então olha na minha direção para que possa me fazer um sinal de positivo. Ah, que bom, *permissão* — exatamente o que eu queria.

Nicholas me encontra no final da música seguinte. Agora percebo que ele está usando uma gravata-borboleta e um par de óculos elegantes que deve manter guardado para ocasiões especiais. Eles são de aro de tartaruga. Além disso, está usando uma flor na lapela do smoking. A maioria dos outros alunos está usando jeans. Eu gosto do seu esforço e digo isso a ele enquanto saímos para a pista de dança.

— Você está tão... inteligente esta noite, Nicholas.

— Você realmente acha isso?

— É claro.

— Porque eu estava pensando... eu sei que você é dez anos mais velha que eu, mas talvez depois...

— Não.

— Eu me formei, nós poderíamos...

— Nicholas.

— Sair juntos.

Eu suspiro pesadamente.

— Nicholas, isso é apenas uma dança. Sou sua professora, e embora meu trabalho às vezes seja difícil, sabe o que é pior do que lidar com alunos do último ano que não se importam com a minha matéria? *Prisão*. Ir para prisão é pior.

Não há como dissuadi-lo.

— Tudo bem. Eu entendi. Vamos conversar novamente sobre o assunto quando eu for legalmente maior de idade.

Suspiro e me entrego ao momento. Eu não estou magoando ninguém, e Nicholas está muito feliz por estar na pista de dança comigo. E daí se ele pesa uns 40 quilos e tem dezessete anos? Ele gosta de mim! Ele me convidou para dançar, o que é muito mais do que Ian, que, aliás, ainda está lá conversando com outros supervisores, sem se preocupar em olhar na minha direção, fez.

Nós não nos falamos a noite toda.

Nós viemos para cá separadamente.

O diretor Pruitt me colocou no lado esquerdo do refeitório quando cheguei mais cedo. Ian já estava no lado oposto. Escondi meu celular e

minha bolsa na minha sala de aula e não pensei em trazer walkie-talkies, então não houve comunicação até agora. Não tenho certeza se ele percebeu que estou aqui. Eu sei disso porque estive de olho nele por 99% da noite. Eu não consigo evitar. Esta noite, ele está magnífico em um terno preto. Ian se deu ao trabalho de estilizar seu cabelo castanho de uma maneira sexy e elegante que eu nunca o vi fazer antes. Normalmente, os fios curtos e levemente ondulados ficam livres para fazer o que quiserem. É fofo e tem a vibe de “acordei desse jeito”, o que é um excelente material para sonhos de saliência. Porém parece que hoje ele decidiu que ainda não nos provocou o suficiente. Ian quis piorar tudo e acrescentou o terno, o cabelo e o olhar ardente. Ah, sim, ele intensificou tudo com primor. Sem dúvida, seus olhos azuis estão brilhando como safiras abaixo de suas sobrancelhas escuras. Suas maçãs do rosto delineadas provavelmente poderiam arrancar um olho, de tão angulosas.

Não devo chegar muito perto, sei o que é melhor para mim. Se eu não tomar cuidado, sofrerei danos permanentes.

Porém...

— Nicholas, ei, me gire na direção da tigela de ponche.

— Girar? Aaahn, eu não cheguei tão longe no vídeo instrutivo de dança...

Eu nos conduzo, assumindo o controle e basicamente arrastando o pobre Nicholas pelo ambiente. Ele tropeça e cai em cima de mim. Tento fingir que estamos nos divertindo muito e mal consigo conter o riso.

— Ria, Nicholas — eu digo severamente.

— Você está me assustando.

Estamos a poucos metros de Ian agora, e eu solto uma gargalhada que beira a insanidade.

— Nicholas, pare, *pare*. Você está me matando.

— Ai, meu Deus, estou pisando em seus pés ou algo assim?

Na verdade, ele está, mas ignoro a pontada de dor e dou um sorrisinho de prazer na direção de Ian. Finalmente, eu atraio seus olhos azuis, e ele inclina a cabeça com uma erguida sexy de sobrancelha. A expressão diz: *Samantha, por favor. Você não está enganando ninguém.*

Ele vence essa rodada.

Meus pobres pés, não.

Mais tarde, quando estou sentada, colocando gelo nos dedos, observo as Quatro dos Calouros atacarem Ian do outro lado da sala. Elas

nem deveriam estar supervisionando o baile e, no entanto, cá estão elas, usando vestidos brilhantes em tons quentes e berrantes, com lantejoulas suficientes para rivalizar com um globo de discoteca. A estratégia de sedução delas se resume a: ser atraente é o mesmo que brilhar e reluzir. O ataque a Ian é todo coordenado. Cada uma toma uma direção cardeal, então ele fica cercado. Eu assisto com alegria enquanto ele tenta se livrar delas. Se ao menos Ian não estivesse me ignorando, eu poderia ir até lá e ajudar o pobre homem. Ele está de saco cheio. Ah, sim, ele vai pagar por tudo.

Só que, um minuto depois, ele estende a mão, e eu assisto de queixo caído Ian conduzir a BIANCA para a pista de dança. A BIANCA, a bruxa malvada de Oak Hill High! Ela está a presunção em pessoa agora.

Eu ouço uma parte de sua conversa e meus olhos se estreitam.

— Bianca, *pare, pare*. Você está me matando.

Oh, ok, cara engraçado.

Eles dançam perigosamente perto de onde estou sentada com minha bolsa de gelo, exceto que Ian sabe dançar, e sabe como fazer Bianca jogar a cabeça para trás enquanto dá gargalhadas desenfreadas. *Ah, por favor, Bianca. Seu senso de humor é limitado à primeira metade das piadas toc-toc-quem-está-aí. Você nem se lembra do final delas.*

Quando eles rodopiam ainda mais perto de mim, Ian me olha nos olhos. Ele inclina a cabeça e sorri, todo orgulhoso de si mesmo. Eu me levanto, estremeço de dor e me afasto o mais rápido que meus sete dedos quebrados me permitem.

Eu nem tenho certeza de que jogo estamos jogando ou quais são as regras, mas sei que Ian aumentou as apostas quando escolheu esse estúpido e magnífico terno preto.

Eu fiz um movimento errado quando aceitei aquela dança com Nicholas, e agora Ian está desferindo um golpe com as costas da mão, e com Bianca pendurada no braço. Pelas minhas contas, está dois a zero para ele. Se alguém me perguntasse qual é o objetivo de tudo isso, eu diria que há uma explicação perfeitamente boa, mas que não é da conta de ninguém. Na realidade, não há nenhuma. Não sei quais são meus motivos, porque não passo um único segundo pensando neles. Estou muito ocupada reagindo, criando estratégias. Não há um solteiro disponível na sala além de Ian. O diretor Pruitt não é apenas idoso, ele também é um homem casado e feliz. Agora, por exemplo, ele está na pista de dança com a esposa. Eles estão agarrados sob o globo de discoteca, e o amor dos dois me dá vontade de vomitar.

Eu devia ter arrumado um acompanhante para esta noite. Aparentemente, eu poderia até ter arrumado *vários* para esta noite! Um verdadeiro harém reverso se Ian não tivesse subornado crianças que roubaram tudo de mim. Eu me pergunto quantos ursos ele interceptou — dezenas, centenas, *milhares*? Não há como saber. Eu poderia ter sido enterrada viva somente com espuma e pelúcia e minúsculos olhinhos perigosos se forem ingeridos acidentalmente. Que sonho.

Pior ainda, gastei um tempão com minha aparência em um esforço para fazer Ian morder a língua. Marquei horário para cabelo e maquiagem em um salão local e sofri em uma cadeira com pouco apoio para a lombar a tarde toda. Fizeram de tudo nas minhas sobrancelhas. Meu cabelo comprido foi enrolado, afofado, modelado, escovado e depois emplastrado. Normalmente, não uso muita maquiagem, mas agora, neste momento, sinto que estou prestes a subir no palco de um concurso de beleza.

E isso sem falar no vestido.

É curto, azul e sedutor, não tão curto que os alunos possam dar uma espiada nas minhas partes íntimas, mas curto o suficiente para que minhas pernas estejam “arrasando, gata”, como observou a vendedora. Eu gostaria de ter usado um agasalho de veludo. Eu me sinto ridícula por todo esse trabalho, quando Ian nem veio falar comigo.

Eu me escondo nas sombras até que ele termine de dançar com Bianca, e quando ele está fora de vista, relutantemente retomo meu posto.

São 20 h. Certamente tudo isso vai acabar em breve. Essas crianças não precisam estar na cama às 20:30?

Como se em resposta aos meus pensamentos, o DJ de repente muda da música lenta para techno, a iluminação do teto se apaga e luzes estroboscópicas piscando tomam o lugar. Os alunos ficam loucos. O DJ (que, aliás, é apenas um pai pateta da Associação de Pais e Mestres) está dando pulinhos, segurando os fones de ouvido na orelha com uma mão e discotecando com a outra o mais intenso que pode. Ele está perto de ganhar uma hérnia de disco, mas não se importa. Para ele, esta é a última noite do Coachella.

— Como estão os dedos dos pés? — A voz de Ian à minha esquerda me faz pular de susto e gritar uma sílaba incompreensível.

Eu me recupero rapidamente.

— Você estava escondido nas sombras, seu macabro?

Tecnicamente agora que as luzes foram apagadas, toda a sala está nas sombras.

As luzes estroboscópicas estão fazendo uns troços complicados com as minhas vistas. Eu enxergo segundo sim, segundo não, então a vida parece um filme em stop-motion, e o tempo de reação do meu cérebro está em delay quando Ian estende a mão para botar uma mecha de meu cabelo atrás da orelha. Fico absolutamente imóvel, deixando acontecer e observando o gesto com admiração.

— O que foi que Logan disse ontem mesmo? — Ele precisa se inclinar para perto para que eu possa ouvi-lo por cima da música. — Você fez algo diferente com o cabelo? Está ótimo.

— Então por que você me ignorou a noite toda?

Ele enfia as mãos nos bolsos, e acho que é para evitar me tocar.

— Eu ia te perguntar a mesma coisa.

— Você veio de terno.

— Você veio de vestido.

— Parece que nós dois vamos ao baile de formatura.

— Você gostou do seu baile de formatura?

Ele parece falar sério agora, e eu acabo precisando desviar o olhar.

— Não. Eu tive que fazer aquela coisa de ir com amigas porque ninguém me convidou, mas no final da noite todas me trocaram por meninos. Foi péssimo.

— Eu gostaria de ter levado você.

A ideia é absurda. Eu vi o jovem Ian em fotos emolduradas em sua casa. Não rolou aquela coisa de bizarrice adolescente para ele. Sabe Hollywood escalando gente de 30 anos para interpretar alunos do ensino médio? O Ian era assim, alto e forte mesmo aos dezessete anos. Enquanto isso, eu era impiedosamente zoada por tudo e qualquer coisa: cabelo vermelho selvagem, estatura de elfo, joelhos ossudos. Cadê a justiça no mundo?

— Posso fazer as pazes com você agora — ele sugere, estendendo a mão.

Meu coração rebola contra minha caixa torácica.

— Não acho que seja uma boa ideia.

— Por quê?

Por quê?!

— Porque eu sou como aquele ratinho bobo da história infantil. Se você der uma dança para Sam, ela certamente pedirá um beijo. Se você der um beijo nela, ela vai querer...

Meu olhar trava com o dele, e sinto o coração flutuar. Alguém deveria passar uma fita daquelas de aviso de perigo ao redor da cabeça de Ian, porque seus olhos estão em brasas, tentadores, e eu definitivamente deveria me afastar. Meu corpo enlouqueceu. A princípio, estou ofegante e abanando o rosto. Então minha boca fica completamente seca, e a pele se arrepia toda.

— O quê? — ele persiste, aproximando-se. — Diz.

— Mais. — A palavra sai em um fôlego. — Eu ia querer *mais*.



Sam

Ian não me toca, o que significa que não está forçando a barra, mas ainda assim é ele quem está dando as cartas. Estamos caminhando silenciosamente pelo corredor. Minha confissão se arrasta atrás de nós como uma rodinha extra de bicicleta. Nossas tarefas como supervisores terminaram. Uma nova rodada de professores nos rendeu, e agora é hora de ir para casa. Preciso só pegar minha bolsa, e Ian insistiu em me acompanhar até minha sala de aula.

Estou com seu terno em meus ombros. Ele me ofereceu alguns minutos atrás, quando eu estava esfregando as mãos em meus braços para me aquecer. Meu pequeno truque funcionou perfeitamente. Estou envolta em *eau de Ian*, uma mistura inebriante de colônia de especiarias e sabonete líquido. Eu inclino a cabeça para o lado e cheiro o mais discretamente possível. Ele vê mesmo assim.

— Que esquisita.

Ele diz isso como um elogio, e eu não retruco.

Ian mantém a porta da minha sala aberta e acho que vai acender a luz, mas não o faz. A luz da lua entra pelas persianas semicerradas. Assim como no refeitório, a iluminação está pregando peças no meu cérebro. Este cenário é romântico e misterioso, cheio de possibilidades tentadoras. Preciso sair daqui imediatamente.

— Certo, vou pegar minha bolsa e então poderemos ir. Aqui está minha bolsa, e veja, aqui estão minhas chaves.

Acho que estou ganhando controle da situação narrando minhas ações em voz alta, mas Ian tem um plano só dele em mente.

Ele encontra a última edição do Jornal Oak Hill na minha mesa e o vira.

— Ah! Isso não é nada. Vem, vamos lá.

É tarde demais. Ele está olhando para a história da primeira página e as fotos que a acompanham. É a matéria de Phoebe, e aquela foto que ela tirou de mim durante o jogo de futebol está em destaque. A legenda é algo inócuo sobre eu assistir ao jogo, mas não importa, porque a imagem vale mais que mil palavras. Na parte inferior do quadro, as Quatro dos Calouros estão em polvorosa por causa de Ian. Eu apareço em destaque, carrancuda de ciúmes. Ela se concentrou em mim de maneira excelente. É uma ótima foto, e serei forçada a dar a ela um A na tarefa.

— Você não estava gostando do jogo? — Ian pergunta inocentemente.

Ele está jogando verde.

— Não lembro. Vamos, vamos.

— E só que você parece bem chateada, o que é estranho, considerando que estivemos em vantagem durante a maior parte do jogo.

Ele está exultante. Não tenho escolha a não ser me inclinar e inspecionar a foto, fingindo pensar nela.

— Ah, sim. — Eu bato o dedo contra a página. — Lembrei: um gafanhoto tinha acabado de entrar na minha boca e escorregar pela minha garganta. Uma coisa pavorosa, sério. Onde você estacionou?

Ele se vira para mim lentamente e estende a mão para tocar em minha bochecha. Minhas coxas se apertam por instinto.

— Você está ficando sem explicações, Sam... sem motivos pelos quais não devemos fazer isso.

— Isso deveria ser um enigma ou algo do tipo?

Nossos olhos se encontram, e uma deliciosa sensação de promessa paira no ar entre a gente. Eu desvio o olhar, mal e porcamemente.

— Bianca com certeza parecia feliz por estar em seus braços mais cedo... pensa em convidá-la para sair?

Ele se levanta, colocando alguma distância entre nós.

— Você não me deu escolha a não ser dançar com ela. Você estava me ignorando. E eu queria testar mais uma teoria.

— E qual seria?

— Samantha Abrams tem uma queda por mim? — Sua sobrancelha se curva. — Ela sente ciúmes?

— E o que você descobriu?

Ele se aproxima, e as pontas de nossos sapatos se tocam. Ian pega as lapelas de seu terno em meus ombros e me puxa para perto.

— Minha hipótese era verdadeira. Esta foto confirma isso.

Nossos corpos se encostam, e o calor de sua pele arde mesmo por cima das roupas. Eu inclino a cabeça para trás, para trás, para trás, até que estou olhando diretamente para ele. Seu polegar roça no meu lábio inferior, e eu reprimo o desejo de colocá-lo em minha boca. Preciso saber a resposta para aquela velha pergunta: que gosto Ian Fletcher tem?

Ele inclina a cabeça para frente mais um centímetro, e posso sentir sua respiração em meus lábios. Hortelã fresca. Nós vamos nos beijar. Este será um momento que contarei aos meus netos. Vou entalhar os detalhes em pedra e mandar para o Smithsonian.

Em vez disso, ele sorri.

— Vamos fazer um jogo.

Minhas mãos, que eu tinha esquecido completamente da existência, estão segurando seus quadris. Eu o puxei contra mim nos últimos... ah, vários milhares de segundos. Que salientes, essas minhas mãos.

— Certo.

— O jogo é Verdade ou Beijo.

Eu sorrio.

— Você quis dizer Verdade ou Consequência? Você é tão velho assim?

— Estou reescrevendo as regras. Vou fazer uma pergunta, e se você não quiser responder... bem, você provavelmente imagina o que vai ter de fazer.

É Ian quem está com o poder agora, o cara vestido a rigor, o chefão. Quanto a mim? De repente, estou suando por baixo desse terno sob medida para gigantes.

— Parece um jogo que prefiro não jogar.

Num piscar de olhos, ele me solta e dá um passo para trás. O ar-condicionado frio substitui seu calor. É como se ele tivesse me derrubado na piscininha daquela cabine do festival.

— Tá bom! Ok! — Cedo rapidamente, esperando que Ian imediatamente se aproxime de mim novamente, mas ele não o faz. Ele se recosta na minha mesa e cruza os pés na altura dos tornozelos. A imagem traz à tona uma memória vívida de uma velha fantasia minha: nós dois fazendo sexo contra aquela mesa. Preciso desviar o olhar para que a fantasia e a realidade não comecem a se fundir.

— Vamos começar por baixo. Você sente atração por mim?

— Em um sentido geral? — Balanço a mão em círculos. — As abelhas são atraídas pelas flores? Sim.

Minha resposta concisa cai por terra. Eu volto a olhar para Ian e descubro que ele cruzou os braços. Parece zangado, como se quisesse me punir, de preferência com uma régua. Ah, espere, não — isso é coisa da minha fantasia.

— Se você não vai responder honestamente, não vamos brincar.

— Sim... sinto atração por você — digo como se estivesse admitindo que estava limpando meu nariz.

É um hábito terrível o qual realmente preciso dar um jeito – sentir atração por ele, quero dizer.

Ele balança a cabeça, aparentemente satisfeito com a resposta.

— Mesmo que eu não pareça em nada com os caras com quem você costuma sair?

Solto uma lufada de ar que soa como um “pah”.

— Claro que você não parece em nada os caras com quem eu saio.

— O que isso significa?

— Isso faz parte do jogo?

O canto de sua boca se curva para cima.

— Sim.

Ou seja, se eu não atender, teremos de nos beijar. Estou preparada para isso? Para sentir seus lábios nos meus?

Eu estremeço só de pensar nisso e olho para minhas unhas recém-pintadas, para não precisar ver sua reação enquanto digo a verdade.

— Porque você é muita areia para meu caminhãozinho, Fletcher, em todos os sentidos. Você nunca saiu com uma mulher que medisse

menos de um metro e oitenta. Todas sempre são robustas e altas. Bebedoras de leite com hormônio do crescimento, por assim dizer.

— Bebedoras de leite?

— Minha mãe costumava me dizer que se eu não tomasse meu leite direitinho, não cresceria nem ficaria grande e forte. Eu preferia suco de laranja, e, bem, quem riu por último nessa?

Ele acha esse pequeno insight muito divertido, de fato.

— Adorável.

Eu quero apertar o pescoço dele e provar quão *não-adorável* eu posso ser quando provocada. Briguenta é um adjetivo que vem à mente quando as pessoas tentam me descrever. Eu sou rápida na hora da briga. Posso me esgueirar por baixo dos braços alheios e dar um golpe de caratê em seus rins — pelo menos em minha mente.

Ian está olhando para mim como se não percebesse todo o meu potencial. Eu bufo.

— Quer saber? Esse jogo é via de mão única? Pelos meus cálculos, você me deve cerca de cinquenta respostas honestas.

— Ou... a alternativa, se eu não quiser responder.

Meus olhos se arregalam.

Cinquenta beijos?! Meus lábios inchariam, doeriam, cairiam.

Seus olhos azuis me prometem que, se eu o desafiar, não vou gostar dos resultados.

Eu suspiro, tiro meus saltos e sento a bunda em cima da pequena mesa atrás de mim.

— Tá. Então continua me fazendo perguntas.

— Quando você percebeu que sentia atração por mim?

Há.

— Primeiro dia. Próximo.

Suas sobrancelhas se erguem em choque.

— Você já tentou me dizer a verdade?

— Claro

— Quando?

Eu dou de ombros.

— Talvez três meses depois, quando você terminou com aquela dermatologista... mas então um cara de quem eu gostei por um tempo reapareceu, então eu quis tentar com ele.

— Mason — diz ele com confiança. Um brilho escuro sombreia seu olhar. Se estivéssemos em um filme brega, ele teria dito o nome enquanto batia com o punho na palma da mão.

— Sim, ele. De qualquer forma, você ficou com aquela advogada, a mulher que insistiu em me chamar de Samantha e depois tornou tudo pior ao pronunciar cada sílaba com muita ênfase. *Sah-mahn-thah*. É como se ela estivesse com um pigarro entalado na garganta ou algo assim.

— Karissa. Sim, ela era péssima.

— Eu sei.

Seus olhos se estreitam.

— Por que você não me contou depois que eu terminei com ela? Essa foi a primeira vez que ficamos solteiros ao mesmo tempo.

O fato de ele saber disso é bastante esclarecedor. Se esse jogo fosse justo, eu o interromperia e perguntaria se ele também se sentia atraído por mim naquela época. Meu coração lamentável mal consegue lidar com a possibilidade de que isso acontecia — ou melhor, *acontece*.

— Sam?

Eu fico olhando para um pedaço de drywall ao lado de sua cabeça.

— Não sei. Tínhamos estabelecido uma rotina como amigos. Funcionou, e eu não queria estragar tudo.

— E agora?

— Agora continuo não querendo.

É por isso que estou jogando esse jogo estúpido e respondendo às suas perguntas, em vez de deixá-lo me beijar. *Claro* que eu quero esse beijo. Tá doido? Ian já se olhou no espelho? Ele está tão gostoso hoje, que aposto que ficaria meio tentado a beijar seu próprio reflexo.

— Explique, Sam.

Eu torço os dedos e começo a cutucar meu esmalte. Eu normalmente nunca uso esmalte, porque tirar é muito divertido, como agora. Que desperdício de 30 pratas.

— É muito simples, na verdade: temos um pássaro na mão. Você e eu formamos uma excelente dupla. Você é meu melhor amigo. Sério, na verdade, pensando bem, você é meu único amigo. Todo mundo com quem costumávamos sair se mudou ou teve filhos, mas nós, não. Nunca amadurecemos ou sossegamos. Ainda temos tempo para as quartas-feiras de *West Wings* e jogos de perguntas e respostas e coisas como

naquele mês, quando eu queria andar de patins e fiz você andar ao meu lado e segurar minha mão.

Ele suprime uma risada.

— Sim, as pessoas pensaram que eu era sua irmã mais nova. As mulheres tentaram dar em cima de você porque pensaram que você era um irmão mais velho amoroso me ensinando a andar de patins. De qualquer forma, o que quero dizer é: acho que estabelecemos que esse é um cenário muito legal, e se decidirmos começar a namorar, há 99% de chance de não dar certo, e depois? Eu perco um namorado e um melhor amigo de uma só vez. Sem um pássaro na mão e sem dois pássaros voando. Não. Não vou fazer isso.

— Parece que você refletiu bastante sobre o assunto.

— Eu refleti. Até fiz pesquisas. Posso citar todas as sitcoms que abordam esse assunto desde o final dos anos 1990 até agora.

— E quanto a Chandler e Monica?

— Foi pura sorte.

— Jim e Pam?

— Bem... eles precisaram de um tempo.

— Leslie e Ben?

— Foi tenso algumas vezes.

Ele ri e se levanta da mesa.

— Agora eu entendi.

Ele avança como uma pantera e para bem na minha frente, sua cabeça bem acima de mim. Ian se inclina para que suas mãos descanssem na mesa, uma de cada lado dos meus quadris. Estamos com os olhos nivelados, azul encontrando azul. Meus joelhos roçam na frente de sua calça. *Putá merda*. Ele é grande. Meus olhos se arregalam. Ele respira profundamente, em seguida olha para baixo. Seu rosnado escapa, foi porcamente contido. A barra do meu vestido subiu até o alto das minhas coxas, e eu percebo que teria sido melhor abotoar o paletó dele. Preciso dessa camada extra de tecido, se pretendo sair desta sala de aula arrumada como quando entrei.

Eu tento deslizar para fora da mesa, mas Ian não me deixa. Dá um passo à frente, forçando meus joelhos a se separarem.

Agora estamos encaixados, e minhas coxas estão em seus quadris, como se fossem um poste de metal em que estou prestes a deslizar. A Bombeira Sam, ao seu dispor.

— Isso ainda faz parte do jogo? — pergunto, soando como se alguém estivesse apertando meu pescoço. Estou morrendo.

— Não. — Ian alisa minha mandíbula. — Sem mais jogos.

Seu toque é leve como uma pluma, e fico envergonhada por notar que me inclinei para ele. Eu sou uma gata implorando por um cafuné.

— O fato é o seguinte — diz ele solenemente. — Estou pronto para tentar, mas você não parece estar.

Ele está olhando para meus lábios, estudando-os como se fosse recriá-los na memória mais tarde.

— E?

Isso significa que ele vai tentar de qualquer maneira? Porque, sinceramente, adoro essa ideia — puro prazer sem consequências. Ian pode passar a mão por baixo do meu vestido e me tocar como quis naquele FaceTime na outra noite, enquanto eu finjo que mantenho meu juízo intacto. Seguirei a estrada da moralidade enquanto ele explora cada uma das minhas curvas imorais. Só vantagens.

— Então vou te deixar sair dessa mesa e vamos caminhar até o estacionamento como sempre fazemos, como amigos.

Ele está brincando? Eu pensei que isso ia nos levar a algum lugar. Minha calcinha está molhada porque *todo o meu corpo* pensou que isso ia nos levar a algum lugar.

Ele tenta dar um passo para trás, mas eu seguro sua camisa e eu o trago para mais perto.

— Faça outra pergunta.

— Não.

— Tudo bem, eu pergunto então. *Sam, você quer que eu te beije agora?*

Então eu inclino a cabeça e pressiono meus lábios levemente nos dele.



Sam

Ele fica tão chocado, que, por um segundo, nenhum dos dois fecha os olhos. Somos apenas dois amigos com as bocas unidas. Eu poderia estar fazendo uma manobra de ressuscitação, até segunda ordem. Mas, desse ângulo, posso ver que seus olhos estão escurecendo. Por três longos segundos, não movemos um músculo. Eu mergulho no oceano de Ian, deixando seus olhos azuis me afogarem completamente. Estamos presos no tempo quando percebo que ainda não nos movemos.

Ele vai me obrigar a fazer o trabalho duro. Tudo bem. Anos de encontros com caras que beijam mal garantiram uma experiência de beijo unilateral. Uma mão desliza sobre seu peito (legal), clavícula (mais legal), ombro largo (mais legal ainda) e, em seguida, passa ao redor do músculo do pescoço. Minhas unhas se arrastam pela nuca, e Ian relaxa. Eu resisto a dar um sorriso. A primeira etapa está concluída.

O passo dois é mais difícil, porque tenho de interromper o beijo. É como tentar sair de uma nave espacial: ou a porta externa estará lacrada e sobreviveremos numa boa ou todo o ar será sugado de mim, e eu morrerei. Por um momento, mantenho nossas testas unidas, mas os lábios não se tocam. Estamos muito próximos, e estou fazendo um suspense enfiando meus dedos em seu cabelo e umedecendo meu lábio inferior. Quando suas mãos apertam minha cintura, sei que ele tá na minha, mas preciso ter certeza. O golpe final acontece quando eu mordo seu lábio inferior carnudo. Ele geme. *Sim, Ian, você vai querer tirar essa roupa elegante, porque eu jogo sujo.*

O que diabos você está fazendo comigo? ele pergunta silenciosamente.

Vencendo você em seu próprio jogo, eu respondo mentalmente com um sorriso malicioso, e então o beijo novamente. Desta vez, não há estoicismo de sua parte. Ele me puxa contra seu peito e inclina a boca contra a minha. Sou atropelada pelo fato de que estamos nos beijando. IAN FLETCHER E EU ESTAMOS NOS BEIJANDO. Eu gritaria isso em voz alta se minha boca não estivesse ocupada com algo muito mais importante.

O lance é o seguinte: Ian pode ter ficado imóvel alguns momentos atrás, mas agora não está mais. Suas mãos mergulham sob o paletó, e ele o tira dos meus ombros. Suas palmas ardem contra meu pescoço, e depois descem, roçando as laterais dos meus seios. Meus mamilos se contraem. Seu toque me incendeia. Não tenho dúvidas de que meu vestido está carbonizado e prestes a se desintegrar em uma pilha de cinzas aos meus pés.

Somos melhores amigos se beijado exatamente da mesma forma que fazemos com tudo: tomamos liberdades, vamos longe demais, borramos e redesenhamos as fronteiras de nossas zonas de conforto.

Suas mãos apertam minha cintura, e ele balança os quadris contra mim, *se esfregando*. Meus dedos se curvam contra sua pele, e o mesmo adjetivo de antes me vem à mente: GRANDE. Há um novo também: INTENSO. Frases completas virão mais tarde, quando meu cérebro não estiver ENTORPECIDO.

Ele move os quadris novamente e o gesto diz: *Sente isso, Sam? Isso é para você.*

Do fundo da minha garganta sai um som que eu nunca ouvi antes (um gemido gutural misturado com um “por favor”), e ele se entrega, gentilmente persuadindo meus lábios a se separarem e tocando a língua na minha. *Ah, sim*. Nosso beijo Livre Para Todas as Idades se tornou Proibido para Menores de 18 Anos. Fico feliz em ver que Ian está retribuindo com tamanho vigor.

Não pare, não pare.

Eu fui privada desse beijo por muito tempo, e agora que está acontecendo, gostaria que durasse pelo menos uma ou duas décadas. Faremos uma barricada nas janelas e portas. Vamos rasgar as páginas dos livros de inglês empilhados contra a parede do fundo e fazer um aconchegante ninho de sexo. Sobreviveremos mordiscando um ao outro de vez em quando, como pequenos canibais amorosos. Estou ciente de

que não é a coisa mais adequada para se pensar durante um beijo apaixonado, mas é exatamente o tipo de piada sobre a qual Ian e eu daríamos risada por horas. Combina.

Em uma tentativa de nivelar meu corpo completamente com o dele, quase caio da mesa. Ele sorri contra a minha boca, e eu rosno em advertência. Ele deve estar pensando coisas engraçadas também, o que de repente me irrita. Não vou compartilhar essa luxúria recém-descoberta com os velhos Sam e Ian — eles têm muitas coisas para garantir o relacionamento, mas esse fogo ardente é a única coisa que mantém esse momento rolando.

Para provar meu ponto, minha mão encosta no alto de sua calça. Seu sorriso desaparece em um milissegundo, e nosso beijo esquenta mais alguns graus. Como recompensa por suas habilidades soberbas, acho que vou deixá-lo tirar este vestido, para que possamos realizar todas as fantasias que já tive. Que ideia genial. Vamos lá.

Eu deslizo a mão mais para dentro de suas calças, no momento em que um sino alto e estridente soa no alto, irrompendo pelas paredes da minha silenciosa sala de aula. Nós nos separamos tão rápido, que preciso estender a mão para me estabilizar, a fim de não cair para trás da mesa.

A voz do diretor Pruitt soa no sistema de som em seguida.

— Que excelentes habilidades de danças, alunos de Oak Hill! Eu gostaria que pudéssemos festejar a noite toda, mas é hora de ir para casa. Por favor, dirijam-se à entrada dos carros, caso um parente ou amigo tenha vindo buscar vocês. Sem enrolação!

Então sua voz é cortada. *Ugh*. Imagine seu chefe com sua voz estúpida interrompendo um sexo que mudaria sua vida. Clima oficialmente assassinado.

Ian e eu olhamos silenciosamente um para o outro.

Estou ofegante como se tivesse acabado de escalar o Everest. Acho que meu coração está palpitando.

Quero continuar de onde paramos, mas estou paralisada.

Ian parece perfeitamente relaxado. Sua respiração nem está curta. Você nunca saberia que acabei de atacá-lo, exceto pelo fato de que seu cabelo está adoravelmente despenteado e sua camisa está muito amassada, graças aos meus dedinhos gananciosos.

Quando deslizo na mesa e tento me levantar, meus joelhos decidem agir como se fossem feitos de gelatina. Eu finjo que é de propósito,

como se realmente quisesse cair no chão. Eu preciso calçar meus saltos de qualquer maneira.

Ian dá um passo à frente e me ajuda a ficar de pé. Então pega o paletó e o ajeita em meus ombros com cuidado.

— Vamos. Se não nos apressarmos, eles vão nos trancar aqui durante a noite.

Ele faz parecer como se isso fosse algo ruim.

— Temos besteirinhas para comer, né? Acho que ainda tem uma das suas Barras Clif debaixo da minha cadeira... — Eu paro de andar.

Ele balança a cabeça e se vira para sair para o corredor. Não tenho escolha a não ser o seguir.

Mal damos alguns passos antes que um guarda de segurança aponte uma lanterna acusatória para nós. O corredor nem está escuro. É um pouco exagerado.

— Ei! Crianças devem ficar no salão.

— Nós somos professores — Ian diz suavemente.

O guarda de segurança franze os lábios em descrença e resmunga baixinho quando passamos:

— Eu que decido isso.

— Acho que vamos levar uma detenção — brinca Ian.

Eu não rio. Minha sanidade está desmoronando.

Ele olha para mim, e o que vê o faz balançar a cabeça com aborrecimento. *O quê? Eu estou tão ruim assim?*

— Apenas lembre-se quando você for para casa e pirar, que você é a culpada disso.

— O quê?

— Você está oscilando.

Eu rio como uma lunática estridente.

— Não, eu não estou.

Eu estou. Uma brisa suave poderia me derrubar. Eu não deixo que Ian me toque quando chegamos ao meu carro. Estou com medo de me agarrar a ele novamente, o que seria terrível, porque não estamos mais sozinhos. Há outras pessoas no estacionamento — professores, supervisores, o diretor Pruitt. Ele acena para nós enquanto segue para seu carro junto da esposa. Ian e eu sorrimos e acenamos artificialmente. Nossa linguagem corporal diz: *Ninguém se beijou aqui! Ninguém mesmo! Somos só dois funcionários comportados!*

— Pensei que vocês dois tivessem saído depois de terminarem seus deveres de acompanhantes? — ele grita de alguns carros.

— Nós estávamos indo, mas então Ian passou mal. — A mentira sai da minha boca sem esforço. Eu quero me dar um beijinho no ombro.

— Ai, não. — O diretor Pruitt franze a testa. — O que você tem, filho?

— Intoxicação alimentar — eu adianto a resposta. — Sabe como é: do tipo que sai por cima e por baixo, péssimo. Tive que destrancar o armário de suprimentos para pegar mais papel higiênico para ele.

— Pois é. Sam também teve, ainda pior do que eu. Nunca ouvi nada parecido na minha vida.

Eu resisto à vontade de pisar em seu pé.

O diretor Pruitt parece profundamente preocupado.

— Agora que mencionou isso, vocês dois parecem meio acabados. Vocês dividiram a mesma comida ou algo assim?

Trocamos um pouco de saliva — isso conta?

Recebemos ordens para descansar e nos hidratar e ir com calma amanhã.

Quando eles vão embora, Ian abre a porta do meu carro e me puxa para dentro.

— Intoxicação alimentar? Sério?

— Era a única maneira de explicar nossa aparência arrebatada.

Ele estende a mão por cima de mim e liga o meu carro.

— Você consegue dirigir?

— Não sei. E se eu for parada? Não estou bêbada, mas com certeza não consigo andar em linha reta agora. Você me drogou?

Ele fecha a porta e se inclina, preenchendo toda a janela.

— Eu odeio a maneira como seu cérebro funciona às vezes.

A alfinetada dói. Não posso mudar quem eu sou, não importa o quanto eu tente.

Olho para a frente, para o para-brisa.

— Por que você não pode simplesmente deixar isso tudo acontecer sem tentar sabotar?

— Não estou sabotando nada — insisto, ofendida.

— Ok, então vamos sair amanhã à noite.

— Não posso.

Ele balança a cabeça, irritado.

— Boa noite, Sam.

NÃO! Ian não entende? Ele não entende que eu quero preservar o que temos? Que as pessoas ralam a vida inteira para encontrar uma amizade como a nossa? Somos almas gêmeas que não deveriam arriscar um acasalamento. Parças de alma. Bróderes de alma?

— Espera! — Agarro seu antebraço. É tão musculoso e sexy, que perco a noção do que estava prestes a dizer. Quando meu olhar se volta para a cara feia e raivosa que Ian está fazendo, eu me lembro. — Não fique com raiva de mim.

Ele nunca ficou bravo comigo. Eu não tinha percebido que esse é o meu pior medo até agora.

— Eu não estou. Sam... — Ele se interrompe e solta um profundo suspiro. Então dá um passo para trás e agarra a porta. — Vá para casa.

E eu obedeço. Vou para casa, fico acordada na cama e tento ignorar a terrível sensação de que minha amizade com Ian nunca mais será a mesma depois desta noite, a sensação que já comecei a perdê-lo. O pensamento quebra meu coração em pedacinhos.

Ian e eu não conversamos no domingo. É o pior dia que tive em muito tempo. Eu perambulo pelo apartamento e fico o dia todo de pijama. Eu pego meu celular toda vez que ouço um toque inexistente. Assisto a um especial da PBS sobre águas-vivas e me lembro da vez em que fui queimada na praia e Ian me pegou nos braços e me carregou para fora da água como um herói.

Segunda de manhã, não recebo minha ligação para acordar. Eu durmo demais, até passar a minha primeira aula; esse é o nível de confiança que eu tenho em Ian. Felizmente, o diretor Pruitt supõe que ainda estou me recuperando de uma intoxicação alimentar, então não há necessidade de explicar meu atraso ou o fato de que eles tiveram de me substituir. Durante o almoço, Ian evita a sala dos professores, e sou obrigada a conversar com outras pessoas. É muito irritante. Eu preciso completar minhas frases, ou elas ficam confusas. Ashley me pergunta como foi o baile do Dia dos Namorados e fico tão paranoica, que olho para ela e pergunto o que quer dizer.

Seu rosto se contrai em confusão.

— Só, tipo, foi um tédio total ou o quê?

Ah.

Eu digo a ela que foi tudo bem; como o resto do meu almoço em duas bocadas e, em seguida, corro de volta para minha sala de aula. Não foi exatamente uma jogada inteligente. Afinal, é a cena do crime. A mesa em que demos uns amassos deveria ser removida e posta em um templo. Os alunos ficaram sentados na sala durante toda a manhã, alheios ao fato de que Ian tirou meu mundo dos eixos naquele exato local menos de 48 horas atrás.

Eu pensei muito nele desde o nosso beijo, obsessivamente. Como prova, minha mente pode deformar qualquer assunto para voltar a se concentrar nele. Enquanto meus alunos fazem um teste, eu olho pela janela da minha sala de aula para o céu azul sem nuvens... Azul tipo Ian. Depois da aula, ouço meus alunos dissecando o episódio *de Game of Thrones* da noite anterior e me pergunto se Ian assistiu sem mim. Passo por um meme engraçado no Reddit e resisto à vontade de mandar uma mensagem para ele.

Eu nunca quis dizer a Ian como me sentia porque estava com medo de nossa amizade desmoronar. Eu não queria ter de experimentar uma vida sem Ian, e pelo visto meus medos eram válidos, já que isso tudo é uma merda da porra.

Uma aluna vem ao meu encontro depois do sexto tempo, depois que quase todo mundo já saiu. O nome dela é Jade. Ela é doce e leva minha aula a sério. Eu gosto dela.

— Senhorita Abrams, posso pedir seu conselho sobre uma coisa?

Não estou apta a dar conselhos, mas seus olhos estão cheios de esperança, e eu me sentiria um lixo se negasse isso a ela.

— Claro. O que tá pegando?

— Bem, eu estava pensando... eu tenho um melhor amigo, Truman. Ele está na turma do seu quarto tempo. Enfim, somos melhores amigos desde a sexta série, mas acho que quero que seja algo *além*.

Eu pisco ao compreender a pergunta dela.

É uma piada?

— Do que você está falando? Alguém mandou você vir falar isso para mim?

A julgar pelo tremor de seu lábio inferior, ela não tem ideia do que estou falando.

— Desculpa. Posso procurar outra pessoa...

— Não. Desculpa, me ignore. O que está acontecendo?

Ela me conta os fatos rapidamente, e é como se eu estivesse falando com uma versão mais jovem de mim mesma. A conversa parece uma estranha técnica de terapia. Eu me pergunto se foi o bilhete confiscado e lido em voz alta na sala dos professores outro dia não era dela.

— Você acha que eu deveria ir atrás disso? — ela pergunta. — Sabe, ir falar para ele e dizer como me sinto?

Não hesito antes de responder com confiança:

— Não conte a ele, sob nenhuma circunstância, como você se sente. Leve seus sentimentos para o túmulo.

— O túmulo?! — Sua boca se abre.

Mórbido demais?

— Ok, apenas leve-os para a faculdade. Você não quer arruinar uma amizade.

— É que... estávamos lendo aquele poema de Tennyson em sua aula outro dia, aquele que termina com algo tipo “é melhor ter amado e perdido do que nunca ter amado”.

— Ah, Tennyson? Ele é um charlatão.

— Mas você disse que eles fizeram dele um lorde por causa da força de sua poesia.

— Eu disse isso? Bem, a questão é: por que você arriscaria o que tem agora?

— Acho que poderia virar algo mais do que isso.

— Mais?! — Eu sinto vontade de sacudi-la. — Por que você precisa *de mais*? A amizade não está ótima do jeito que está? Passar tempo com ele não é o melhor momento da sua vida? Por que você iria querer estragar tudo?

Há grandes lágrimas se acumulando nos cantos de seus olhos. Percebo que estava gritando.

Ela se vira e sai correndo da sala, a mochila quase a derrubando quando ela vira a esquina.

Bem, meu trabalho aqui está feito.

Só que, no dia seguinte, vejo a aluna e Truman de mãos dadas no corredor. Truman a leva até seu armário e a prende contra o metal para lhe dar um beijo. Se eu tivesse uma vuvuzela, eu a sopraria com força na orelha dela.

Felizmente, Ian está de plantão no corredor e interrompe a demonstração de amor juvenil antes que eu precise.

Ele ordena que os dois deixem aquilo tudo para depois da escola, ou melhor ainda, para quando fizerem 25 anos, e então quando se vira, nossos olhos se cruzam. É a primeira vez que o vejo em dois dias. Há emoção nublando seu olhar geralmente amigável. Seu sorriso fácil, uma marca registrada, não está mais ali. Suas sobrancelhas escuras estão franzidas em uma linha.

É tudo culpa minha.

Preciso suprimir o desejo de correr e me jogar em seus braços.

Seja meu amigo de novo, por favor! Eu quero gritar.

Seu olhar ardente me adverte. Não só isso, ainda diz: *Poderia ser a gente. Eu poderia te pressionar contra um armário como esse, se você deixasse.*

Pelo menos eu acho que é o que diz. Não tenho muito tempo para traduzir, porque ele passa por mim rapidamente, sem dizer uma palavra. Perco o ar de repente, parece que levei um tiro.

— Ian! — grito atrás dele impulsivamente.

Ele balança a cabeça e continua andando.

— Tenho que voltar para a minha sala de aula.

Estou tão frustrada emocionalmente — e sexualmente —, que poderia gritar. Na verdade, é o que eu faço. Um calouro baixinho passa correndo pela porta da minha sala, provavelmente tentando chegar na hora, e não hesito em gritar:

— Nada de correr por aqui!

Seu rosto se contorce de medo. Eu bato a porta da minha sala de aula e ouço uma risada sarcástica do último ano.

— Nossa, a sra. A claramente precisa dar umazinha.

Finalmente alguém me entende!



Ian

É quarta-feira... Quarta-feira de West Wing. Quatro dias desde o beijo, e quatro dias desde que falei com Sam. Eu não sei o que fazer. Não estou tentando puni-la; só estou tentando recuperar um mínimo de controle. Se ela quiser continuar apenas minha amiga, vai ser difícil para mim. Nós ultrapassamos uma linha. Não posso apagar aquele beijo ou aquela ligação, e se ela quiser que eu tente, vou precisar de um pouco de distância. E ficar num canto sozinho é solitário demais.

Ainda assim, sei que estou sendo um idiota. O rosto dela era de tristeza pura quando eu a dispensei no corredor ontem, mas o que Sam esperava? Eu não sou um santo. Sou um cara apaixonado pela melhor amiga, uma mulher que parece querer um pedaço de mim, mas também quer mantê-lo em um tanque de criopreservação hermeticamente fechado por toda a eternidade.

A vida continuou nos quatro dias desde a última vez que nos falamos, embora muito mais cagada. Desconto minha raiva em meus jogadores de futebol. Eles acham que sou um cuzão por fazê-los dar tantas voltas nos treinos a semana toda, mas eu corro com eles, insistindo que se eu posso fazer isso, eles também podem — exceto que eu tenho uma arma secreta que eles não têm: mágoa. Acho que poderia correr daqui até o Alasca se fosse preciso, no estilo Forrest Gump.

Entro no chuveiro depois do treino e aumento a temperatura, até que esteja escaldante. Enfio a cabeça debaixo da água e fecho os olhos, pensando em Sam. Ela não vem para a Quarta-feira de West Wing. Ela

não vai aparecer aqui. Há comidas de delivery na geladeira que vão estragar porque não vou preparar refeições para duas pessoas e comer tudo sozinho que nem um otário apaixonado.

Acho que ouvi um barulho na minha sala de estar. Faço uma pausa e inclino a orelha nessa direção.

De repente, a porta do meu chuveiro é escancarada. Acho que estou prestes a ser esfaqueado como se estivesse em um filme de Hitchcock.

— PORRA! — grito, quase dando um soco no rosto de Sam antes de perceber que é ela. — Tem como não fazer isso?!

Ela me ignora e entra no chuveiro completamente vestida. Eu pisco, tentando determinar se estou tendo uma alucinação. *Quantas voltas eu dei hoje? Uma pessoa pode ter uma insolação sem perceber?*

— Sei que é uma má ideia — diz ela, levantando as mãos para bloquear o jato do chuveiro. É inútil. Ela fica encharcada em segundos. — Quase não vim. Fiquei sentada lá fora por uns trinta minutos, tentando me acalmar e refletindo se entraria ou não. Seus vizinhos acham que sou uma delinquente juvenil vigiando a vizinhança. Mova-se.

— Como é?

Ela cutuca meu peito, então não tenho escolha a não ser abrir mão de um pouco da água quente.

— Eu disse para você se mover.

— Você ainda está de sapatos.

Ela tira os tênis agressivamente, arranca as meias e as joga fora do chuveiro. Então olha de volta para mim.

— Melhorou?

Estou completamente nu, obviamente, e ela está lá com uma camiseta de algodão encharcada e jeans.

— Que diabos está fazendo?

Ela empurra meu peito.

— Caçando uma briga. Estou puta da vida... eu acho.

— Não quer esperar até que eu termine aqui? Estou tendo dificuldade em me defender enquanto preciso cobrir meu pinto.

— Obviamente não.

— Por que você está puta?

Acho que se eu tivesse uma camisa, ela me agarraria e me puxaria. Do jeito que dá, ela fica na ponta dos pés e coloca as mãos em meus ombros. Meus músculos se flexionam instintivamente sob seu toque. É

uma espécie de aviso: pode ser ela quem está tocando agora, mas só porque estou permitindo.

— Porque você me partiu ao meio.

É quando vejo a tristeza em sua expressão, sua boca murcha, seus olhos arregalados e chateados. Sam parece profundamente perturbada, e estou intrigado com seu súbito ataque de honestidade. É por isso que não a estou empurrando para fora do chuveiro... ou contra o azulejo.

— Como assim?

— Eu fiz duas crianças chorarem na escola hoje. Virei um vulcão raivoso. Não consigo parar de pensar em você me beijando. — Suas mãos apertam mais meus ombros a cada palavra.

— Todas essas coisas estão relacionadas?

Ela se aproxima, e seu peito bate no meu. Seu jeans roça minhas pernas. Minha mão permanece firmemente plantada na frente da minha virilha.

— Olha só, já chega. Chega de tratamento silencioso. Chega de fingir que não somos amigos. — Ela afasta o cabelo molhado do rosto. Nós dois estamos encharcados – encharcados e com raiva. — Se não há como voltar atrás, preciso que você me jogue contra este azulejo para que possamos resolver isso de uma vez por todas. Vamos, anda.

— Isso provavelmente não é uma boa ideia.

Minha recusa a agita ainda mais.

— Ah, é? Você fica me provocando toda hora, e agora finalmente estou cedendo, quer você goste ou não. — Ela dá um passo para trás e tenta tirar a camiseta pela cabeça, mas está grudada nela como uma segunda pele. — Droga. Aguenta aí.

Sam se esforça para resolver a situação por alguns segundos. Está cobrindo seus olhos agora, e a mulher parece uma criança tentando se vestir sozinha pela primeira vez. Ela se sacode para um lado e para o outro, derrubando meus frascos de xampu e condicionador no chão e quase caindo quando pisa em um deles. Estendo a mão e seguro seus quadris. Com um suspiro pesado, ela finalmente tira a peça e a joga por cima da porta do chuveiro. Eu sorrio ao ver sua aparência desgrenhada. Seu cabelo está um ninho molhado. Gotas de água se acumulam nas pontas de seus cílios escuros. Seu sutiã é azul-cremoso e transparente, graças ao fluxo constante de água que bate nela.

— Vamos lá, Ian! Aja como um adulto! Me beija logo!

Ela está tão agitada, que sua pele está toda vermelha.

— Não. Saia do meu banho.

Viro as costas para ela e mergulho a cabeça na água. Isso realmente a irrita. Seus punhos raivosos batem nas minhas costas.

— Estou te dizendo que te quero e de repente você não está mais interessado, é isso?!

Ela não sabe o que está pedindo, então decido mostrar a ela. Eu me viro e deixo minha mão solta na lateral do meu corpo. Dou um passo à frente e encosto em seu corpo, inclinando a cabeça para baixo para a olhar nos olhos. Sam não estava brincando — ela é uma bolinha fumegante de lava derretida. Acho que quer me destruir por fazer isso conosco, por mudar nossa amizade para sempre.

Minhas mãos agarram seus bíceps, que são como dois palitos de picolé. Minha dureza encosta em sua barriga, e ela abre a boca, admirada.

— Ainda quer ter essa conversa agora, Hot Lips?

Ela não me responde. Está em transe. Eu a hipnotizei.

— Ainda acha que é uma boa ideia?

— Todo mundo na escola quer você — ela sussurra, com os olhos arregalados. — Você é meu, e nem sabe disso. Eu nunca te disse.

Sua admissão fode com meu autocontrole. Eu quero puxar suas pernas e as passar em volta da minha cintura para que possa me enterrar profundamente dentro dela. Vou escrever na testa dela com uma caneta permanente enquanto dorme: *Propriedade do sr. Fletcher. Caiam fora.*

— Eu não gosto da versão de Ian que você tem sido nos últimos dias — ela diz baixinho antes de morder o lábio inferior. Ela está se recusando a encontrar meu olhar. Em vez disso, está passando o dedo nos contornos do meu peito.

— Que versão é essa?

A borda de sua boca se inclina para cima.

— Esse cara bacaninha. Ou melhor: esse cara um pouco atrevido só. Você passou por mim no corredor, mas não falou comigo ontem. Você faltou ao almoço na sala dos professores. Você sabia que dormi demais na segunda-feira porque você não me ligou?

Não consigo resistir a um pequeno sorriso.

— Há à venda certos aparelhos chamados despertadores. Grande invenção, acho que foram criados na Idade da Pedra.

— Eu já tenho um desses, e ele se chama Ian. Não confunda com...

Eu não rio. Nem um pouco.

— Veja, aí está o nosso problema: não quero mais ser seu despertador.

Seu rosto murcha, e ela para de alisar minha pele.

— Ah.

— Sim, pode dizer que eu pirei, só que estou aqui completamente nu, e estamos conversando, o que não é exatamente minha ideia de diversão. Quero tomar banho com você e...

Eu balanço a cabeça. Não adianta terminar esse pensamento. Em vez disso, eu a solto e dou um passo para trás para que Sam tenha espaço suficiente para sair. Ela vai abrir a porta de vidro e ir embora. Haverá tristes poças de água por onde ela caminhar. Provavelmente vou escorregar em uma e me foder inteiro ao sair do banho.

Só que ela ainda não se moveu.

Seus olhos azuis estão caricaturalmente grandes enquanto ela olha para mim. Há tantos pensamentos brotando em seu cérebro ao mesmo tempo, que acho que ela vai superaquecer.

— Sam?

— Fica quieto por um segundo — ela retruca.

Lentamente, dolorosamente, seu olhar desce pelo meu rosto, pelo meu pescoço, peito e abdômen, e então... para baixo. É a primeira vez que ela realmente me olha, e, *Jesus*, eu juro que seu queixo despencou. Essas bochechas rosadas me deixam ainda mais duro, e agora acho que estou assustando a pobre garota.

Eu rio baixinho e estendo a mão para abrir a porta de vidro, oferecendo uma saída.

Ela a fecha novamente.

— Eu disse para ficar quieto!

Eu não disse nada.

— O que você está...?

Começo a fazer uma pergunta para a qual já sei a resposta, mas de repente Sam ajoelha na minha frente. O vidro embaça. O vapor sobe. Ela se senta sobre os calcanhares, e eu sei que o piso provavelmente está machucando seus joelhos, mas ela não se importa. Nesta nova posição, eu impeço que o jato do chuveiro a atinja. Ela está encharcada, linda e lambendo os malditos lábios.

— Eu quero... — ela começa em um sussurro.

Agora sou eu que estou superaquecendo.

Já falamos sobre boquetes antes, e sei que geralmente não são a praia de Sam, mas ela está olhando para o meu pau como se fosse uma casquinha de sorvete derretendo diante de seus olhos.

— Aproxime-se — ela implora.

Eu obedeço. Suas mãos batem em minhas coxas imediatamente. Seus dedos as apertam com força.

— Deus, você tem pernas maravilhosas.

Ela está olhando diretamente para o meu pênis, mas é sobre minhas pernas o comentário.

— Obrigado? É isso que você precisava, de um olhar mais de perto?

— Quero dizer, obviamente, o seu... *isso* é bom também. Quero dizer, é muito maior do que eu me lembro, uma vez dei uma boa espiada, mas sempre coloquei suas pernas e sua bunda em um pedestal. É por isso que entrei em coma na academia outro dia.

Para enfatizar, ela estende as duas mãos e agarra minhas nádegas.

Eu rio e balanço a cabeça.

— Você é a única mulher que conheço que pode transformar um boquete em um estranho exame físico.

Ela aperta minha bunda duas vezes, como se estivesse buzinando uma bicicleta.

— Como assim? Não vou te dar um boquete. Só vou apertar sua bunda por um tempo.

— Muito engraçado.

Seu olhar se volta para o objetivo final, e ela molha o lábio inferior novamente. Um gemido morre na minha língua. Eu não quero assustá-la.

— Já faz um tempo que eu não faço isso.

Eu rio.

— Sim, você pode deixar o constrangimento de lado. Eu não me importo. Somos só nós dois, Sam. Você e eu.

— Certo. — Ela concorda com a cabeça, ficando confiante o suficiente para botar a mão em meu quadril. Então ela lentamente estende a mão e agarra meu pau. Seu aperto é muito suave. Reviro os olhos. Meus quadris se movem para frente por instinto. — Sam — eu aviso.

— Eu mal toquei nele! — ela diz defensivamente.

Sim, eu sei. Já faz um tempo que não durmo com alguém, e também há uma certa fantasia construída por, ah, eu não sei... um milênio. Eu não vou durar porra nenhuma.

— Só não prolongue. Todo esse tempo sendo amigos tem sido uma imensa provocação, como se fossem preliminares. Sem nunca chegar aos finais.

Ela se inclina para frente e dá um beijo na ponta. É adorável, e estou ascendendo ao nirvana. Eu pressiono minha mão na parede de azulejos atrás dela, e Sam entende a pista. Sua mão começa a deslizar em meu pau lentamente. A água bate em meus ombros e desce pelo meu corpo, deixando seus gestos úmidos e quentes. Ela aumenta o ritmo, olhando para mim. Seus olhos estão tão abertos e sinceros, que é quase difícil encará-los.

Eu nunca experimentei uma punheta tão boa. Não sei se é a técnica dela ou o quanto eu desejava isso, que nem como quando um hambúrguer que você já comeu dezenas de vezes parece uma comida cinco estrelas.

Por fim, quando estou prestes a me converter ao Samantaísmo, ela se inclina para a frente e coloca a cabeça na boca. Eu jogaria minhas mãos para cima e gritaria aleluia, mas corro perigo de desmaiar em cima dela. Eu me seguro na parede de azulejos enquanto ela me bota para dentro e para fora. É tudo, o alfa e o ômega: a visão de seus lábios cheios envolvendo minha ereção, a sensação de sua boca quente e o fundo de sua garganta. Meu estômago se contrai, e ela me chupa mais ainda.

Gotas de água escorrem por seu queixo, pelo pescoço e na parte superior do peito. Posso ver seus seios através do sutiã, duas pontas cor-de-rosa sob a renda azul. Eu estendo o braço e faço círculos com o polegar. Seus olhos se fecham, e ela geme. Sinto a vibração em sua garganta, e não há sensação melhor que essa. Eu faço de novo, e ela acelera, me chupando rapidamente, bem apertada. Acho que não tenho sangue circulando em nenhum outro lugar do meu corpo. Está tudo indo para baixo, como se cada um dos meus trilhões de glóbulos vermelhos quisesse fazer parte deste momento. Tento evitar o orgasmo o máximo possível, o que é um microcosmo perfeito do meu relacionamento com Sam, uma batalha de alto risco entre negação e submissão.

Sua mão aperta a base do meu pau, me segurando firme, enquanto ela me bombeia para dentro e para fora da boca ainda mais rápido. Formigamentos se espalham na base de minha coluna. Estou a segundos de gozar e tento dizer isso a ela.

— Sam... eu vou...

A comunicação não está funcionando aqui. Eu bato em sua cabeça como se estivesse tentando desligar um despertador estridente.

Ela sorri, balança a cabeça e continua.

Eu tiro meu pé do freio depois disso; me inclino, boto a mão em seu pescoço e fodo sua boca como um dia vou foder Sam. Ela fica parada, abre mais a boca e espera, como uma boa *Samaritana*. Eu posso ouvi-la se esforçando para respirar, e não estou tentando matá-la, mas na minha cabeça isso aqui é uma questão de vida ou morte. Observo seus olhos, sabendo que ela me contaria se quisesse desistir, mas não há medo. Ela está amando isso tanto quanto eu, e é esse pensamento que finalmente me leva ao limite.

Eu fecho os olhos e gemo quando choques de prazer percorrem meu corpo. Bombeio em sua boca, e seus dedos se fincam na parte inferior das minhas costas enquanto ela engole, e engole.

É uma lenta descida de volta à realidade. Acho que devo ter ficado parado, atordoado, por uma ou duas horas. Já gastei toda a água da Terra antes de pensar em me virar e desligar o chuveiro.

Sam se levanta e limpa a boca com as costas da mão com ares de campeã. Ela está sorrindo, orgulhosa de si mesma.

— Ainda está comigo?

— Sim.

— Não vai surtar e correr?

— Acho que não tenho energia para isso.

— Bom, então vamos — eu digo, saindo e pegando duas toalhas. — Vamos pegar um pouco de gelo para os seus joelhos.

— Ah! Graças a Deus. Esse azulejo machuca! Essa é a última vez que tento ser sensual no chão do chuveiro. A partir de agora vai ser ou em um colchão macio ou nada feito, a menos que eu arrume uma daquelas joelheiras de patins.



Sam

Decidi adotar uma abordagem inovadora na vida, na qual não penso no futuro; em vez disso, vivo o presente. Eu suportei quatro dias sem Ian e foi uma droga, então se eu precisar fazer um boquete nele no chuveiro para mantê-lo por perto, que seja.

Eu o desejo. É óbvio. O que poderia dar errado?

Depois do banho, preparo o jantar, vestida com algumas roupas que Ian me emprestou — uma camiseta grande demais e meias de beisebol que vão até meus joelhos — e depois sentamos no sofá dele e assistimos a *West Wing*. O show detém 5% da minha atenção, os outros 95% estão focados nos lábios de Ian.

Ele está ciente disso porque no meio do episódio, faz uma pausa e se vira para mim.

— Não vamos fazer mais nada esta noite.

Isso é novidade para mim. Esperava que pelo menos rolaria mão naquilo e aquilo na mão. Eu raspei minhas pernas antes de vir por um motivo.

— Por quê? Sabe, na sociedade ocidental, o *bolagato* é tipo uma via de mão dupla.

Ele balança a cabeça e se levanta para pegar nossos pratos na mesa de centro. Ian é maníaco por limpeza. A casa dele está sempre imaculada, e ele odeia a bagunça que faço quando cozinho. Ele acha que eu uso todas as panelas, frigideiras e tábuas de cortar que ele tem só

para irritá-lo. Mal sabe ele que essa é apenas metade da razão pela qual eu os uso.

— Não é isso... acredite em mim, estou ansioso para... retribuir o favor, mas você não acha que se continuarmos nesse ritmo você pode... não sei, ficar com medo?

— Pfft. Dane-se. Que tal apenas darmos uns bons amassos enquanto toca R&B ao fundo? — pergunto. — O Spotify tem listas de reprodução para todas as ocasiões.

— Não.

— Ok, que tal uma massagem leve, óleo é opcional, acompanhada de uma playlist de jazz legal? Eu também salvei uma dessas.

— Não vai rolar.

— Podemos só ficar de mãos dadas em silêncio? O Spotify tem uma categoria de música silenciosa.

Com isso, ele apoia as mãos no balcão. Acho que Ian está rindo ou tentando se acalmar. Não consigo ver seu rosto inteiro, mas seus olhos estão definitivamente fechados. Pobre rapaz.

— Vou facilitar para você: vou ficar nua e você pode vir lamber, morder, pegar o que quiser. Eu sou como um bufê chinês com preços razoáveis.

Sua cabeça se volta rapidamente, como se para confirmar se estou ou não me despindo em seu sofá.

Eu não estou. Estou sorrindo diabolicamente.

— Sam, não somos amigos coloridos. Quero deixar isso perfeitamente claro. Se vamos fazer isso, vamos fazer certo.

Eu rio.

— Bem, eu odeio dizer isso a você, bróder, mas nós já estragamos tudo. Sexo por celular e boquete antes do nosso primeiro encontro? Citando Shakespeare, descaralhou tudo, mano. Não adianta tentar corrigir as coisas agora.

Ele se vira, endireita os ombros e agora, de repente, percebo que a discussão está encerrada.

— Não vai rolar, Sam.

Tá bom. Eu me levanto do sofá e vou até seu freezer, onde sei que vou encontrar meio litro de seu sorvete favorito: Rocky Road. Vou comer tudo só para irritá-lo. Isso vai ensiná-lo uma lição por ter me recusado.

Eu também pego um saco de ervilhas para os joelhos depois de pensar bem.

Fiel à sua palavra, Ian não me toca a noite toda.

Eu tenho que ir para casa e me tocar com as memórias dele naquele chuveiro, como uma adolescente cheia de tesão.

Acho que nosso próximo beijo está chegando. Precisa estar. No dia seguinte, a cada quinze minutos passo lip balm nos lábios. Certifico-me de que meu hálito está fresco e mentolado. Eu verifico se há comida em meus dentes incessantemente. Nicholas me diz que estou diferente durante o primeiro tempo “Reluzente” é a palavra exata dele. Que criança observadora.

Na hora do almoço, espero por Ian na sala dos professores com a comida posta à minha frente na mesa. Ele entra, conversando com outro professor, e meus pulmões param de funcionar. Estou ofegante como um fumante de longa data.

Hoje ele está vestindo uma camisa azul-clara que combina com seus olhos. Suas calças azul-marinho são novas e caem muito bem em sua bunda. Seu cabelo castanho cor de café é grosso. Esses são os detalhes que causam meus sintomas asmáticos.

Eu não estou sozinha.

Ashley está sentada ao meu lado, olhando para Ian como se ele fosse uma succulenta costeleta de cordeiro.

— *Deus*, eu amo quando ele veste azul — ela diz em uma expiração suave.

Se eu tivesse uma arma ao meu alcance, ela estaria morta, e eu enfrentaria uma pena de prisão perpétua, mas não se preocupe — eu contrataria uma rádio para fazer um podcast sobre mim. Eles revelariam meu amor por Ian, e o público se sentiria mal por ele não ter me comido ontem à noite. Eles considerariam o assassinato um crime passional e exigiriam um novo julgamento. O juiz anularia a condenação com base em uma lei antiga sobre cunnilingus, e eu acabaria solta em pouco tempo. Perdão, Ash.

Observo Ian caminhar ao redor da sala para chegar à nossa mesa. Ele sempre foi um rapaz tão robusto? Sempre fui apaixonada por ele?

Sento-me ereta e olho para a minha comida, hiperconsciente de que Ian e eu teremos algumas “explicações” a dar se alguém me pegar olhando para ele com corações nos olhos. Até hoje, desconheço se isso é

contra as regras para professores. Provavelmente é somente malvisto, mas, ainda assim, não quero que todos saibam do nosso lance. A fofoca se espalha como fogo nesta escola, especialmente se for tão succulenta quanto esta.

— Ei, Ian! — Ashley exclama assim que ele puxa a cadeira na minha frente.

Ele acena com a cabeça em sua direção enquanto se senta. Nossos joelhos se encostam, e ele poderia muito bem ter colocado a mão na minha calcinha, levando em conta a forma como eu ruborizo.

— Fez alguma coisa divertida ontem à noite? — Ashley pergunta a ele. — Fui sugada para uma maratona de *Real Housewives*. Ugh, eu simplesmente não consigo resistir àquelas brigas todas.

— Oh, ahn, sim, minha noite foi ótima. Nada memorável.

— Nada? — solto antes que eu possa pensar melhor sobre o assunto.

Ele disfarça um sorriso, ocupando-se em esvaziar o almoço na mesa.

— Pensando bem, foi mais uma daquelas noites que *sugam* nossa felicidade, sabe?

Eu resmungo um som que é algo entre uma risada e um choro.

Ashley está confusa e olhando para nós dois.

— Bem, eu sinto muito em ouvir isso. Você é sempre bem-vindo para vir beber Bravo comigo!

— Não sei o que isso significa. — Ele se vira para mim. — Sam, eu trouxe as sobras de ontem. Tem muito aqui. Quer um pouco?

— Quero. Toma, eu não quero meu sanduíche de manteiga de amendoim e geleia. Você pode usar de pré-treino antes do futebol.

— Sobras? Então vocês saíram ontem à noite? — Ashley pergunta a Ian. — O que fizeram?

— Tem geleia de framboesa? — ele pergunta com ceticismo. — Pensei que tivesse acabado.

Reviro os olhos e empurro o sanduíche para ele.

— Comprei um pouco no caminho para casa ontem à noite, porque toda vez que uso de uva, você reclama por quatro dias seguidos.

— Gente — diz Ashley, cansada de ser ignorada.

— O quê? — pergunto impaciente.

— O que vocês fizeram?

Eu dou de ombros.

— Assistimos *West Wing*.

Ian está com um sorriso contido, e Ashley percebe.

— Bem, não parece tão ruim. O que tem de ruim nisso, a ponto de “sugar a felicidade” dele?

Meus olhos se arregalam de medo. Desde quando ela se interessa tanto por nós dois? Ah, certo, desde que ela decidiu ter uma queda por Ian.

— É que não foi um bom episódio — ele volta atrás com uma mentira. Qualquer verdadeiro fã sabe que não existe essa possibilidade. — E eu bati meu dedo do pé.

Ele está tentando ajudar, mas só está piorando as coisas.

— Ah, certo. Bem, espero que Sam aqui tenha feito uma massagem nos pés ou algo assim...

Ela entendeu. *Ela entendeu!*

Eu ajo rápido.

— Você gosta de pretzels, Ashley? — pergunto cordialmente.

Ela se anima.

— Amo.

Jogo o pacote na direção dela, e Ashley guarda dentro da bolsa.

Então eu observo enquanto ela percebe o poder que de repente tem em mãos.

— Sabe, eu também gosto de chocolate — ela diz com um sorriso educado demais. O ponto dela é perfeitamente claro: me dê o chocolate ou direi a todos que vocês dois estavam fazendo saliência. Eu bato meu copo de pudim em sua mão, e ela se regozija. — Muito obrigada. — Então ela se vira para Ian. — Enfim, Ian, eu queria saber quais são seus planos para este sábado? Eu quero conferir uma trilha que há perto da minha casa, e você parece ser do tipo que curte estar ao ar livre — Ela balança as sobrancelhas. — Pode ser divertido.

Espere. *O quê?*

— Como amigos — ela esclarece, jogando verde. — Me inspiro em como todos são *amigáveis* por aqui.

Ian diz a ela que estará ocupado neste fim de semana, e, em seguida, Ashley fala sobre outra coisa que não me interessa. Estou muito ocupada observando-a botar meu maldito pudim na boca. Ela deixa encostar um pouco no lábio. Eu começo a roer minhas unhas. Ela lambe

a colher, e resisto à vontade de arrancar o recipiente de sua mão. Então — E ENTÃO — ela não come até o final.

— Ugh, estou satisfeita.

Minhas unhas se cravam na palma da mão com tanta força, que tiro sangue.

Ian é inteligente o suficiente para me comprar uma barra de chocolate na máquina, no caminho de volta para nossas salas de aula. Ele a coloca na palma da minha mão rapidamente e me diz para comer tudo.

— E acalme-se. Ninguém se importa com o que estamos fazendo. Você está sendo paranoica.

Ele está certo, estou sendo paranoica, mas não importa. Logo, minha vida vai implodir de qualquer maneira.



Sam

O INCIDENTE é em grande parte culpa de Ian. Vou culpá-lo porque é melhor desviar da culpa, que, realmente, *é* dele. No dia seguinte à nossa sessão de briga/amor no banho, acho que Ian vai me beijar. Quando ele não o faz, fico inquieta. Eu tento ser criativa. Depois do treino de futebol, apareço na casa dele de sobretudo. Estou usando roupas por baixo, mas ele não sabe disso. Acho que ele vai cair de joelhos e implorar, mas Ian não o faz. Na verdade, ele vira o jogo completamente contra mim, porque, quando chego, ele acabou de sair do banho, sem camisa, molhado e bronzeado. Como alguém pode ter músculos tão claramente definidos?

Eu ergo as mãos como uma criança pegando um doce. *Me dá.* Ele balança a cabeça e coloca as mãos nos meus ombros, me mantendo à distância, como se eu fosse lixo contaminado. Em seguida, me deposita com cuidado no sofá e vai colocar uma camisa. Quando termina, ele me arrasta para a rua, sugerindo comermos uma pizza.

É intencional da parte dele.

— Saímos de sua casa para evitar que algo aconteça? — pergunto entre mordidas nas rodela de pepperoni. — Porque não tenho nenhum escrúpulo em fazer coisas no banheiro de uma pizzeria toqueira.

Ele engole uma bocada e me encara como se eu fosse de Marte.

— Você está com molho no queixo e na camisa, e também tem um pouco na bochecha.

Mensagem recebida — não estou no meu ápice sexual enquanto enfio uma borda recheada garganta abaixo. Da próxima vez, vou pedir uma salada.

Depois da pizza, Ian nos traz de volta para sua casa e me leva direto para minha bicicleta. Ele me coloca no assento e se inclina. Eu me preparo para isso. O BEIJO. Eu vou tirar o mundo dele dos eixos. Vou fazer coisas com a língua que ele só leu na dark web.

Então percebo que ele está afivelando meu capacete para mim e certificando-se de que está devidamente preso.

— Vá para casa, Sam. Este fim de semana vamos sair em nosso primeiro encontro. Sábado, vou buscá-la e levá-la para tomar café da manhã e vou perguntar sobre seus hobbies.

— Eu não tenho nenhum hobby.

— Depois, vamos andar de mãos dadas enquanto passeamos pelo parque.

— Este parque terá cantos escuros para que possamos realizar ações obscuras?

— Vai estar 30 graus e ensolarado. As crianças estarão empinando pipas.

— É bom que não seja o parque onde aprendi a andar de patins. Ainda recebo olhares estranhos das pessoas lá.

— Será qualquer parque que você quiser.

— E depois? — pergunto, incitando-o.

— Depois, vamos voltar para minha casa e vou te beijar pelo tempo que você quiser ser beijada, e talvez veremos sobre fazer aquela coisa de mão naquilo, aquilo na mão.

— Não podemos simplesmente começar com essa coisa de aquilo em casa? É lá que tudo vai acontecer de qualquer maneira. Dessa forma, você não precisa se preocupar em ficar dando voltas desnecessárias.

— Sam, sério...

Ele aperta os olhos, e eu cutuco seu peito.

— Eu estou brincando. — De certa forma.

Enfim, foi assim que aquela noite terminou, e, mérito dele, o sábado está ótimo. É como um fim de semana de livro. Nós nos encontramos na nossa lanchonete de sempre para o café da manhã. Cheguei cedo, sentei à mesa e fiquei roendo minhas unhas até a base. Às nove e meia em ponto, Ian entra, e eu pego meu café para parecer tranquila e casual, em

vez de perturbada e apaixonada. Ele me vê e sorri. As covinhas aparecem, meu estômago revira e levanto a mão para acenar para ele — *acenar*, como se eu estivesse em um carro alegórico.

— Bom dia — ele diz enquanto desliza na poltrona do lado oposto.

— Olá.

— É seu primeiro café?

É o meu terceiro.

— Sim. — Eu dou de ombros friamente. — Cheguei aqui há poucos minutos.

Nosso garçom bem-intencionado acaba com meu disfarce.

— Olha só! Seu amigo chegou. Eu estava me perguntando se você tinha levado um bolo.

Ian sorri como se tivesse acabado de descobrir algum segredo profundo e obscuro.

Eu digo a ele que acho que o garçom está tramando alguma coisa.

Depois do café da manhã, Ian cumpre sua promessa de me levar a um parque, exceto que não conseguimos sair de seu carro. Está quente demais para dar um passeio, e tenho sido uma boa menina, sentada em frente a ele a manhã toda, completando frases quando o que eu realmente queria fazer era jogar meus ovos mexidos e bacon na parede e pular nele.

Agora, estamos no estacionamento do parque, e Ian está prestes a abrir a porta, mas eu estendo a mão e seguro seu antebraço. É sólido, forte... mais tentador do que uma simples parte do corpo deveria ser.

— Não.

Ele faz uma pausa e se vira para mim, sobrancelha arqueada com interesse.

— Eu não quero dar um passeio.

— O que você quer fazer?

Um sorriso lento e saliente se espalha em meus lábios.

Nós nos beijamos no carro dele pelo que pareceram horas. Eu me arrasto para seu colo e meu cotovelo bate na buzina, então um grupo de crianças se vira e olha para nós. Uma minivan estaciona ao nosso lado, e uma família de cinco pessoas sai correndo. Eu abaixo meu corpo, tentando me esconder, mas uma das crianças pressiona o rosto contra a janela.

— Mamãe, vem olhar! Ela está sentada no colo dele! Ele é o Papai Noel?

Ian nos tira de lá antes que alguém chame a polícia.

Infelizmente, a segunda-feira chega, e nos beijamos muito. Isso de ficar beijando é ótimo, mas estou pronta para mais. Então, sendo a idiota impaciente que sou, decido provocá-lo um pouco.

Ele me enviou um e-mail com uma receita naquela manhã antes da escola, perguntando se posso comprar algumas coisas na loja a caminho de sua casa. São itens inócuos: orégano e azeite. Eu respondo por e-mail: Claro, mas o que teremos de sobremesa? ;)

FletcherIan@OakHillHigh: Tem alguma ideia?

Depois de um golpe de gênio, envio por e-mail uma foto minha jogando chantilly na boca. É atrevido e sexy. Há um pouquinho no meu nariz também. Abaixo dela, eu digito: *acabaram as gotas de chocolate. Teremos que ser criativos*. Não é realmente para ser sensual. É para fazê-lo rir, mas, quero dizer, se isso o excitar, melhor ainda. Um bônus: como chantilly no café da manhã.

Eu não penso mais no assunto sobre isso até a sra. Orin botar a cabeça na porta da minha sala, antes do primeiro tempo.

— Ei, Sam. Acho que é muito corajoso de sua parte aparecer hoje. A maioria das pessoas não teria coragem.

Então ela levanta o punho em sinal de solidariedade.

Ok, bem, essa foi a experiência mais estranha da minha vida.

Dez minutos depois, Logan aparece. Por alguma razão, ele não consegue encontrar meu olhar.

— Ei, desculpe, eu nunca teria te convidado para sair se soubesse que você e Ian estavam juntos. Podemos continuar sendo amigos?

Todo o sangue foge do meu rosto. *O que CARALHOS está acontecendo?*

Quando ele vai embora, procuro meu celular e verifico meu e-mail, descobrindo que a pior coisa possível na história da humanidade aconteceu comigo: não enviei a foto do chantilly para FletcherIan@OakHillHigh. Eu a enviei, junto com o restante da nossa conversa, para Funcionarios@OakHillHigh.

NÃO.

NÃ00000.

NÃÃ0o0oo00000000000000.

Eu aperto meu peito. Não consigo respirar. Procuro algum tipo de desfibrilador, mas só vejo um extintor de incêndio. Não vai ajudar nesta situação, a menos que eu bata na minha cabeça com muita força e cause danos cerebrais. Na verdade... é uma ótima ideia.

O que aconteceu foi exatamente o seguinte:

1. *Achei que tinha clicado em responder, mas devo ter clicado em encaminhar.*
2. *Apertei F, e o Gmail preencheu automaticamente o endereço de e-mail errado.*
3. *Eu estava muito distraída na hora para verificar para quem eu estava enviando os e-mails, e agora vou bater no meu crânio com um extintor de incêndio e espero entrar em coma por um mês.*

Esse tipo de coisa já aconteceu com outros professores antes. No ano passado, nossa enfermeira acidentalmente enviou por e-mail para toda a escola uma cópia de seu contracheque, informando a todos quanto dinheiro ela ganhava. Ela ficou mortificada. No ano anterior, um dos treinadores de vôlei nos enviou uma selfie de academia que era para sua esposa. Nós o provocamos impiedosamente. Essas coisas não chegam perto do que aconteceu agora.

ISSO AQUI É MUITO PIOR.

Os professores começaram a responder o e-mail na hora, fazendo piadas e tentando aliviar o clima. Não consigo ler nenhum deles. Minhas mãos estão tremendo. Eu luto contra a vontade de vomitar em todos os planos de aula na minha mesa.

Ian liga para meu celular duas vezes e eu ignoro.

Coloco a cabeça entre os joelhos e pratico exercícios respiratórios.

Os alunos estão começando a entrar na minha sala de aula para o primeiro tempo. Eu deveria começar a aula, mas estou à beira de um colapso nervoso. Eu quero fingir que isso não está acontecendo, mas não vai funcionar. Em vez disso, decido que o melhor a se fazer é não dar corda. Eu escrevo um e-mail rapidamente, tentando ser honesta:

“Bem, isso é extremamente embaraçoso. Desconsiderem meu último e-mail. Foi uma piada ruim e de mau gosto.”

Eu decido nem abordar o fato de que eu estava flertando abertamente com Ian. Espero que, se eu não chamar a atenção para isso, ninguém perceba. Estou errada.

Os e-mails continuam chegando.

HillBianca@OakHillHigh: Não estão saindo, né?

MillerGretchen@OakHillHigh: Pois é, isso é permitido?

Se eu tivesse como substituir meu celular por um novo, o jogaria no vulcão mais próximo.

Estou chorando agora, e os alunos estão olhando para mim como se eu fosse uma pessoa muito bizarra. Um deles especula em voz alta sobre eu estar de chico. Outro argumenta que estou muito velha para menstruar. QUANTOS ANOS ELES PENSAM QUE EU TENHO?!

— Senhorita Abrams, tudo bem? Devemos chamar a enfermeira? — um aluno gentil e doce pergunta, e eu me levanto, balanço a cabeça e saio da sala de aula, resmungando para eles começarem a ler o capítulo 11.

Chego ao banheiro feminino antes que as comportas realmente se abram. Eu bato em uma cabine, digo aos alunos remanescentes para caírem fora, sento em um vaso sanitário e choro. Eu choro, e choro, e resisto ao impulso de bater minha cabeça contra a porta da cabine. Que desastre completo. Vou perder meu emprego. Vou ter que me mudar para outra cidade. Não há como aparecer em outra reunião de equipe. Estou completamente mortificada.

Meu celular vibra na minha mão, e é Ian novamente. Aperto ignorar e tento descobrir o que preciso fazer. Agora eu quero fugir. Preciso sair desta escola.

Sim. SIM. Estou indo embora. É completamente inapropriado sair correndo no meio do horário escolar, mas há um protocolo em vigor caso surja uma emergência. Emergências válidas incluem: você está passando mal, ou seu filho está doente, ou você acidentalmente fez sexo com todos os seus colegas de trabalho e precisa dar o fora de Dodge.

Envio um e-mail ao nosso coordenador e peço a ele que arrume um substituto o mais rápido possível, peça à sra. Orin para cobrir minha

primeira aula e, em seguida, saio correndo da escola. ADEUS, OAK HILL. OLÁ, AZERBAIJÃO.

Meu primeiro destino é uma ponte a pouco mais de um quilômetro da escola. Não acho que eu seja suicida, mas este parece ser um bom lugar para contemplar a possibilidade. Estaciono minha bicicleta, caminho até o centro e olho para baixo. Achava que a ponte fosse muito mais alta — não há um grande vão embaixo, e definitivamente não há rio correndo. É um riacho gotejante, na melhor das hipóteses. Se eu pular, terei sorte se torcer o tornozelo. Adeus, gesto dramático. Em vez disso, continuo trotando até a lanchonete na rua.

— Bem-vinda ao Fro-yo-yoyo! — o homem barrigudo de meia-idade cantarola quando eu entro. Seu entusiasmo é preocupante. O lugar está vazio. São nove horas da manhã de uma segunda-feira.

— Você dá amostras? — pergunto, largando minha bolsa em uma mesa sem parar de andar e indo direto para as máquinas. Se não derem, vou simplesmente enfiar a boca debaixo de um dos bocais e esperar até que me arrastem para fora.

— Ah, com certeza. Aqui está!

Ele me entrega um copo de papel do tamanho de um dedal, e assim que começo a o encher, meu cérebro me lembra que foi uma sobremesa que começou essa bagunça. Minha visão escurece enquanto repasso o e-mail repetidamente na minha cabeça. *Claro, mas o que teremos de sobremesa? Claro, mas o que teremos de sobremesa?*

— Senhora, tá derramando em tudo quanto é canto

Quando volto ao presente, minha mão está gelada. Olho para baixo e vejo tiras de iogurte congelado se acumulando no copo, na minha mão e nos meus sapatos.

Por quanto tempo desassociei?

Depois de um rápido pedido de desculpas e limpeza, opto pela maior embalagem para viagem que eles oferecem e começo a enchê-la. Quando termina, pego outra. Eu me pergunto quantos M&Ms eu teria de forçar em meu estômago antes que um médico determinasse que meu corpo tem mais chocolate do que água. Prefiro ser lembrada por isso do que ser A Garota do E-mail pelo resto da vida.

Depois de pagar, levo meus potões para uma mesa solitária enquanto o Sr. Fro-yo-yo me observa como um falcão atrás do balcão. Ele está com medo que eu vá causar outra confusão. Enquanto como em silêncio, Ian continua me ligando, mas meu celular está no modo

silencioso e no meio da mesa. Não há nada que ele possa dizer para melhorar a situação.

Ele fez isso conosco. *Sim*. Aaaah, isso é bom. *Desvia do assunto. Coloque a culpa nele*. Ele decidiu que deveríamos explorar essa necessidade latente dentro de nós, em vez de deixá-la quieta num canto. Eu estava indo muito bem! Eu tinha meus sonhos indecentes e minhas fantasias, e poderia tê-los usado para me segurar por mais 1000 anos.

Essa situação é exatamente o que eu temia. TODO MUNDO SABE. Tudo está se comportando diferente, e não posso voltar para a escola sem que todos fiquem encarando e fofocando pelas minhas costas. Os outros professores vão fazer piadas obscenas sobre chantilly, e eu não vou ter forças para rir disso — e, ai, meu Deus, os alunos vão descobrir e nunca saberemos o fim disso. Essa coisa é tão nova — esse relacionamento que mal saiu do ovo ainda —, mas não há como sobrevivermos. Este é o começo do fim.

Meu celular acende novamente, e meu olhar se encaixa na tela. Se for Ian, vou ter de atender e dizer para ele parar de ligar, mas não é.

É um e-mail do diretor Pruitt.

Eu leio enquanto prendo a respiração.

Ele quer marcar uma reunião comigo e Ian para discutir a “situação” e as “possíveis consequências”.

Eu largo meu iogurte congelado na mesa e corro para o banheiro, vomitando cada grama de açúcar que acabei de enfiar goela abaixo. Mais lágrimas se derramam.

Eu não posso acreditar. Estou em apuros. Eu não me meto em apuros! Quando eu estava no ensino médio, nunca cumpri pena na detenção e nunca trouxe para casa uma nota abaixo de A-!

— Senhorita, você está fazendo o que eu acho que está fazendo aí dentro?

O homem Froyo bate na porta, claramente cansado de toda essa merda que eu trouxe comigo.

— Eu vou — blughhh — sair em um minuto! — grito entre suspiros.

— Bah, eu acabei de limpar tudo.

Eu tropeço fracamente até a porta do banheiro, abro-a e o fuzilo com os olhos.

— Minha vida acabou.

Ele não parece muito empático.

— Bem, você pode levar o que sobrou dela para outro lugar? E, só para constar, nunca vi alguém tão pequeno comer tanto iogurte congelado.

Se fosse qualquer outro dia, eu tomaria isso como um elogio.

Não tenho ideia de para onde estou indo quando subo na minha bicicleta alguns minutos depois. Estou pesando uma tonelada a mais, cortesia de todo aquele iogurte congelado. Meu hálito cheira como o períneo de um lutador de luta greco-romana. Meus olhos estão inchados e vermelhos. São só nove e trinta e cinco da manhã. Tenho um dia inteiro de desespero pela frente e preciso me controlar. Tudo o que quero fazer é ligar para Ian, mas não posso. Normalmente, se algo assim acontecesse comigo, eu correria direto para ele. Ele me distrairia com uma história terrivelmente embaraçosa, mas não vai funcionar desta vez.

O Ian Amigo não existe mais.

Eu saio de bicicleta e meu iogurte congelado escorrega da minha mão imediatamente depois que faço a primeira curva. Meus M&Ms se espalham pela calçada.

Até os deuses dos doces me abandonaram.

Nunca me senti tão sozinha na vida.



Ian

Liguei para Sam 34 vezes. Quando tento a 35ª, meu celular revira os olhos e me dá um alerta que diz apenas: *Cara, desiste*. Este dia foi um dos piores já registrados, especialmente em comparação com os dias anteriores. Levar Sam para tomar café da manhã, dar uns amassos no meu carro, flertar por e-mail — a vida estava indo de acordo com o planejado, até que ela acidentalmente enviou aquela foto para toda a escola. *Porra*. Eu gostaria que tivesse sido eu. Sam tenta ser forte e resiliente, mas ela é feita de marshmallow macio. Ela não será capaz de rir disso e seguir em frente. Para ela é algo mortificante, e ela prova esse fato fugindo durante o primeiro tempo. Fui até a sala dela para forçá-la a falar comigo e havia uma senhora idosa sentada em sua carteira. Meu primeiro pensamento foi: *Uau, o estresse realmente envelhece*. Então eu percebi que era a sra. Orin esperando até que o substituto de Sam chegasse.

Estou chateado com Sam por estar ignorando minhas ligações e me excluindo. Quero ajudar, dividir o fardo com ela. Ela não é a única a passar por isso.

Mas, pensando bem, eu entendo. É falsa simetria. Se ela tivesse ficado, teria sido ridicularizada, e ridicularizada impiedosamente. Enquanto isso, durante todo o dia na escola, professores e treinadores homens esbarraram em mim no corredor e me deram os parabéns. Eu desviei de incontáveis high fives, soquinhos e tapinhas no ombro. O próximo cara que fizer provocações, piscar na minha direção ou tentar

fazer uma piada sobre Sam e chantilly terá de fechar sua mandíbula quebrada cirurgicamente.

No final do treino de futebol, pulo o banho e vou direto para o apartamento de Sam. Eu bato na porta dela por tanto tempo, que a vizinha grita para eu ir embora.

Pergunto se ele viu Sam, e ela diz:

— Nunca ouvi falar *dele*.

Certo, somos os únicos amigos um do outro.

Quando volto para o carro, tento ligar para ela novamente, e vai direto para o correio de voz. Não tenho escolha a não ser sair andando de carro pela cidade, passando em todos os destinos onde poderia encontrá-la. Verifico a confeitaria onde ela gosta de comprar cupcakes, a outra confeitaria onde ela gosta de comprar biscoitos, a terceira confeitaria onde ela gosta de comprar pudim de banana. Ninguém a viu. Eu checo na sorveteria, na loja de picolés e, finalmente, na loja de iogurte congelado.

O homem que me atende balança a cabeça com raiva.

— Uma baixinha? De cabelo ruivo? Sim, ela esteve aqui. Quase tive que expulsá-la. Ela estava drogada, entrou e bagunçou o lugar todo.

É o que, caralho?

— Você viu para onde ela foi quando saiu?

— Provavelmente comprar mais tranquilizantes para cavalos.

Volto para fora e tento pensar como Sherlock Holmes. Procuro pistas no estacionamento, tento me colocar no lugar dela, mas não consigo de modo algum.

Estou sem ideias, e então decido que não custa nada dar um pulo na casa dos pais dela, mesmo que ela não seja tão próxima deles. Eles são esnobes e críticos, e duvido que ela os procurasse em um dia como este, mas com certeza, a bicicleta dela estará caída na entrada da garagem se for o caso.

Eu estaciono e sigo para a porta da frente, mas minhas primeiras batidas ficam sem resposta.

O andar inferior está escuro, e as persianas, fechadas, mas ouço vozes lá dentro. Alguém definitivamente está em casa. Eu balanço a maçaneta da porta, e ela se abre. Estava aberta o tempo todo.

Eu entro e chamo, mas ninguém responde. As vozes que ouvi lá fora vêm de um rádio na cozinha. Que sinistro.

Seus pais claramente não estão em casa, mas sei que Sam está. Só vim aqui algumas vezes, mas lembro que o quarto dela é o primeiro à direita, no andar de cima.

Como era de se esperar, eu a encontro, esparramada em sua cama, olhando para o teto.

Paro na porta enquanto um sorriso lento se espalha. É bom a encontrar, saber que ela está bem... mais ou menos. Quero dizer, ela está deitada vestindo seu uniforme de banda nerd do ensino médio. O tecido rígido vermelho e preto a afoga completamente. Na cabeça, ela está usando o chapéu da banda com plumagem vermelha. Isso a faz parecer um galo. O gato de seus pais está brincando com ele como se fosse um ratinho de brinquedo.

Seus olhos estão vermelhos, suas bochechas estão coradas. Eu me pergunto o quanto ela chorou hoje.

Eu dou um passo hesitante para dentro, e seu olhar permanece enraizado acima, como se ela estivesse em coma.

— Onde estão seus pais?

— Em um cruzeiro no Alasca. — Sua voz sai calma.

Faz sentido.

— Eles deixam a rádio ligada enquanto estão fora?

— Eles querem garantir que os ladrões sejam informados sobre os eventos mundiais atuais enquanto estão roubando.

Meu sorriso se alarga.

Quero beijá-la, mas entendo que não é a hora certa.

Em vez disso, sento-me à mesa dela — ou pelo menos tento. Sua cadeira é muito pequena, e meus quadris mal passam pelos braços. Quando finalmente consigo, ficamos em silêncio por um tempo enquanto eu observo o quarto de Sam. Eu nunca tive a chance de realmente inspecioná-lo antes. Ela era muito tímida para me deixar bisbilhotar da última vez que estivemos aqui, mas agora estou repleto de pistas da Sam adolescente. Suas paredes são pintadas de verde-limão. Os CDs ocupam uma estante inteira. Há troféus de bandas e prêmios de jornalismo dispostos em cima de sua cômoda. Enquanto outras garotas teriam uma foto emoldurada de uma boy band, ela tem uma fotografia de Jean-Luc Picard na mesinha de cabeceira.

Eu a amo.

Ela faz um barulho que soa como um animal preso em uma armadilha de urso, e eu a olho. Sam tenta se endireitar na cama, mas o

tecido rígido de seu uniforme de banda dificulta sua missão.

— Por que esse uniforme?

Ela olha para baixo como se tivesse acabado de se lembrar de que o está usando.

— Ah, é. Me faz voltar no tempo, antes de enviar aquele e-mail para toda a escola. Acho que no mundo psiquiátrico eles chamam isso de regressão.

Eu inclino a cabeça para o lado e espero que ela encontre meus olhos, mas isso não acontece.

— Eu entendo não querer estar na escola hoje, mas só para você saber, isso tudo não é grande coisa. Não há nenhuma regra contra o envio de fotos engraçadas.

Quando ela responde, suas palavras pingam sarcasmo.

— Ah, que bom. Estou tão feliz por não haver nenhuma regra contra a humilhação pública. Mas, espera aí, se não há nenhuma regra contra isso, por que fomos chamados à sala do diretor?

— Você não foi “chamada à sala do diretor” versão adulta. Você foi convocada para uma reunião.

— De qualquer forma, estamos fodidos.

Ela levanta os braços e depois os deixa cair dramaticamente. Sua flauta dá cambalhotas no chão.

— Ele só quer nos encontrar para conversar sobre o e-mail.

— E dizer que estamos demitidos.

— Ele provavelmente vai apenas nos fazer assinar algum tipo de declaração de RH sobre o relacionamento.

— Relacionamento? Eu sou a Sam de 15 anos. Ainda não te conheci. Agora, por favor, saia para que eu possa voltar a assistir *TRL*. *MTV Cribs* vem depois, e eu não quero perder.

Tudo bem, vou deixá-la fazer isso. Ela teve um dia difícil.

Eu me viro e começo a bisbilhotar sua mesa. Quero olhar cada gaveta, abrir cada livro. Encontro um Game Boy roxo, um CD do blink-182 e uma lista feita à mão de seu top 8 do Myspace. Os nomes estão riscados e novos foram adicionados abaixo. Eu me pergunto qual seria minha posição.

— O que você está olhando?

— Nada.

Ela geme e sai da cama, curiosa. Meu truque funcionou. Ela caminha e para ao meu lado, tentando fechar a gaveta. Eu não deixo. Em vez disso, pego um livro de bolso gasto que está com a capa arrancada.

— O que é isso?

— NADA! IAN, ME DEVOLVE!

Sua reação exagerada faz com que eu não queira devolver nada a ela tão cedo. Eu a detenho com o braço rígido para que Sam não possa me alcançar e então leio a lombada.

— *O Tesouro Escondido do Pirata*.

Ah, isso é bom demais.

— A Sam adolescente gostava de ler romances românticos?

— Ian, fala sério.

— Vou ler só uma página.

Com um grunhido, ela se esgueira por baixo do meu braço, arranca o livro de bolso da minha mão e o joga do outro lado do quarto. Ele se espatifa contra a parede e depois cai no chão.

Meu queixo está caído. A respiração de Sam é difícil. Depois de um momento, ela ajeita o chapéu e abaixa a blusa do uniforme. Então admite friamente:

— Minha mãe não me deixava ler nada além de *Canja de Galinha para a Alma Adolescente*. Eu tive que roubar aquele livro de uma amiga só para... sabe, ver do que se tratava.

Eu ajo como se acreditasse nela.

— Ah, então você só pegou por curiosidade? Porque aquela lombada parecia bem desgastada.

Ela geme.

— Escuta, sim, eu li esse livro incessantemente. Os adolescentes hoje em dia têm Kindles e internet de alta velocidade, eu tinha *O Tesouro Escondido do Pirata*, então me deixe em paz.

Estendo a mão na direção de seus quadris e a puxo para o meu colo. Sua cadeira velha geme em protesto. A qualquer momento, esse peso todo vai fazer a madeira ceder e cairemos no chão.

Sam tenta se livrar, mas eu a seguro muito bem. Quando ela finalmente cede e se acomoda em cima de mim, estendo a mão e arranco seu chapéu. Ele cai no chão, e eu passo o polegar pela linha vermelha que ficou em sua testa. Seus olhos azuis encontram os meus, e

é a primeira vez que Sam tem coragem de sustentar meu olhar. Nunca a vi tão abatida.

Minhas sobrancelhas se juntam de forma triste e nervosa ao mesmo tempo.

— Desculpe por hoje.

Ela fecha os olhos, e seu lábio inferior se projeta.

— Não. Deus, eu é que estraguei tudo. Eu deveria estar me desculpando com você.

Seus olhos se movem para o teto, e vejo lágrimas se acumulando. Sam se esforça muito para evitar que caiam enquanto minhas mãos apertam sua cintura. Meu polegar mal desliza sob a camisa da banda, e sua pele macia é tão gostosa, que enfio a mão inteira sob o tecido, em seguida a deslizo e seguro em suas costas. Não é muito contato, mas tê-la tão perto faz meu coração bater forte no peito.

Observo quando uma lágrima finalmente se desprende, e em seguida, Sam se inclina para frente e coloca a cabeça no meu ombro. Ela dobra os joelhos e fica toda encolhida em meu colo. Eu a puxo ainda mais para perto. Acho que se minha camisa fosse mais elástica, ela tentaria se enfiar embaixo dela e se esconder lá para sempre.

— Que bobagem. Não estou chorando só pelo que aconteceu hoje. Houve muitas mudanças ultimamente, e não estou preparada para lidar com isso. É muita coisa ao mesmo tempo.

Eu já sei disso. Sam gosta de rotina, o que significa que os últimos dias foram duplamente difíceis para ela.

— Como posso ajudar?

Ela balança a cabeça para os lados no meu ombro.

— Você não pode, mas pelo menos é cheiroso.

Eu sorrio e me lembro de algo.

— O cara do iogurte congelado disse que você estava usando drogas ou algo assim.

Ela ri baixinho, mas não levanta a cabeça.

— Não, eu estava vomitando. Não se preocupe, escovei os dentes quando cheguei aqui.

Eu franzo a testa.

— Por que você vomitou?

— Recebi o e-mail de Pruitt e passei mal só de pensar no que poderia acontecer conosco.

Droga.

— Bem, então pare de se preocupar, vai ficar tudo bem.

— Eu não acredito em você. Vou pegar um atestado para amanhã.

— Bem, eu vou para a reunião. Eu entendo se você quiser ficar aqui e continuar fazendo o que quer que seja isso.

— Regressão, lembra?

— Você é mais forte que isso, Sam. O lance do e-mail não foi tão ruim assim.

Ela geme.

— Na verdade, quando puder, olha os e-mails de resposta. Pode ser que te surpreenda positivamente.

Sinto um leve afundamento na cadeira. A madeira range e treme. Em um segundo, Sam está aconchegada no meu colo e no seguinte estamos esparramados no chão. Uma das pernas da cadeira bate na parte inferior das minhas costas, e eu estremeço de dor.

Se eu fosse um nerd de literatura em vez de um nerd da ciência teria percebido que esse cenário é uma metáfora adequada para nossa situação atual. Mas Sam precisa me explicar:

— Bem-vindo ao fundo do poço.



Sam

Ian me traz para casa e entra em meu apartamento comigo, espera que eu tome banho e depois me coloca na cama.

— Você quer que eu fique? — pergunta, afastando meu cabelo da testa como se eu tivesse quatro anos e estivesse doente, e isso é glorioso. Vou me meter em eventos que viram a vida de cabeça para baixo com mais frequência se isso significar que ele vai me mimar assim.

Claro que quero que Ian fique, mas se ele ficar, vou transar com ele, e não acho que devamos transar pela primeira vez no mesmo dia de O INCIDENTE. Sabendo como eu sou, provavelmente ligaria para o noticiário local no meio do clímax, e com a minha bunda.

— Melhor não — eu digo, inclinando a cabeça para cima e oferecendo a ele minha boca para que Ian possa se inclinar e me dar um beijo de boa noite. Ele o faz de forma casta, e sinto falta dele no segundo em que ele sai do meu apartamento.

Acho que vou ceder e ligar para ele, exigir que volte aqui neste instante, mas então me lembro do e-mail. Ele falou sobre isso novamente a caminho de casa. Torço o nariz só de pensar nisso, mas sei que ele disse aquilo pensando no meu bem. Se as pessoas estivessem tirando sarro de mim, ele roubaria meu celular e o jogaria no lixo. Se ele quer que eu leia, provavelmente devo ler. Então, eu me acomodo debaixo das cobertas e toco no aplicativo de e-mail do meu celular, me preparando.

Caceta.

Há 68 novos e-mails desde o último que li. Não houve um tópico de e-mail tão popular desde aquela época que a sra. Hill ofereceu dois ingressos grátis para Hamilton. Os primeiros 25 e-mails eram desesperados e suplicantes, depois os 25 seguintes foram vaia e assobios quando ela esclareceu (corretor de celular estúpido) que os ingressos eram na verdade para a produção de Hamlet de Oak Hill High.

Começo do início e passo rapidamente pelos e-mails que já li — aqueles que fazem meu estômago revirar de ansiedade — e paro quando encontro o endereço de e-mail de Ian.

FletcherIan@OakHillHigh: Esta é uma foto minha no ensino médio, vestido como Yoda com aparelho ortodôntico completo. Minha mãe me disse que eu seria capaz de rir dessa foto em quinze anos, mas, honestamente, ainda dói.

FletcherIan@OakHillHigh: Oh, opa, desculpe, pessoal. Era para mandar para a Sam...

Um sorriso minúsculo, microscópico surge em meus lábios. Ele estava tentando desviar a atenção de mim com uma foto ridícula de si mesmo. Eu imediatamente a salvo no meu celular e continuo rolando. A sra. Orin envia o próximo e-mail com uma foto dela depois de deixar a neta fazer sua maquiagem. Há delineador em suas bochechas e batom vermelho espalhado em seu queixo. A legenda dela é a mesma de Ian: “Oh, desculpe. Era para mandar para a Sam.”

Em seguida, a professora de artes compartilha uma foto sua depois de arrancar o terceiro molar. Parece um esquilo inchado. “Ops! Era para mandar para a Sam.”

Depois disso, a ideia de Ian se espalha que nem fogo. Vários professores mandaram suas fotos mais horríveis, e, no final, estou genuinamente comovida com a gentileza de todos. Na verdade, eu rio quando o professor mais velho da escola, o sr. Kelso, envia uma foto dele em tons de sépia vestido com hot pants. Sua legenda diz: “Quem estou enganando? Eu queria mesmo mandar isso para todo mundo. Olha essas pernas! Isso foi nos anos 60, na época do amor livre!”

Está tudo divertido até que uma das coordenadoras acaba levando o gesto de solidariedade longe demais, enviando uma foto dela tomando shots dentro do umbigo de uma dançarina em Cabo. Rola uma pagação de peitinho acidental, e a hora impressa na foto diz que é de apenas duas semanas atrás. A legenda dela: “DEUS, que embaraçoso, queria enviar isso para o meu padrinho do AA!!”

De repente, todos ficaram meio tristes.

Mas eu, na verdade... estou agradecida. Todas as outras fotos foram legais e me fizeram sentir como se não estivesse tão sozinha, mas aquele mamilo aparecendo realmente me acalmou por completo. Eu não poderia ter criado uma distração melhor do que essa nem se tivesse contratado uma equipe de relações públicas sofisticada para cuidar da situação para mim.

Ao entrar na escola na manhã seguinte, espero algum tipo de fanfarra. Alguns comentários sarcásticos, piadas grosseiras, *alguma coisa*. Felizmente, as fofocas sobre Pauline roubaram os holofotes. Ninguém está falando sobre minha foto, porque tudo o que importa é o fato de que PAULINE ENVIOU UMA FOTO DE SEU SEIO PARA TODA A ESCOLA, E ELA PRECISA DE NOSSO APOIO EM SUA BATALHA CONTRA O ALCOOLISMO. É uma parada bem grande. O departamento de TI precisa bloquear nosso servidor de e-mail e limpar tudo que foi postado, incluindo minha foto com o chantilly. Tenho certeza que ainda está por aí circulando em algum lugar. Assim como a foto de Ian com aquele aparelho imenso, alguém certamente printou antes que fosse tarde demais, mas quem se importa? Eu tenho uma foto de Ian com aparelho de rosto inteiro!

Vou mandar imprimir em uma colcha e colocar na minha cama.

Embora Pauline tenha feito um excelente trabalho desviando os holofotes de mim, Ian e eu ainda temos que nos encontrar com o diretor Pruitt depois da aula. Precisamente às 15h05, o sinal toca, meus alunos saem da minha aula praticamente correndo, e então eu ergo as vistas, encontrando Ian na minha porta. Ele parece comestível, usando uma camisa de botão branca com calça azul-marinho. Por um momento, eu gostaria que o diretor Pruitt fosse gay ou que eu não fosse tão contra usar minhas artimanhas femininas em um homem casado. Poderíamos sair dessa situação rapidamente.

— Preparada? — ele pergunta com um pequeno sorriso que ressalta suas covinhas.

— Não. Acho que você deveria ir na frente, lutar por nós dois. Vou pegar seu carro e esperar por você no estacionamento, caso precisemos fazer uma fuga rápida.

— Que adorável. Vamos lá.

Eu me sinto um zumbi enquanto nos dirigimos para o escritório principal.

— Embora eu me sinta mal por ela — diz Ian. — Estou feliz por Pauline ter enviado aquela foto. Ninguém mais se importa conosco.

Concordo com a cabeça.

— É uma pena que o pessoal do TI não tenha conseguido apagar o incidente da mente do diretor Pruitt também. — Estendo a mão e agarro seu braço. — Espere, podemos perguntar se eles não conseguem fazer isso?

Ian coloca a mão sobre a minha e me puxa para frente.

— Vamos só ver como esta reunião vai sair primeiro, certo?

Fico irritada com a rapidez com que chegamos ao nosso destino. Eu teria curtido se tivéssemos ido com um pouco mais de calma, talvez fazendo um pit stop perto das máquinas de venda, dando uma volta rápida pelo salão da banda, mas Ian insistiu que precisamos ser pontuais.

— O que é isso? — Ian pergunta enquanto esperamos do lado de fora do escritório do diretor Pruitt. Ele está apontando para a sacola pesada aos meus pés. Acho que ele não percebeu quando eu a peguei debaixo da minha mesa na minha sala de aula.

— Ah, só uns doces que assei.

Seus olhos se arregalam de espanto.

— Por que você trouxe tantos? Essa bolsa está transbordando.

— Eu não consegui lembrar qual era a sobremesa favorita do diretor Pruitt, então fiz todas.

— *Todas?*

— Brownies, biscoitos, *blondies*, barras de limão e tortinhas de nozes. Quando eu suborno, eu suborno com força.

— Sam, vamos para uma reunião, não para abrir uma confeitaria em sociedade.

Ah, Ian. Um sujeito tão bonito, mas que consegue ser tão estúpido... Quando entramos no escritório do diretor Pruitt alguns minutos depois, eu mostro meus quitutes, e nosso chefe começa a salivar. Seus dedos de salsicha se contorcem de impaciência.

— Acho que uma sobremesinha caía bem, heh-heh. Como você sabe que não resisto a barras de limão? — ele diz com a boca cheia. As migalhas se espalham em sua mesa, mas ele não se importa, porque está totalmente apaixonado por minhas guloseimas.

Eu me viro para Ian com um sorriso presunçoso e digo silenciosamente: *Viu?* Talvez antes disso ele fosse nos demitir, mas agora seremos poupados graças àquela farofinha de biscoito crocante que ele está lambendo. *Me agradeça mais tarde.*

Sentamo-nos pacientemente enquanto o diretor Pruitt mastiga uma segunda barra de limão, dá um entusiástico “mm mm mm”, movendo os ombros, enxuga as mãos e se inclina para trás, nos avaliando.

— Eu realmente odeio ter que chamar vocês dois aqui para falar de algo tão bobo. Sério, aquela foto foi bem engraçada, especialmente considerando o que veio depois dela, bem, exceto por...

Ele não precisa completar; todos nós sabemos que ele está falando sobre Pauline.

— Sim — ele continua, franzindo a testa. — Eu tive que colocá-la de licença hoje. Não é algo que possamos tolerar aqui em Oak Hill.

Ai, meu Deus, ele já demitiu uma pessoa? Talvez ele tenha gostado e esteja pronto para continuar descendo a guilhotina por aí. Pensando rapidamente, eu me abaixo e abro o zíper do pequeno cooler aos meus pés.

— Vai um leitinho gelado para acompanhar as barrinhas de limão? Seus olhos se arregalam.

— É desnatado?

— Você tem bom olho. Toma, pode beber tudo.

Ele engole, e quando fala de novo, tem um bigode espumoso de leite decorando o lábio superior. Pelo menos, se estivermos prestes a sermos demitidos, terei essa memória para levar comigo para a agência de empregos.

— Enfim, escutem: com tudo o que aconteceu, eu não teria chamado você aqui de forma alguma, mas a chefe da Associação de Pais e Mestres, sra. O’Doyle, ficou sabendo de tudo. Ela entornou o caldo de alguns pais, e a única maneira de acalmá-los foi prometendo que tomariam as providências adequadas. É por isso que vocês dois estão aqui hoje.

— Qual é o problema dela? Nós dois somos adultos — Ian aponta.

— Sim, vocês são, mas infelizmente... — Ele se abaixa para pegar alguma coisa na gaveta de sua escrivaninha... duas coisas, na verdade. — O contrato que vocês assinaram durante a orientação estabelecia que nenhum de vocês poderia ter um relacionamento com outro membro da equipe. Vocês dois concordaram com a regra.

Ele nos entrega os contratos, e fico consternada quando vejo que ele tomou a liberdade de marcar a seção em questão com um post-it amarelo berrante. Minha rubrica está bem ali. A tinta preta seca brilha sob a luz fluorescente. Acho que nem li o contrato direito antes de assiná-lo. Eu estava muito focada em Ian. Tínhamos acabado de nos conhecer, e eu ainda estava 95% convencida de que ele era uma miragem.

Ainda assim, quem se importa com uma assinatura? Há uma pequena ferramenta que gosto de chamar de Liquid Paper — até tenho alguns na minha sala de aula. Ian pode sair correndo (ele é mais rápido) e pegar um rapidamente.

Eu abro um sorriso extra doce e me inclino para frente.

— Sim. Ok, vejo que assinamos, mas isso tudo não pode ser resolvido agora se revelarmos que estamos namorando e praticarmos a discrição?

Eu dei uma piscadinha como quem diz: *vamos, meu bróder, dá uma força aí. Somos amigos, parceiros — parças de barrinha de limão.*

Seu rosto endurece.

— Aquele e-mail era sua ideia de discrição? — ele pergunta.

Ah, tudo bem. Vai ser assim, então. Estamos jogando duro.

Sento-me na cadeira e cruzo as mãos sobre o colo, obedientemente, desejando poder voltar no tempo e recuperar aquela piscadela.

— E quanto a Karen e Neal? — Ian pergunta. — Os dois ensinam aqui e estão em um relacionamento.

— Eles são casados. É diferente.

Ficamos todos em silêncio por alguns segundos, então o diretor Pruitt suspira e empurra um último pedaço de papel em nossa direção. É uma cópia do e-mail que a sra. O'Doyle enviou para os outros pais da APM. Minha foto embaraçosa está ampliada na parte superior e, abaixo, está escrito: É ASSIM QUE QUEREMOS QUE ALGUÉM DÊ AULA A NOSSOS FILHOS?

Ela age como se eu estivesse segurando um pênis próximo à minha boca em vez de uma inocente lata de chantilly.

— Eu sinto que sou parcialmente culpado por isso — o diretor Pruitt diz com uma expressão endurecida. — Ela teve seus motivos para fazer isso por conta própria, só que ela soube que vocês dois ministraram o curso de educação sexual na outra semana, e não sei se vocês lembram daquele aluno que optou por não participar, mas

acabou pegando a primeira aula... era o filho dela. — Ian e eu gememos audivelmente. — Exatamente. Não apenas acidentalmente, e vou citar as palavras dela, “maculamos a inocência e virtudes cristãs de seu filho”, como ela também acha que vocês dois estavam lá dando dicas de sexo do kama sutra ou algo assim.

O e-mail dela não é bom. Esta senhora quer ver sangue. Ela exige nossos empregos, declarando que não vai parar até que renunciemos, nos mudemos, troquemos de nomes.

Eu olho para Ian, esperando vê-lo tão desesperado quanto eu, mas seus olhos estão voltados para mim e semicerrados. Ele parece determinado — animado, até. Há ideias brotando na cabeça dele. Eu suspiro de alívio. Ele vai nos tirar dessa confusão. Eu sei disso.

Após a reunião, Ian não diz nada, apenas me leva direto ao Sonic. Ele para no drive-thru, pede um Blast com Oreos extras para mim e um milk-shake de baunilha para ele. Ficamos no carro e comemos em silêncio. Estou tentando dar a ele espaço para terminar de formular seu plano-mestre. Enquanto isso, meu cérebro enlouquece com as possibilidades: sequestrar a sra. O'Doyle, ou invadir o computador dela e mandar um e-mail cheio de elogios direcionados para nós dois, ou invadir o escritório do diretor Pruitt após o expediente e inserimos trechos dúbios nos contratos. Acho que tenho uma máscara de esqui preta em algum lugar do meu apartamento. Seria útil para todas as três opções.

Eu tomo meu sorvete, e assim que o açúcar no sangue beira a faixa pré-diabética, já não estou nem um pouco preocupada.

Eu me viro para Ian e sorrio.

— Então, qual é o plano? Quer dizer, vou ser honesta, durante aquela reunião, eu estava convencida de que um de nós teria que se mudar para outra escola ou algo assim, ou teríamos que voltar a ser amigos e escrever alguma carta de desculpas bizarra para toda a escola. — Suspiro dramaticamente. — Ugh, por favor, me diga que não vamos ter que fazer isso.

Ele engole o restante do milk-shake, deixa o copo de lado e se vira para mim. Ian enxuga a boca com um guardanapo e sorri. Está todo pensativo e adorável. Seu cabelo castanho está bagunçado, e o sol poente ilumina seus olhos azuis.

— Só há uma opção, e pensei que você já teria se dado conta dela.

Eu inspiro profundamente e concordo com seriedade.

— Sim. — Solto o ar. — Nós vamos sequestrar a mulher.

— O quê? Não — ele diz despreocupadamente estendendo a mão para fora da janela e apertando o botão para fazer outro pedido.

— Pois não, posso ajudar? — a voz do atendente crepita.

— Uma porção pequena de anéis de cebola para viagem, por favor.

Quando ele termina de pagar, exijo respostas.

— Se não vamos sequestrar aquela louca, qual é o seu grande plano então?

— Por que você acha que eu pedi esses anéis, Hot Lips? Ele sorri. — Nós vamos ter que nos casar.



Sam

Eu fico totalmente imóvel, quase como se ele tivesse me transformado em pedra. O dia vira noite, vira dia, vira noite, e eu ainda estou olhando para Ian, sem piscar. Os anos vão passando. Meu cabelo fica grisalho e minhas mãos estão enrugadas e fracas, quando finalmente percebo que ele está brincando.

Eu solto uma risada e bato em seu braço.

— Ai, meu Deus, Ian, eu pensei que você estava falando sério!

O silêncio que toma conta do carro é tão intenso, que o para-brisa se estilhaça ao meio, tentando aliviar um pouco a pressão. Meu sorriso desaparece lentamente.

Ian não está brincando.

Ele inclina a cabeça para o lado e me estuda.

Lentamente, como mel pingando, sua boca se abre em um sorriso, e meu estômago revira.

— Você não está falando sério! — eu insisto. — Vamos, precisamos nos concentrar. O que realmente vamos fazer? Cortar a sra. O'Doyle em pedacinhos e enviá-la para diferentes cantos dos Estados Unidos?

— Nós até podemos fazer isso, mas primeiro vamos nos casar. Talvez nos mandem para a mesma prisão.

Ele insiste na piada. Já tá velha.

Reviro os olhos.

— Certo, ok. Nós vamos nos *casar*. Ha. *Ca-sar* — eu cantarolo. — Que bom que tudo está resolvido.

Seu sorriso desaparece, e ele se vira para olhar pela janela. Se eu não o conhecesse tão bem, diria que o ofendi.

Eu franzo a testa e estendo a mão, pegando seu bíceps. Aperto duas vezes, tentando fazer com que ele me olhe nos olhos. Ian não se mexe.

— Você está brincando?

Suas sobrancelhas se franzem ainda mais. Ele parece muito zangado e muito bonito.

— Não.

— Nem um pouco?

— Não.

A resposta me atinge como se eu tivesse trombado contra uma parede.

Se ele não está brincando, então está drogado.

IAN ESTÁ FUMANDO CRACK! Alguém avisa o cara antidrogas do frozen yogurt.

Minha voz calma desapareceu. Um grito estridente e exasperado a substitui.

— CASAR?! Ian, VOCÊ PIROU! Eu mal topei sair com você ontem, e agora você quer me propor casamento?!

Isso não faz sentido. Dos dois, Ian é o lógico. Ele reflete sobre tudo. Acho que ele não foi espontâneo nem uma vez na vida. Ele planeja as férias com dois anos de antecedência. Ele guarda o manual de cada eletrodoméstico que já comprou, até do abridor de latas. No ano passado, quando me ajudou a montar minha nova cômoda IKEA, abriu todos os pacotes, espalhando as peças pela sala. Enquanto isso, Ian lia todo o livreto de instruções da primeira à última página (em inglês e em sueco).

Abro a boca para argumentar, tentar enfiar um pouco de razão nele, mas estou muito estupefata para formar qualquer palavra.

— De verdade, o que mudaria? — ele diz, ainda olhando para frente. — Já compartilhamos uma assinatura de serviço de entregas e uma conta Netflix. Na verdade, se você não quiser se casar comigo, vou mudar minha senha.

Bem, ele tem um ponto...

NÃO!

— Não podemos nos casar! — choramingo, jogando minhas mãos no ar dramaticamente. — Nós nem fizemos sexo!

— Sim, bem, podemos consertar isso — diz ele, revelando uma sugestão de sorriso. — Essas janelas têm uma película e tanto

Maldito seja esse delicioso sorvete. É tão grosso, que nem consigo despejar na cabeça de Ian.

Ele finalmente se vira para mim, e eu levo na cara um turbilhão de azul-cobalto e outra coisa: AMOR. Ele pega minhas mãos e as segura sobre o console central do carro. Isso não pode estar acontecendo. Eu estou tremendo. Isso parece um pedido de verdade... exceto que o carro ao lado do nosso está tocando um rap tão alto, que a batida está vibrando em nossas janelas. Atrás de Ian, há uma lixeira enferrujada e alguns grafites de bom gosto me dizendo para Xup4r P!k. Não há uma única pétala de rosa ou vela acesa à vista.

— Sinceramente, é só esse o motivo que você tem para não aceitar? — ele pergunta, passando o polegar pelos nós dos meus dedos. Meu coração martela no peito. Sinto como se pudesse começar a chorar incontrolavelmente a qualquer momento.

— Não sei. — Eu balanço a cabeça e tento puxar minhas mãos para trás, mas Ian não me solta. — Não tive tempo de ter um surto de verdade.

Ele balança a cabeça, determinado.

— Eu não vou te dar tempo. Não pense, apenas responda: Oreos ou M&Ms?

— Oreos!

— Verão ou outono?!

— Outono!

— Bolinhos de batata ou batatas fritas?!

— Ambos!

— Você quer se casar comigo, sim ou não?

— SIM!

Então me jogo nele e o beijo com tanta força, que Ian cai para trás e bate a cabeça contra a janela. Os jovens no carro tocando rap nos mandam ir atrás de um quarto.



Sam

Uma hora depois, entramos no escritório do secretário do condado usando anéis de plástico que compramos com duas moedas no supermercado do outro lado da rua da sorveteria. Espero um grande alvoroço quando entramos — balões, serpentinas, cortinas brancas —, mas sinto que estamos na fila do departamento de transportes quando uma garota chamada Ethel chama o nosso número.

Sentamo-nos em seu cubículo, e estou chapada de açúcar e amor. Ethel, por outro lado, claramente precisava de sua caneca de café da tarde. Ela verifica o relógio duas vezes antes de finalmente notar que estamos aqui.

— Digam seus nomes para registrar.

— Oi! Olá! Sou Sam... Samantha Abrams. Este é meu noivo, Ian Fletcher. MEU DEUS, MEU SOBRENOME VAI SER FLETCHER! NÃO VOU MAIS SER A PRIMEIRA EM NENHUMA CHAMADA!

A ficha está caindo de uma vez só.

VOU ME CASAR!

EU VOU SER A ESPOSA DO IAN!

Estou nervosa e sorrindo tanto, que minhas bochechas doem. Ian ri e pega minha mão. Ele não está tremendo como eu, está muito mais perto do nível de energia de Ethel do que do meu.

— A-b-r-a-m-s? — Ethel pergunta, segurando seu copo de Coca-Cola.

Eu me inclino para a frente e quase grito:

— Sim!

Tudo o que digo é corado com um sorriso e um ponto de exclamação. Ela poderia me perguntar se meus bisavós estão mortos, e eu iria sorrir de orelha a orelha e exclamar: E COMO, MORTOS COMO UMA MÚMIA!

— F-l-e-t-c-h-e-r?

Ian concorda com a cabeça.

— Sim, senhora.

Senhora! Meu noivo é tão respeitoso!

Eu o encaro com olhos enevoados, e ele aperta minha mão.

Ethel continua digitando, batendo nas teclas como se estivesse tocando uma bateria. Ela não parece muito entusiasmada. Será que sabe que ficamos noivos há uma hora? É óbvio que isso é espontâneo e estúpido?

E se ela nos fizer perguntas para verificar se estamos apaixonados e dermos respostas diferentes?

Ian, Sam prefere o homem por cima ou a mulher por cima durante o coito?

ELE NÃO SABE!

De repente, estou suando. Entro em pânico, como se este fosse um casamento para obter um green card.

Na verdade, Ethel só faz perguntas sobre sermos parentes ou não ou se algum de nós está com o pagamento da pensão alimentícia atrasado, mas isso não me impede de contar mentiras a ela sobre nosso relacionamento, só para garantir.

— Ele fez uma proposta enorme e exagerada, com helicópteros e tudo mais. Bill Murray estava lá!

Ela resmunga enquanto continua a digitar.

— Na verdade, estamos namorando há três anos — eu me gabo. — E por isso que estou tão emocionada.

Ethel olha para mim por cima do aro dos óculos.

— Parabéns. — Ela não parece querer parabenizar ninguém. — Algum de vocês já é casado?

Pisco, confusa.

— Acabei de dizer que estamos namorando há três anos.

Ela suspira e olha para o relógio pela terceira vez.

— Eu tenho que fazer todas as perguntas padrão. Sim ou não?

— Não — respondemos em uníssono.

Romance uma ova. Ethel imprime formulários, bate selos e nos empurra porta afora o mais rápido possível. Temos uma certidão de casamento cor de baunilha em mãos e ordens estritas para esperar 72 horas antes de consumir o casamento.

Isso é novidade para mim. Pensei em conseguir a certidão, ir até o tribunal e terminar tudo na hora do jantar.

Setenta e duas horas parecem uma vida inteira — certamente tempo suficiente para esse barato de açúcar passar e para percebermos como tudo isso é absolutamente irracional. Eu não quero pensar. Quero continuar jogando o jogo de Ian. Eu quero me casar agora!

Acho que Ian pode sentir isso, porque ele fica quieto enquanto voltamos para o carro. Ele abre minha porta e, uma vez que ambos estamos sentados, pego sua mão novamente. Ele tem dificuldade em sair do estacionamento e voltar para a estrada enquanto eu o seguro, mas não consigo soltá-lo. É a única coisa que me mantém com a cabeça aqui, e não nas nuvens.

— Devemos ir para Las Vegas? Não há período de espera lá.

— Demoraríamos 72 horas para ir e voltar. Vamos esperar aqui.

— Mas sinto que temos que fazer algo! Isso está realmente acontecendo?

Ele acena com a cabeça e vira à direita no semáforo.

— Isso não é uma pegadinha elaborada de sua parte, é? Porque, sério, você poderia arrumar alguém muito melhor do que eu.

— Não fale assim. Você é linda e engraçada.

— O QUÊ?!

Uma coisa é propor casamento e outra coisa é me chamar de *linda e engraçada*. Não tenho certeza de qual é mais importante.

— Ian Fletcher me acha bonita — eu digo para ninguém em particular. — Uhull.

— Arram. Tente não parecer tão chocada. Você quer que eu passe por Oak Hill para pegarmos sua bicicleta?

— Sim, por favor.

— O que devemos fazer para o jantar? Quer chinês para comemorar?

— Sim! Frango com gergelim. Espera, merda, eu tenho que ir para a casa dos meus pais. Eles voltaram do cruzeiro hoje de manhã e prometi que jantaria com eles para que pudessem me mostrar as fotos. — Que droga. — Eu posso cancelar, né?

— Não. Você quase não os vê.

Que marido compreensivo.

— Por que você não vem, a gente pode contar as novidades para eles? — pergunto, esperançosa de que ele não vá me deixar sozinha.

Ele dá de ombros.

— Eu acho que não é má ideia. Como você acha que eles vão reagir?

— Se os últimos dias me ensinaram alguma coisa, é que é completamente inútil tentar prever o futuro. Vamos apenas seguir em frente.

Estava intencionalmente ignorando o resultado óbvio. Meus pais, Genine e Thomas, são muito chatos e antiquados. Minha mãe não me deixou cortar o cabelo até os 7 anos. Eu não pude usar maquiagem até ter idade suficiente para comprá-la sozinha. Eles não bebem álcool. Eles são críticos e geralmente tento evitá-los, e, ao mesmo tempo, não os elimino completamente da minha vida.

Quando apareço para jantar com Ian inesperadamente a tiracolo, eles ficam profundamente descontentes.

— É que eu só arrumo a mesa para três — diz minha mãe, como se eles tivessem apenas três pratos em toda a casa.

— E eu só comprei três bifes — meu pai resmunga.

— Se todos cortarmos um quarto, todos comerão $\frac{3}{4}$ de um bife! — eu indico alegremente.

— Gosto de meu bife inteiro — continua o resmungão.

— Okay, você pode ficar com o meu.

Estou muito nervosa para ter qualquer apetite. Além disso, aquele milk-shake era enorme.

— Acho que está tudo bem — minha mãe diz com um sorriso falso.

Depois que eles deixaram bem claro que ele não é bem-vindo, espero que Ian dê algum tipo de desculpa forçada (ele deixou o forno ligado? precisa lavar o cabelo?) e então saia de cena. Mas, não, ele fica bem ao meu lado, aceitando o fato de que ainda estou mortalmente

apertando sua mão. Até agora, nossa pele está fundida. Ele terá de fazer uma cirurgia se quiser me remover.

Como se estivesse lendo meus pensamentos, minha mãe olha para nossas mãos e sua expressão me faz olhar para baixo também. Ela parece tão horrorizada, que penso brevemente: *Ah, não, estamos fazendo sexo sem querer ou algo assim?*

Não, apenas de mãos dadas como as pessoas desregradas e imorais que somos.

— Samantha, você gostaria de usar meu banheiro para se arrumar antes do jantar? — minha mãe pergunta, continuando sua análise e claramente achando que minha aparência não está boa o suficiente. — Acho que tenho outro vestido que você pode usar, se quiser.

Ainda estou usando meu vestido azul da escola. Que está bom. Na verdade, eu me senti um pouco bonita nele antes que ela dissesse alguma coisa.

Ian encontra meu olhar, estreita os olhos e balança a cabeça.

— Você está ótima — ele diz alto o suficiente para meus pais ouvirem.

Certo. Minha mãe se vira para continuar preparando o jantar com os lábios franzidos. Por alguns minutos, não há conversa enquanto meu pai se preocupa com os bifes no fogão e minha mãe se apressa para arrumar um quarto lugar na mesa.

Ela murmura baixinho o tempo todo gentilezas como:

— Cairia a mão pegar o telefone e avisar?

Eu não me meto. Se ela está tão chateada com um convidado extra para o jantar, como vai lidar com um membro extra da família?

Quando meu pai declara que os bifes estão prontos, minha mãe nos direciona para a mesa e nos diz para nos sentarmos. A contragosto, solto a mão de Ian.

— Posso ajudar em alguma coisa? Pegar as bebidas? — ele pergunta.

Ela balança a cabeça.

— Não, não, nós cuidamos de tudo. Você gostaria de água com ou sem gás?

O que eu não daria por um galão inteiro de vinho.

— Sem. Obrigado — Ian responde, e eu balanço a cabeça.

Então, o jantar do inferno começa. Meu pai se senta à cabeceira da mesa. Minha mãe se senta em frente a ele, e Ian e eu estamos esmagados no meio. Não é que a mesa seja tão pequena assim, mas o julgamento deles ocupa muito espaço.

— Então, há quanto tempo vocês dois são um casal? — minha mãe pergunta com um tom arrogante.

— Oh, hum, há um tempo — eu digo, omitindo a verdade.

— Eu não sabia que as coisas tinham progredido. Vocês não eram amigos antes disso?

Concordo com a cabeça e ofereço o mínimo possível de detalhes.

— É algo novo.

— Ian, você trabalha com o que mesmo? — meu pai pergunta, olhando para ele por baixo de suas sobrancelhas grossas e desgrenhadas.

— Eu dou aulas em Oak Hill com Sam.

— Ah, sim — ele concorda. — Eu me lembro disso. E você ganha um bom dinheiro lá?

Meus olhos saltam da minha cabeça.

— Pai. — Ian não se importa com a intrusão.

— O salário é bom, mas o dinheiro nunca foi minha motivação.

— Oh, não me diga que você é um daqueles hippies que acham que o dinheiro não é importante? Odeio dizer isso a você, mas a paz e o amor não o mantêm aquecido no inverno.

Ian mantém uma cara séria enquanto responde:

— Você tem razão. Felizmente, trabalhei na indústria farmacêutica por um tempo depois da faculdade, economizei bastante e investi bem ao longo dos anos. É o suficiente para manter o gás do aquecedor ligado.

As sobrancelhas do meu pai se erguem em choque, principalmente porque Ian teve a audácia de respondê-lo.

— Mas só um adendo, a paz e o amor levam você muito longe na vida. Sam e eu não precisamos de muito para sermos felizes. — Seu olhar encontra o meu, e eu sorrio.

Meu pai resmunga, e está claro que ele acha que Ian tem muito o que crescer.

— Apenas espere até ter uma família para alimentar. É caro ter crianças.

CRIANÇAS.

O calor sobe pelo meu pescoço. Não chegamos tão longe. Ian talvez nem queira filhos. Eu olho para meus $\frac{3}{4}$ de bife e sei que não vou dar conta de comer nem um pedaço sequer.

— Nós vamos dar conta, tenho certeza — Ian responde com um tom divertido. Ele odeia isso. Ele não entende por que eu perco tempo com meus pais. — Estou pensando que se tivermos 9 ou 10 filhos podemos colocá-los para trabalhar como limpadores de chaminés...

— *Oh*, vocês dois já discutiram o futuro? — minha mãe interrompe com uma cadência aguda.

Ian e eu trocamos olhares novamente, e ele ergue as sobrancelhas. Seu ponto é claro: *aproveite a oportunidade. É agora ou nunca.*

Largo o garfo, respiro fundo e proclamo simplesmente:

— Ian e eu estamos noivos.

Os talheres caem dramaticamente sobre a mesa. Eu ergo a cabeça, minha mãe está com a mão pressionada sobre o coração em estado de choque.

— *Noivos?!*

Ela exclama a palavra como se estivesse se apresentando para um teatro lotado da Broadway.

Eu sorrio, simples assim.

— Sim. Vamos nos casar em 72 horas.

— Setenta e duas? *Horas?! Quê...?*

A pergunta do meu pai é interrompida por um soluço errante da minha mãe.

— Samantha Grace, do que você está falando? Setenta e duas horas?! Isso não faz sentido. — Ela se levanta e bate o guardanapo de linho na mesa. — Isso é uma piada?

Ian e eu balançamos a cabeça.

— Debateremos bastante o assunto.

Por vinte minutos.

— Isso é extremamente repentino — diz ela, andando de um lado para o outro e pressionando as costas da mão na testa. — Vocês dois nem estavam namorando da última vez que conversei com ela!

— Sua mãe tem razão — ressoa a voz de meu pai. — Vocês dois precisam desacelerar. Temos aconselhamento pré-matrimonial na igreja. É um curso de seis semanas.

Eles estão confusos.

— Não queremos esperar. Queremos o seu apoio.

— Bem, não daremos. Por favor, seja *racional*.

O que ela quer dizer é: *por favor, faça exatamente como seu pai e eu fizemos. Venha para o aconselhamento pré-matrimonial, vista um vestido branco bufante e caminhe com um buquê em mãos, não muito devagar, mas não muito rápido, tudo para que eu possa provar a todos os nossos familiares e amigos que criei uma jovem elegante, não uma pagã que casa apressadamente.*

— Já decidimos — Ian insiste com um tom forte e direto. — Nós vamos nos casar, e adorariamos que vocês dois estivessem lá, se vocês quiserem. Assim que soubermos a hora e o local, passaremos a informação.

— A hora e o local?! — Seus lábios tremem. Suas mãos tremem. Minha mãe está tendo um colapso mental diante de nossos olhos. — Vocês nem sabem disso ainda?! *Deus do céu.*

Ela sai da sala, furiosa, e começa a chorar perto da salada extra que ficou na ilha da cozinha. Meu pai corre para consolá-la. Sinceramente, acho que eles estão pior do que se eu tivesse contado que tenho câncer.

— Olha o que você está fazendo com sua mãe, Samantha — meu pai repreende.

De repente, fico farta. Eles estão sendo ridículos. Eu entendo a necessidade de alguns minutos para a ficha cair, mas isso está chegando em um nível totalmente novo. Eu me ponho de pé, fazendo com que minha cadeira tombe para trás e caia no chão.

— Ian, vamos. Pegue seu prato. Sim, pegue. E seu copo! Espera, eu vou te ajudar.

Meus braços estão cheios de talheres e pratos roubados, e saímos correndo de casa. Meus pais estão chorando como se tivessem me perdido para sempre.

— Sam, você tem certeza que não quer voltar lá? — Ian pergunta depois que colocamos o cinto.

Balanço a cabeça e pronuncio uma única palavra.

— Dirija.

O jantar roubado permanece intocado na minha mesa de centro. Ian se senta ao meu lado no sofá, e as consequências desse fim de dia nos deixam em silêncio. Eu estava acelerada, correndo do escritório do

diretor Pruitt rumo ao Sonic, para depois ir ao supermercado e ao cartório. Foram as horas mais emocionantes da minha vida. Eu não conseguia tirar o sorriso do meu rosto, e aí meus pais tiveram que arruinar tudo.

Eles estão certos?

Estamos sendo irracionais?

Eu olho para Ian e o vejo olhando para o teto com as sobrancelhas franzidas. Acho que ele está tendo as mesmas dúvidas que eu. A qualquer momento, ele vai se virar, me olhar bem nos olhos e dizer que não quer mais se casar comigo. O pensamento faz uma lágrima preocupada pela minha bochecha. Eu a limpo rapidamente.

— Você quer filhos, Ian?

Ele franze a testa.

— Você sabe que eu quero.

— Você quer ter filhos comigo?

— Sam.

Eu balanço a cabeça e mordo o lábio inferior.

— Talvez meus pais estejam certos. Talvez isso seja uma loucura. Eu refleti mais sobre fazer uma tatuagem que nunca vou fazer do que sobre esse casamento. É sobre o restante de nossas vidas que estamos falando.

— Só porque é espontâneo não significa que seja errado. — Ele parece confiante. — O que faria você se sentir melhor?

— Vamos fazer sexo.

— Sam, você está chorando.

— Então sobrecarregue meu cérebro com sua boca.

— Não. Hoje, não.

Ele parece irritado.

Eu me endireito e me viro para ele.

— Por quê?

Sua mão encontra a minha no sofá, e ele aperta.

— Parece adequado esperar até depois de casarmos. Eu gosto disso. Além disso, sem ofensa, mas não estou exatamente no clima. Parece que estou me aproveitando de você.

— Excelente. — Eu jogo as mãos para cima. — Vou me casar com um puritano.

— Deita aí e me dê o controle remoto. Eu sei o que vai fazer você se sentir melhor.

— Não quero assistir pornô agora.

Ele abre o episódio 12 da segunda temporada de *The Office*, aquele em que Michael grelha o pé em um George Foreman Grill. Este episódio me tirou de uma vibe péssima de fim de verão, de uma crise de relacionamento ruim, que se transformou em um término ruim, e daquela vez em que tive uma infecção na garganta logo após uma gripe. Ian estava comigo em todos esses momentos, e ele está aqui agora, assistindo ao episódio ao meu lado, no meu sofá. Meu futuro marido. Senhor Samantha Abrams.

Vou encontrar fios de seu cabelo castanho curto no meu travesseiro. Aos sábados, ele vai insistir em fazer um grande café da manhã, e eu vou comer, embora queira só uma fatia de torrada com manteiga de amendoim.

Michael Scott enrola o pé em plástico-bolha na tela, e eu começo a remover o plástico-bolha em volta do meu coração. Eu o mantive assim desde o início da minha amizade com Ian. Nenhuma garota constrói uma amizade com um cara tão bonito e charmoso quanto Ian sem criar algum tipo de proteção. Meu coração bate mais rápido, como se estivesse ciente de sua recém-descoberta liberdade. Eu o contive, mas agora está batendo em todo o seu potencial, pulsando e exigindo o amor do qual o privei. Ian é lindo e vai ser meu. Mal posso acreditar. Quero levantar a mão e sentir os contornos de seu rosto, seu nariz, seu queixo, só para provar a mim mesma que ele realmente existe. Que isto não é apenas mais um sonho.

— Você está assistindo? — Ian pergunta, ciente do meu olhar em seu perfil.

— Não.

— Você está perdendo sua parte favorita.

É quando Michael pede a Pam para esfregar Country Crock em seu pé para ajudá-lo a cicatrizar.

— Como você acha que vamos assistir TV quando estivermos casados?

— Provavelmente assim.

— Ah.

— Só que obviamente estaremos nus.

Meu queixo cai. Ele suspira e se vira na minha direção, estendendo a mão para fechar minha boca escancarada.

— Estou brincando, Sam. Pare de pensar demais. Você vai ter um treco.

— Não consigo desligar meu cérebro. Aquele jantar foi intenso. Meus pais vão me deserdar. Eles provavelmente estão gastando meu dote em um aparelho de jantar novo.

Ele finge desapontamento.

— Sério? Essa foi a única razão pela qual eu propus esse casamento.

— Você pode desistir se quiser. Ainda há tempo.

Seu olhar se volta para a minha boca, e ele estende a mão para soltar meu lábio preso entre os dentes. Eu não percebi que estava mordendo.

— Eu deveria dizer o mesmo para você. É você quem está se rebelando contra os pais. Meus pais te amam. Quando eu ligar para eles mais tarde para contar sobre isso, minha mãe provavelmente perderá a voz de tanto gritar.

Eu sorrio.

— Isso acontece porque eu sou adorável.

Seu dedo faz carinho nos meus. Seu toque é leve como uma pena.

— Eu sei.

POP. POP. POP. Meu plástico-bolha continua se esvaziando.

— A que horas conseguimos nossa certidão de casamento? — ele pergunta, mudando de assunto como um profissional.

— Eu não sei... dez para as cinco? O tribunal fechava às cinco horas, e éramos os últimos da fila.

— Sendo assim, às quatro e cinquenta de sexta-feira, teremos passado pelas 72 horas necessárias.

Isso é bem em breve — três dormidas e pronto.

— Eu acho que é uma boa ideia não nos vermos até então — ele continua.

— Mas amanhã é quarta-feira de *West Wing*.

Nunca perdemos uma, nem mesmo por doença. Uma vez, Ian assistiu em seu quarto enquanto estava com um problema estomacal e eu assisti na sala de estar. Conversamos um com o outro através da porta, aos berros.

— Eu sei, mas acho importante dar a você tempo para realmente considerar o que estamos prestes a fazer.

— Ah, sim. Ok. — Ele tem um jeito próprio de sobrecarregar meu cérebro. — Você precisa de tempo também?

— Não.

Essa palavra estava sendo mantida refém dentro dele. Ian diz isso tão rapidamente, sem piscar, que é como se eu tivesse levado um tiro.

Ian está apaixonado por mim.

POP. POP. POP.

Nossos olhares se encontram, e meu apartamento se torna uma fornalha. Meu sofá parece ainda menor do que o normal, e Ian ocupa muito dele. Eu só teria de me mover um pouco para chegar ao seu colo. Eu poderia deslizar por cima e colocar um joelho em cada lado de seus quadris. Ele ficaria preso, completamente à minha mercê.

— No que raios você está pensando? — ele pergunta com a voz rouca.

— Em me aproveitar de você. Lembra como estávamos sentados no seu carro no sábado? Comigo no colo?

Ele geme e faz menção de se levantar. O episódio ainda não acabou. Ryan nem esmagou aspirina no pudim de Michael ainda.

Ian vai ao banheiro, e quando sai, parece que jogou água fria no rosto. Acho que Ian quer fazer sexo comigo e está tentando se convencer de que é uma má ideia. Apenas o pensamento me faz pressionar as coxas uma na outra.

— Onde seria o casamento dos seus sonhos? — pergunta, mantendo uma distância segura de mim, do outro lado da sala.

Isso é fácil.

— Na exibição no Museu de História Natural. Sabe a sala logo antes de entrar no planetário? — É abobadado e iluminado, com um milhão de estrelas. — Onde você pisou em um chiclete uma vez. Agora volte aqui e sente-se para que eu possa te beijar.

Ele balança a cabeça e caminha para a porta.

— Ok. Se você ainda quer se casar comigo, me encontre lá às dez para as cinco na sexta-feira.

Eu dou um salto e fico de pé. *EITA*. Vai rolar.

— Preciso fazer alguma coisa?

— Eu cuido de tudo.

— E o meu vestido?

— Vista o que quiser. Pode ser até um terninho, não ligo.

Eu sorrio.

— Eu sempre soube que você tinha uma queda pela Hillary Clinton.

— Sam. — Ele está olhando para mim com olhos sérios... olhos de eu-te-amo. — Pense nisso. — Ian passa a mão no cabelo. — Eu não quero sentir que estou te forçando a nada. Não venha na sexta-feira a menos que tenha certeza.

— Você está me assustando.

— Talvez devêssemos estar assustados.

Eu corro e paro na frente da porta, bloqueando sua saída. Se ele quiser ir embora, terá de passar por mim.

— Não vou mudar de ideia.

Ian está olhando fixamente para meus lábios. O efeito da água fria acabou e seu olhar está quente. Eu aproveito e agarro sua camiseta, puxando-o para mim. Ian cede e dá um passo para mais perto. Inclino a cabeça para trás e sua garganta está tão perto da minha boca, que fico na ponta dos pés e o beijo o local, bem na linha da sua pulsação. Sua mão bate na porta ao lado da minha cabeça.

— Sam — ele avisa.

— Me beija antes de ir, só uma vez. Preciso de algo para me lembrar de você, caso não o veja até sexta-feira.

Seus dedos trilham pelo meu pescoço, lentamente. Ele está pensando no meu pedido, pesando os prós e os contras. Eu gostaria de estar com uma camisolinha provocante. Meu vestido azul é apropriado para a sala de aula, não para a sedução. Minhas mãos são minha única arma, então eu as deslizo até seu pescoço e seguro seu rosto. Sua mandíbula áspera faz cócegas em minhas mãos. Ele engole em seco, e seus músculos se movem. Eu nunca namorei um cara tão grande quanto ele. No passado, eu escolhia os socadinhos de propósito, caras com quem eu poderia dividir terninhos. Uma imagem de Ian tentando desesperadamente enfiar a perna em um par de minhas calças me faz sorrir.

Ele inclina a cabeça.

— Por que você está sorrindo?

Suas palavras são um sussurro contra minha boca, e um arrepio de corpo inteiro passa por mim, um que ele definitivamente nota. Isso o faz sorrir também, e então nossos lábios finalmente se tocam, mas nós

dois ainda estamos sorrindo. Eu rio contra sua boca. Suas mãos agarram minha bunda, enquanto ele move os quadris contra os meus, e meu coração bate com força na caixa torácica. A surpresa me lembra que Ian é capaz de produzir um plot twist com muita facilidade. Em um segundo, ele é meu melhor amigo, e no outro é o cara um pouquinho atrevido, o homem que me trata como se mal estivesse resistindo ao desejo de me devorar inteira. Nossos sorrisos desaparecem, Ian se aproxima mais, e nosso beijo se torna quente. Suas mãos ardem em minha pele. Alguns dos botões do meu vestido são abertos. Minha mão vai para seu jeans. Nunca abri um zíper tão rapidamente. É um talento que eu ignorei até agora, mas talvez devesse sair em turnê e mostrar minhas habilidades. *A ESPETACULAR SAMANTHA: Olha com que rapidez eu consigo seduzir meu noivo. Não pisque ou você vai perder!*

Minha mão se esgueira pela frente de sua cueca boxer. Meu beijinho está indo um pouco além, e estou muito satisfeita comigo mesma. Com sorte, terei um orgasmo, mas Ian é mais esperto. Ele sabia do meu plano o tempo todo. Ele solta minha mão com um suspiro pesado e dá um passo para trás. Eu o odeio por sua determinação sobre-humana. Por que importa quando faremos sexo? Por que não podemos simplesmente nos jogar aqui no meu capacho? Quem se importa se as letras em alto-relevo vão ficar marcadas na minha bunda? Quem se importa se meus vizinhos escutarem alguma coisa quando forem pegar a correspondência?

Leonard, pegue esse pacote. Espere, você ouviu isso? Acho que tem um bicho morrendo no 2A.

Eles vão registrar uma reclamação de perturbação de paz pública, e eu vou colar o aviso amarelo na minha geladeira com orgulho.

— Sexta-feira — Ian promete antes de me pegar por baixo das axilas, arrastando-me para o lado e passando pela porta da frente.



Sam

Setenta e duas horas é tempo suficiente para subir e descer uma montanha-russa de indecisão tantas vezes, que sinto náuseas. Em um minuto, estou me sentindo espontânea e aventureira e digo a mim mesma coisas como: *Não duvide de nada. Vai lá e faz! Viva!* No minuto seguinte, começo a pensar na logística da coisa. Estamos tomando uma decisão precipitada. Você não se casa com alguém por impulso. Nós nos conhecemos muito bem, mas tenho certeza que ainda existem lados ocultos em Ian. Por exemplo, nunca dormi em uma cama com ele. Não sei qual é a temperatura que ele gosta de ajustar o termostato à noite. Ele pode ser do tipo que rouba o cobertor só para ele.

Durmo muito pouco na terça à noite, e na quarta de manhã é hora de encarar a vida. Toda a comoção sobre o possível casamento às pressas significa que a foto do chantilly ficou em segundo plano em minha mente.

Tecnicamente, Ian e eu ganhamos uma advertência por enquanto. É a maneira do diretor Pruitt nos salvar de uma suspensão, ou pior, de uma rescisão de contrato. Entretanto, a sra. O'Doyle não ficou satisfeita, e a parte do meu cérebro que não está ocupada com pensamentos sobre Ian está esperando que ela dê algum trabalho.

Ela não é a única pessoa com fome de vingança.

Bianca e Gretchen estão esperando por mim do lado de fora da minha sala de aula quando chego à escola.

Os braços de Bianca estão cruzados, e ela bloqueia meu caminho para que eu não possa destrancar minha porta.

— Foi divertido para vocês dois nos ver babando pelo Ian? Por que você nos disse que não estavam juntos se claramente estavam?

Suspiro, cansada pela falta de sono e por ter um cérebro em constante zumbido.

— Eu não estava mentindo naquele dia na sala dos professores. Na época, não estávamos juntos.

— Me poupa. Sabemos que está com uma advertência por estar namorando com ele. É contra as regras. Os pais estão chateados. Vocês dois não vão durar o resto da semana.

Ela bufa e levanta o nariz, em seguida chama Gretchen para segui-la.

Não é exatamente assim que quero começar meu dia, mas então entro na minha sala de aula e encontro uma garrafa térmica cheia de café quente, uma barra de granola e uma única rosa vermelha esperando por mim na minha mesa. As pétalas estão cheias e abertas. Eu prontamente a ajeito e coloco na água, e continuo olhando para a flor a maior parte do meu dia.

Ian cumpre sua palavra e não nos vemos na quarta nem na quinta. Ele não vem à sala dos professores durante o almoço. Ashley se senta com as Quatro dos Calouros, e eu fico sozinha, comendo um sanduíche de peru e sentindo saudade de Ian. Não tivemos a Quarta-feira de *West Wing*. Nós nem mesmo conversamos por mensagem ou e-mail, o que é estranho, mas acho que ele realmente quer me dar espaço. Ando até o bicicletário depois da escola na quinta-feira e avisto o campo de futebol à distância. Ian está lá, fazendo exercícios com sua equipe. Minhas pernas querem me levar em sua direção, até que eu pare bem na sua frente. Jogadores de futebol teriam de desviar para não trombar em mim. Eu me jogaria nas costas de Ian, colocaria meus braços em volta de seu pescoço e diria a ele para continuar com o treino. Eu não iria atrapalhar. Eu só quero cheirá-lo, sentir seus braços, mãos e cabelos e me lembrar que esse ser humano perfeito quer se casar comigo, e eu seria absolutamente louca se recusasse.

Em vez disso, pedalo extra rápido para casa.

Estou surpresa ao encontrar meu pai esperando por mim no meu apartamento. Ele está vestindo um de seus elegantes ternos de advogado e parece muito desconfortável no meio-fio. Sua cara feia me alerta para outra batalha, então já endureço os ombros, mas quando ele me vê descendo da bicicleta, se levanta e acena.

— Ei, guria.

Eu abaixo minhas armas.

— Oi, pai.

Ele só esteve no meu apartamento algumas vezes. Ele acha que eu deveria morar em casa para economizar dinheiro. Para ele, o linóleo lascado e o tapete marrom feio não estão à minha altura.

— Gostei do que você fez aqui — ele diz depois que entramos. Ele está mexendo em um dos livros na minha estante e lendo a lombada. Estou feliz por não ser *O Tesouro Escondido do Pirata*.

— Obrigada. Mamãe mandou você vir? — pergunto, trazendo para ele um copo de água.

Ele aceita e acena com a cabeça.

— Ela queria ter certeza de que você está bem depois daquela noite. Além disso, ela quer a louça de volta.

Seu sorriso provocador me surpreende, e eu rio.

— Certo, bem, você pode ficar com a louça, mas se vai tentar me convencer a não casar com Ian, nem deveria tentar.

Ele toma um gole de água e a coloca em um descanso na mesa de centro.

— Eu não vou.

— Ah — eu digo hesitante.

— Mas eu vou te dizer uma coisa, e eu quero que você ouça. — Ele se vira para mim, com as mãos nos quadris. De repente, ele parece um oponente formidável, e me pergunto se é assim que ele fica em um tribunal. — Casamento não é algo em que você deva entrar levianamente. Sua mãe e eu estávamos apaixonados quando nos casamos. Estamos juntos há mais de 30 anos e ainda passamos por muitos momentos difíceis.

Isso é novidade para mim — eles sempre pareceram perfeitos.

— Sei que parece empolgante agora, mas haverá provações no futuro, e se você não começar esse relacionamento com uma base sólida, será dez vezes mais difícil enfrentar as tempestades.

— Pensei em tudo isso.

Sua sobrancelha se arqueia com interesse.

— E você ainda acha que está tomando a decisão certa?

Não adianta mentir, então eu evito sua pergunta.

— Mamãe aceitou a ideia?

Eu me sento no sofá, e ele se junta a mim.

— Receio que não. Ela ainda está chorando porque você não vai usar o vestido da avó dela nem se casará na igreja.

Eu inclino a cabeça para trás contra a almofada e sorrio, pensando na monstruosidade pendurada em um dos armários do andar de cima da casa.

— Eu não usaria aquele vestido mesmo se fosse um casamento tradicional.

Ele inclina a cabeça ao lado da minha e nós olhamos para o teto juntos.

— Foi o que eu disse a ela.

— Pai?

— Sim?

— Posso estar cometendo um grande erro.

— Pode.

— Ou posso estar tomando a melhor decisão da minha vida.

Ele acena com a cabeça, pensativo.

— Quem vai saber?

Olho para baixo e vejo um lenço azul dobrado em sua mão. É um que eu me lembro de ele usar quando eu era criança. Ele o dobrava em um quadrado perfeito e o enfiava no bolso da frente do terno. Suas iniciais estão bordadas no canto inferior, e quando percebe que estou olhando para o tecido, abre a palma da mão.

— Algo velho, emprestado e azul. — Ele me entrega o lenço. — Foi o melhor que consegui em cima da hora.



Ian

Achamos nosso juiz de paz no Craigslist. Ele é tecnicamente um rabino, mas quando expliquei nossa situação, ele concordou em nos casar no museu. Por mim, tudo bem. Eu realmente não me importo com o *como* vamos nos casar. Se de alguma forma nos convertermos ao judaísmo no processo, que assim seja. *Shabbat shalom*.

Os últimos dias passaram voando. Entre dar aula e treinar, fiquei fazendo planos para sexta-feira. Quando liguei para contar aos meus pais sobre o casamento, depois que parou de chorar, minha mãe me disse que sempre soube que eu faria algo assim.

— Quando você coloca sua mente em algo, você faz! Sem pensar duas vezes. Quando você quis aprender a andar de bicicleta, saiu pela calçada com capacete e joelheiras e continuou tentando aprender até conseguir sair pedalando antes de todas as outras crianças da vizinhança.

Eles queriam ir para a cerimônia, mas não podiam deixar o trabalho em tão pouco tempo, então, em vez disso, eu disse a eles que manteria meu celular ligado no bolso da camisa para que pudessem ouvir tudo.

Eles estão ao celular agora.

Eu abaixo meu queixo.

— Testando, testando. Na escuta?

— Alto e claro! — meu pai grita de volta.

Recebo um olhar divertido do rabino.

São quinze para as cinco. O rabino e eu estamos no museu, parados na antecâmara onde os convidados aguardam o próximo show de estrelas dentro do planetário. O teto alto é abobadado e iluminado como o céu noturno. Mesmo assim, a sala está bem escura e lotada. Terei dificuldade em encontrar Sam. Ela realmente é pequena.

— Ela já está aí? — minha mãe pergunta.

— Não.

— Descreva-a para nós quando a encontrar! — ela insiste.

Parece que estou esperando há uma eternidade. Eu realmente não deveria ter chegado tão cedo, mas queria explorar a área e ter certeza de que tudo estava pronto. Depois disso, fui ao banheiro... comi um lanche... vaguei pelo museu.

Perdi a conta de há quanto tempo estou aqui, e não quero olhar meu celular novamente. Se já passou de quatro e cinquenta, e Sam ainda não chegou, não quero saber. Agora, ainda tenho esperança de que ela virá.

Outro grupo de convidados entra no planetário, e mais pessoas ocupam seus lugares. O rabino muda o peso de um pé para o outro, e acho que está aborrecido comigo por fazê-lo esperar tanto, mas quando olho para ele, vejo que me oferece um meio sorriso de pena.

— Querido, ela já chegou? — minha mãe pergunta.

— Você deveria estar apenas ouvindo, não falando. Vou desligar na cara de vocês se me perguntarem de novo.

Começo a suar. Não acredito que Sam vai me dar um bolo no dia do nosso casamento. Isso não deveria acontecer. Deveríamos ser selvagens e loucos. Não quero dar a ela uma história de amor entediante. Aqui há um milhão de estrelas, e um rabino, e uma sala cheia de crianças gritando. Combina com a gente melhor do que qualquer capela.

Eu me pego implorando mentalmente, *Por favor, venha, Sam. Por favor, venha.*

Talvez eu devesse ter ligado para Sam quando estava vindo para cá, só para ver como ela estava, mas intencionalmente preferi dar espaço. Eu não queria influenciar sua decisão. Eu não queria que ela se sentisse mal caso mudasse de ideia sobre o casamento.

Sam precisa de espaço e tempo para se ajustar às coisas. As últimas 72 horas provavelmente foram terríveis para ela. Imagino-a andando de um lado para o outro naquele apartamento enquanto puxava o cabelo. Eu não ficarei surpreso se ela aparecer completamente careca — se ela aparecer.

Merda.

Agora sou eu quem está se perguntando. Isso foi tão estúpido. O que eu estava pensando ao sugerir que nos casássemos? Podemos arrumar outros empregos. Podemos voltar a ser apenas amigos se isso significar que posso manter Sam em minha vida. Vou manter minhas mãos e meus pensamentos para mim. Se ela não quiser ficar comigo, posso aceitar isso. Agora, perder Sam completamente? Não. Não há destino pior do que esse.

Uma pequena horda de crianças grita e foge dos adultos que as acompanham perto da entrada da antecâmara, e logo atrás delas, entra Sam.

Meu...

O ar foge do peito. Uma onda de arrepios desce em cascata pelo meu corpo. Eu resisto ao impulso de botar a mão no peito e conferir meu coração.

— Ian! Por que você está respirando com tanta dificuldade? Você está tendo um ataque cardíaco ou ela chegou?!

— Ambos.

— Como ela está?

— Ela... ela... eu acho...

Minha mãe está exasperada com a falta de conexão cérebro-boca de seu filho. Todas as minhas sinapses desapareceram.

— O que ela está vestindo?!

Sam e eu nos olhamos de longe, e ela fica imóvel quando me vê. Há preocupação em seus olhos — preocupação e diversão. Ela aperta os lábios para esconder o sorriso. Sua cabeça se inclina para o lado, e ela encolhe os ombros como quem diz: *“sim, estou aqui, embora isso seja absolutamente insano”*.

Já chorei duas vezes na minha vida adulta. A primeira foi quando fraturei a tíbia durante um jogo de futebol. Foi tão doloroso, que desmaiei. Esta é a segunda vez. Eu ajo como um panacão enquanto a observo começar a caminhar em minha direção. Ela não consegue vir em linha reta. Precisa desviar de crianças que estão correndo loucamente e de adultos que não notam que ela está ali. Uma senhora dá um passo para trás e quase cai sobre Sam antes de se desculpar.

— IAN! — minha mãe grita, desesperada. — O que ela está vestindo?!

Eu examino seu corpo.

— Um vestido branco... renda.

— Bufante?

— Reto.

Não sei como Sam conseguiu encontrá-lo tão rapidamente, mas parece que foi feito especialmente para ela. A parte superior do vestido é ajustada, e o decote em V desce pelo peito, sua pele cremosa brilhando sob o céu noturno. A metade inferior flui em torno de suas pernas enquanto ela caminha.

— O cabelo dela está preso?

— Não. Está solto, ondulado e comprido, a coisa mais brilhante da sala.

Algumas crianças param e olham Sam passando. Uma garota pergunta:

— Mãe, ela é uma princesa do mundo das fadas?

Eu passo as costas da mão em minhas bochechas, afastando as lágrimas da maneira mais viril possível. Sem sucesso. Sam está chorando também, chorando e rindo enquanto se aproxima de mim. Quando chega, percebo que está segurando a rosa vermelha que deixei em sua mesa, com um lenço azul amarrado em volta.

— Oi — diz ela timidamente.

— Oi.

— Eu gostei do seu smoking.

— Eu amei seu vestido.

Seus olhos se arregalam com o elogio, e então ela olha para baixo, alisando o tecido.

— Encontrei em uma loja de consignação. Trinta dólares.

— Show.

— Aposto que você está muito linda, Sam! — minha mãe grita.

Sam se levanta e olha em volta, tentando descobrir de onde veio a voz. Eu bato no bolso do smoking.

— Meus pais também queriam estar aqui.

Ela ri e se inclina para a frente, aproximando a boca do celular.

— Olá, sr. e sra. Fletcher!

— Nos chame de mamãe e papai! — eles gritam em uníssono. — Se você quiser!

O rabino dá um passo à frente e se apresenta a Sam. Nós dois conversamos sobre a logística da coisa, e ele sabe o que fazer. Não podemos ficar aqui por muito tempo. Não tem como isso aqui ser uma cerimônia completa.

— Um rabino? — Sam murmura para mim quando ele começa a falar.

Eu sorrio e dou de ombros.

— Vocês dois talvez não saibam — diz o rabino. — Mas uma cerimônia tradicional de casamento judaico ocorre sob uma *chuppah*, ou uma tenda, que simboliza a casa que o novo casal construirá juntos. — Devemos estar com cara de perdidos, porque ele continua explicando. — Então casar sob toda a Via Láctea pode significar que vocês dois têm muito futuro pela frente.

— Mesmo que não sejamos judeus? — Sam pergunta.

Ele ri.

— Mesmo assim.

Fico de olho na entrada do ambiente enquanto ele continua. Se tivermos cuidado, talvez seja possível fazer isso até o final. Ele diz a Sam e a mim para darmos as mãos, e vejo um guarda de segurança fixar os olhos em nós e falar apressadamente em um walkie-talkie em seu ombro. Juro que o ouço sussurrar:

— Alerta de código matrimonial, todas as unidades, por favor, respondam.

— Ai, meu Deus.

Sam segue meu olhar.

— O quê?

— Acho que fomos pegos.

— Pegos? O que você quer dizer?

Volto-me para o rabino.

— Plano B.

Sem hesitar, ele tira do bolso traseiro os anéis que dei a ele e nos pergunta rapidamente se nos aceitamos como marido e mulher legalmente casados. Nós rapidamente dizemos que sim, e a mão de Sam treme enquanto eu me atrapalho para colocar o anel. Eu precisei chutar o tamanho, mas deu certo, e agora ela é minha esposa de verdade. Terei tempo para me deleitar com esse fato mais tarde.

— Ian, o que está acontecendo?! Por que estamos correndo?

Não tenho tempo para explicar, porque o segurança está de olho em nós três, e ainda temos de assinar a certidão de casamento. Entrego a caneta a ela e me viro para que possa usar minhas costas como mesa. Outro segurança se junta ao primeiro. Eles começam a vir em nossa direção. Eu assino o mais rápido que posso.

— VÃO! — o rabino grita, arrancando o certificado da minha mão.
— Vou mandar pelo correio para vocês! VÃO! RÁPIDO!

Eu agarro a mão de Sam e corro em direção à saída, do outro lado da sala, onde estão os guardas de segurança. Ela tropeça na barra do vestido antes de se abaixar e levantá-la até os joelhos.

— Por que estamos correndo? — ela grita, mas eu não diminuo a velocidade. — Ian!

— Depressa, vamos. O museu tem uma política rígida contra cerimônias não sancionadas!

— O quê?!

— Custa vinte mil dólares se casar aqui. Não somos milionários!

O segurança está correndo em nossa direção e pedindo reforços. Eu puxo Sam para a esquerda, usando um grupo de crianças da pré-escola como pequenos escudos humanos enquanto corremos para fora. A entrada do museu está à vista, mas ainda temos de passar por todo o saguão da frente. Há um grande fóssil de tiranossauro rex entre nós e a liberdade. Eu quero correr entre suas pernas, mas aí estaríamos realmente em apuros.

Eu desvio dele

— Rápido! Rápido Eles estão vindo!

— EI! OS POMBINHOS AÍ! PAREM OU VAMOS CHAMAR A POLÍCIA!

Sam grita e então cai na gargalhada.

— Ai, meu Deus! Eles vão nos trancar na prisão do museu!

Nós escapamos do museu, e eu continuo correndo assim que saímos, puxando Sam atrás de mim. Eu não sabia necessariamente que precisaríamos de uma fuga rápida quando planejei o dia, mas até que deu certo. Estamos do outro lado da rua e entramos no saguão de um hotel chique antes que os seguranças consigam sair do museu. Eu me viro e olho para trás assim que eles correm para fora. Eles olham para um lado e para o outro, coçando a cabeça, provavelmente se perguntando como desaparecemos desse jeito.

— Vamos fazer check in aqui para despistá-los? — Sam pergunta enquanto nos apressamos pelo saguão.

Todo mundo nos olha, não apenas porque estamos em um hotel chique, mas porque estamos claramente vestidos como se tivéssemos acabado de nos casar. Sam ainda está segurando sua rosa.

Chegamos aos elevadores, e eu aperto o botão de subir incessantemente.

— Provavelmente precisamos da chave do quarto para usar o elevador — diz Sam, a mão no peito como se estivesse prestes a desmaiar.

Está na minha carteira.

O elevador apita e a porta abre. Entramos, e aperto o botão do quarto andar.

Seus olhos se voltam para mim, e eu abro um sorriso lento.

— Feliz lua de mel, sra. Fletcher.

É a primeira vez que paramos de nos apressar desde que a vi no museu. É o nosso primeiro momento para respirar.

— Não brinca! Só ricos se hospedam aqui! Donos da máfia e milionários estrangeiros e a Beyoncé!

— Se alguém perguntar, somos do consulado russo. Quero ouvir seu sotaque.

— Êssi ser u hotéli corretô?

— Francês demais.

— Certo. Diremos que sou a rainha da França.

— Não foi Marie Antionette a última rainha da França?

De repente, ela leva a mão ao peito, seus olhos se arregalam.

— IAN! — Sam está dramaticamente ofegante. Como se não respirasse há uma década. — Nós não nos beijamos. Não demos nosso primeiro beijo!

Ela diz isso como se fosse um rompimento do acordo, como se, porque não houve beijo, não somos realmente casados.

O elevador sobe, e eu só tenho alguns segundos para fazer isso acontecer, mas é o suficiente. Atravesso o elevador e a empurro contra a parede. Coloco a mão em seu rosto e me inclino. Consigo sentir sua pulsação descontrolada. Sam umedece o lábio inferior, ansiosa. Escuto sua respiração sendo contida e sinto sua mão em volta do meu pescoço.

— Você pode beijar o noivo — eu sussurro antes de pressionar minha boca na dela.

Agora Sam é oficialmente minha.

— Ahn, sim... — minha mãe diz do bolso do meu smoking. — Por sinal, ainda estamos aqui.



Sam

Estamos correndo em direção ao nosso quarto de hotel, e meus sapatos baratos e que mal cabiam em meus pés sumiram. Não tenho ideia de quando exatamente eles caíram, mas estou descalça agora, e o chão virou lava. Está queimando nossos pés, e nós dois temos certeza de algo — apenas a cama do hotel nos deixará em segurança.

— Espera — Ian diz, e antes que eu possa perguntar o que está fazendo, ele me puxa para o lado, nos joga contra a parede e me beija intensamente. A subida no elevador acendeu algo. Não nos cansamos um do outro enquanto nos beijamos. Ainda bem que ele desligou na cara dos pais, ou eu nunca mais seria capaz de olhar os dois nos olhos.

Seus quadris se projetam para frente, me prendendo no lugar. Sua mão se curva ao redor do meu pescoço, e eu mal percebo que estou agarrando o smoking como se eu estivesse tentando rasgá-lo ao meio. Eu nunca beijei alguém assim, tão arrumado. Temos de nos separar a cada poucos segundos para respirar ou morreremos sem ar, mas logo em seguida retomamos o beijo. Ian morde meu lábio inferior. Um formigamento se espalha rapidamente pelo meu corpo até se instalar bem entre as minhas pernas. Estou quente, excitada e ansiosa para chegar ao nosso quarto.

Na verdade, a qualquer quarto.

— Onde você acha que eles guardam a máquina de gelo?

— Por quê?

— Acho que devemos ir para lá. Deve ser isolado o suficiente.

— Não, estamos quase chegando ao quarto.

Ian diz isso enquanto acaricia meu pescoço e segura no zíper do meu vestido. Deus do céu, acho que ele vai me despir bem aqui.

Uma porta se abre no corredor. Vozes ressoam em nossa direção e voltamos a correr.

— Qual é o número do nosso quarto?

— 419. Vamos!

E saímos correndo. Ian tem dezesseis vezes o meu tamanho e pernas que se estendem por quilômetros, então ele corre, e eu meio que só tento acompanhar. Sou um pequeno ursinho de pelúcia balançando ao vento atrás dele.

Não há perigo. Os seguranças desistiram da perseguição assim que saímos do museu, mas acho que Ian e eu não estamos mais fugindo do perigo; estamos correndo em direção a ele.

— 412! — ele grita, aumentando o ritmo.

— Agh! Deu câibra! Continue sem mim!

Ele se dobra para trás e engancha o braço sob minhas pernas, para poder me agarrar contra seu peito. Ele corre os últimos metros me carregando, e pela primeira vez no dia, somos a imagem estereotipada de um noivo e uma noiva. Ele está prestes a me levar no colo para dentro da suíte.

Chegamos ao quarto, e ele me segura com um braço enquanto pega o cartão de entrada com o outro.

— Sra. Fletcher, você faria as honras?

O sobrenome me faz ofegar, mas não o deixo perceber minha reação. Em vez disso, me concentro em tentar transformar aquela pequena luz vermelha em verde. Demora 45 anos. Estou muito impaciente.

— Segura aí mais um pouco — instruo Ian.

— Estou segurando!

Claro que não consigo. Eu dou um tapinha no cartão, testo a maçaneta e xingo quando vejo que ainda estamos presos do lado de fora.

— Me dá.

Ian o arranca da minha mão, abre a porta e me arrasta para dentro. Não piso na lava nem uma vez. Ele joga o cartão e minha rosa na direção da mesa, então me pressiona contra a porta fechada. Meu vestido de noiva de renda é puxado para cima, até minhas coxas, não

porque ainda já chegamos *naquele* momento, mas porque é a única maneira de me fazer abraçá-lo com as pernas sem rasgar o tecido delicado. Ainda assim, rasga um pouco.

— Merda, me desculpa — diz Ian, interrompendo nosso beijo para olhar para baixo.

— EU NÃO LIGO: ME BEIJA! — Puxo seu rosto de volta para o meu e o beijo loucamente. Sua língua explora minha boca; eu inclino a cabeça, e estamos nos beijando como se alguém estivesse prestes a nos agarrar e nos jogar em barcos separados rumo a lados opostos do mundo.

— Eu... eu acho que preciso beber água.

Eu realmente preciso. Estou morrendo de sede, e se vamos fazer aquilo a noite toda (o que faremos), preciso de uma hidratação adequada. Ian me coloca no chão com muito cuidado enquanto segura minha mão. Ele me leva até o banheiro e enche dois copos com água. Nós bebemos olhando um para o outro no espelho. Engolimos o resto e largamos os copos no balcão ao mesmo tempo. Vemos nossos reflexos com a respiração pesada, olhos fixos uns nos outros. O azulejo do banheiro combina com seus olhos. Sinto que estou cercada por Ian por todos os lados.

Ele dá um passo para perto de mim e coloca as mãos em meus ombros, por trás. É um ajuste perfeito, comigo aninhada confortavelmente sob seu queixo. Olho para o meu reflexo e percebo quão selvagem estou. Meu cabelo está um caos. Peito, pescoço e bochechas estão corados. Meus olhos estão brilhantes, arregalados e borrados de rímel preto como carvão. Eu passei um batom vermelho antes de chegar ao museu, mas o beijo o borrocou inteiro.

— Seu celular está aí? Não trouxe o meu porque não teria como guardar.

Ele assente e o tira do bolso. Tiro uma foto nossa desse jeito, com as mãos dele em meus ombros e nossas bocas vermelhas como uma beterraba. É a única foto que teremos do dia do nosso casamento — bem, além da filmagem granulada do museu, que eles vão mostrar no jornal local e provavelmente no *America's Most Wanted* — então eu tiro mais três fotos por precaução.

— Eu não posso acreditar que nós realmente fizemos isso — eu digo, deixando o celular no balcão.

Ian brinca com as alças do meu vestido, passando os dedos por baixo e roçando os nós dos dedos na minha pele. Eu estremeço e volto a

olhar seu reflexo. Ele está observando suas mãos. Está muito concentrado, as sobrancelhas franzidas.

— Como está se sentindo? — ele pergunta. — Algum arrependimento?

— Nenhum.

Em um piscar de olhos, nós dois nos olhamos e qualquer dúvida restante desaparece.

Ele abre o zíper do meu vestido de renda com um puxão rápido, e o tecido cai aos meus pés. Estou usando um conjunto de sutiã e calcinha combinando, em um tom claro de azul — azul-Ian. É de renda, assim como o vestido. Só que, ao contrário desse, o conjunto é novo. Comprei ontem em uma loja de lingerie. Esfreguei o tecido sedoso entre meus dedos e imaginei Ian olhando para mim enquanto eu o vestia. A realidade é melhor do que a imaginação. Seus olhos devoram minha pele recém-revelada: minhas clavículas delicadas, a curva suave de meus seios acima dos bojos de renda, meu abdômen trêmulo. Há um pequeno laço na minha calcinha, bem no centro, e é aí que os olhos de Ian param por uma curta eternidade.

— Sam... — Ele exala, soando aflito.

— Não sou a Sam, sou a Rainha da França, lembra?

Ele passa um braço em volta de minha barriga e me puxa de volta contra si. Minha bunda bate na frente de suas calças, e sinto sua ereção. Dedos mergulham sob minha calcinha, e meu abdômen se contrai.

Não tão rápido. Eu me viro e o afasto, querendo espaço para me virar e subir no balcão.

— Você precisa se despir também. É no mínimo justo.

— Quer fazer isso por mim?

— Não. Eu quero assistir.

Ele ri e coça a nuca. Se eu tivesse um rádio à mão, sintonizaria em uma estação de músicas lentas, algo que crie um clima para Ian mover os quadris. Eu quero um show.

Primeiro, ele se abaixa e pega meu vestido de noiva, a fim de pendurá-lo atrás da porta. Estou prestes a repreendê-lo por estar enrolando, mas é um gesto gentil, então deixo passar. Terminado esse momento, eu me inclino para frente e espero. Se isso fosse um desenho animado, eu teria um guardanapo de pano amarrado no pescoço e uma faca e um garfo, um em cada mão.

— Tem certeza que não quer ir para a cama?

— *Ian.*

Ele cede, solta a gravata-borboleta e a joga no balcão ao meu lado. Eu a pego e a enrolo em volta do meu pescoço. Agora, pareço toda embrulhada, um presente só para ele. Claramente, Ian gosta da ideia, porque ele faz uma pausa e avança para me beijar, passando as mãos pela curva de cada seio. Estalo a língua e empurro-o para que cumpra sua tarefa.

— Você tem muito a fazer ainda, amigo.

Sua camisa é a próxima a ser tirada, e não há no mundo um peitoral mais tonificado do que o de Ian. Ele leva seus treinos muito a sério, e eu aplaudo seus esforços. Em seguida, ele pega as calças.

— Não, espera. Chega mais perto — eu imploro.

Ele dá um passo para perto, e minhas mãos se deleitam em seu peito e seus ombros. Eu escolho uma parte favorita — os bíceps —, mas imediatamente mudo de ideia — o abdômen.

— Você está flexionando os músculos.

— Não.

— Você fez flexões no museu antes que eu chegasse ou alguma coisa do tipo?

Ele ri.

— Na verdade, eles desaprovam o uso do local como uma academia e também como uma capela para casamentos ilegais.

— Então você é assim... sempre?

Não pode ser. Nunca mais sairemos de casa. Não posso me casar com alguém com esse tipo de corpo. As pessoas vão passar por nós nas ruas e se perguntar por que ele juntou as escovas de dentes com alguém.

— E você? — Suas mãos pegam em minha cintura e me puxam para a beirada do balcão. Eu fico perfeitamente silenciosa enquanto ele me toca, com medo dos estranhos ruídos primitivos que podem escapar da minha boca. — Você é macia assim em todos os lugares? — ele pergunta, enfiando as pontas dos dedos na barra da minha calcinha.

Meu estômago se contrai, e eu finco os dedos em seus ombros.

Perguntas sacanas como essa podem trazer problemas para ele. Ian realmente deveria ter cuidado.

Ian apoia a cabeça no meu ombro e suspira.

— Estou enlouquecendo, Sam.

Passo os dedos por seu cabelo e deixo que ele me segure por alguns segundos antes de lembrar do meu objetivo.

— Continue. Quero ver o restante.

— Você me viu pelado no chuveiro — ele me lembra, dando um passo para trás e desabotoando a calça.

— Isso foi há séculos. Preciso refrescar a memória.

Suas calças de smoking caem no chão, e Ian fica na frente do chuveiro do hotel só com uma cueca boxer Calvin Klein branca. Eu mordo o lábio, olho para cima e conto até dez.

— O que você está fazendo?

— Rezando.

— Parece que você está prestes a quebrar um pedaço desse granito. Talvez eu esteja mesmo.

— Espera. — Ele se aproxima. — Não estamos iguais. Você precisa fazer sua parte.

Eu o encaro com uma sobrancelha arqueada.

— Como assim?

— Seu sutiã... tira.

Ian Um Pouco Atrevido é quem está falando agora — exigindo, na verdade.

Acho que meu rosto derrete.

— Ou você precisa de ajuda? — ele pergunta com um brilho perverso nos olhos.

Ian dá um passo à frente, e eu ergo a mão para detê-lo. Se ele me tocar, será o fim.

Uso a mesma mão para pegar no fecho do sutiã.

— Tem certeza?

Ele inclina a cabeça e sorri.

— Você está certa, fica com ele.

Eu suspiro e deixo a mão cair.

— Ufa. Ok.

Em um segundo, Ian está colado em mim, abrindo meu sutiã. Os bojos de renda caem, e o ar fresco encosta em minha pele. Meus mamilos intumescem, e eu me cubro com os braços, mas aí lembro que quem está parado na minha frente é Ian, meu marido. A respiração me escapa toda vez que penso nessa palavra. Eu não posso ficar tímida

perto dele. Ele está esperando por mim, roçando o polegar logo abaixo da minha orelha, para cima e para baixo, na lateral do meu pescoço, me persuadindo. Lentamente, deixo os braços caírem, e Ian solta um suspiro trêmulo. Sigo seu olhar. Meus seios são cor de creme, e rosados, e estão empinados, e realmente são bacanas. Não tão grandes a ponto de nocautear alguém, mas Ian consegue encher a mão com eles, e o melhor de tudo, são muito sensíveis. Inclino a cabeça e bato no espelho atrás de mim, sentindo os olhos revirando. Ele está fazendo sua mágica, movendo os polegares em círculos lentos. Prendo a respiração quando Ian se inclina para provar. Devagar, metodicamente, ele leva cada seio à boca, olhando para mim enquanto faz isso.

É uma sensação tão surpreendente, que quase caio do balcão, mas suas mãos estão firmes em meus quadris, me mantendo estável enquanto ele lambe, provoca e sopra ar quente na pele, que não sente que isso tudo seja suficiente. Achei que a delicada lingerie de renda dava uma sensação boa, mas Ian é melhor. Sua língua lambe as pontas dos meus seios, sua boca se fecha em torno de cada um; definitivamente nunca tive um orgasmo como este, é por isso que dizem que há uma primeira vez para tudo.

Ele ri quando digo isso a ele, e então não há mais risadas, porque sua mão mergulha na frente da minha calcinha, e há tanta umidade lá, que estou quase envergonhada. Minhas bochechas ardem. Antes, eu poderia ter disfarçado, dado de ombros, jogado um sorrisinho, mas agora não há como mentir. Meu corpo quer Ian, e ele sabe exatamente o quanto.

— Abra para mim um pouquinho — ele implora, e eu obedeço imediatamente.

A parte externa dos meus joelhos bate no balcão frio, e ele pega a fina renda azul que me cobre e a puxa suavemente para o lado. Minhas mãos estão em seus ombros, e de jeito nenhum vou soltá-lo agora, especialmente quando ele emite um gemido sexy e passa um dedo para cima e para baixo na minha umidade. Ian está indo devagar, olhando para mim como se estivesse avaliando uma propriedade recém-adquirida. *Isso é meu, e aquilo lá também é meu*, e então ele enfia o dedo do meio em mim e, *ah, sim, isso é meu*.

— Ian — eu choramingo enquanto ele tira o dedo lentamente, então o enfia de novo.

— Anos, Samantha... *anos*.

Isso é tudo o que ele diz, mas eu entendo. *Foram anos para mim também, Ian.*

Encontro sua boca e nos beijamos de novo, e agora há menos frenesi e mais calor. Nós nos demoramos nos lábios um do outro e lambemos enquanto ele enfia um segundo dedo dentro de mim.

Ian me excita com a mão, bombeando e acelerando sua sedução até que minhas unhas cravam em seus ombros. Não há pressa, nenhum ponto é deixado intocado.

As preliminares vão evoluindo.

Minhas coxas estão tremendo.

Estou prendendo a respiração.

Este pobre banheiro está tão embaçado e quente, que eles terão que fazer uma reforma quando terminarmos, mas o ângulo está perfeito. A altura do balcão faz com que Ian esteja na posição perfeita. Ele coloca uma camisinha e me pergunta duas vezes se tenho certeza de que não quero ir para a cama, e eu respondo afastando meus joelhos um pouquinho mais. Minha bunda está bem na beirada. Meus seios imploram para serem tocados, e ele não os negligencia quando desliza para dentro de mim, centímetro por centímetro. Sua boca me suga, e minha boca gruda em seu pescoço, beijando e sussurrando palavras de encorajamento.

Eu estremeço quando ele se acomoda profundamente dentro de mim. Preciso de tempo para me ajustar. Eu sabia que haveria alguma... acomodação a ser feita.

— Sam? Tudo bem? — ele pergunta, afastando meu cabelo do rosto e me inclinando apenas o suficiente para que nossos lábios possam se encontrar com mais facilidade.

Concordo com a cabeça, e ele se arrasta para fora, em seguida, desliza de volta. Seus quadris ondulam, e eu o aperto para que saiba que gosto disso. Um sorriso se abre em meus lábios quando percebo quão incrível tudo isso aqui é.

— Espera — ele avisa.

Agarro seu pescoço e, de repente, não há necessidade de usar a pia do banheiro, mal estou encostando nela. Ele segura meus quadris e me mantém parada enquanto entra e sai, entra e sai, bem devagar. Ian faz todo o trabalho, o que faz com que eu não tenha nada para me distrair do meu orgasmo crescente. Toda vez que ele entra até o fim, roça no ponto certo. Eu digo isso a ele, então Ian começa a se mover um pouco

mais rápido, bombeando com mais força, me segurando com mais força. Estou chegando lá, chegando lá, chegando lá, e é isso.

Sim. Sim. SIM.

Mas então Ian me solta. Um protesto se forma e morre na minha garganta quando ele me vira para encarar o espelho.

O espelho.

Eu tinha esquecido completamente dele, mas Ian não. Ele nos vira e me diz para ficar na ponta dos pés. É a única maneira que ele tem de se alinhar comigo, e mesmo assim, ele precisa dobrar os joelhos. Ele pega meus pulsos e coloca minhas mãos no balcão sem nem perguntar. Seu peito se choca contra minhas costas, e eu me sinto abraçada por seu calor, até que ele fica totalmente erguido. Eu o observo no espelho, e este homem não é o Ian que estou acostumada. Agora estou ciente dos detalhes que costumava tentar ignorar: a mandíbula esculpida, o olhar afiado. São partes dele que parecem um pouco intimidadoras demais. Agora só consigo olhar para elas, e nada mais. Quando ele entra em mim pela primeira vez neste novo ângulo, eu caio para a frente no balcão frio. Ele sorri e me puxa de volta, me segurando com mais cuidado para que da próxima vez eu fique de pé.

— Isso é demais?

Claro que é. Estou sendo forçada a observar o que ele está fazendo comigo. Estou olhando para minha pele corada e aquecida; a gravata-borboleta preta em volta do meu pescoço, e com o cheiro dele; meu cabelo selvagem e emaranhado; o olhar de loucura em meus olhos. Não há como escapar do que Ian está fazendo comigo, talvez eu não queira que seja sempre assim, mas agora eu quero.

— Não é o suficiente — eu imploro, e Ian me dá o que eu preciso.

Ele desliza para dentro de mim lentamente, e agora vai mais profundo do que antes. Permanece todo dentro, e nossos olhos se encontram no espelho.

Estou nua há um tempo, mas, no reflexo, estou totalmente despida. Ian tem minha alma presa em suas mãos.

— Preciso ser cuidadoso com você.

Balanço a cabeça, negando, em seguida sua mão agarra minha cintura, e ele faz círculos suaves e rápidos entre minhas coxas. Sua outra mão brinca com meu seio, e essas duas sensações combinadas me levam até a linha de chegada mais rápido do que eu gostaria. Eu quero isso agora, e ainda assim, quero que dure para sempre. O granito frio belisca meus quadris. As coxas de Ian fazem minhas pernas arderem.

Sua mão agarra meu peito, e ele entra novamente, mais forte do que nunca, e então novamente. Ele acelera, e eu me contraio em torno dele, estendendo a mão para agarrar seu pescoço. Seus quadris estão se movendo, roçando. Ele dá outra estocada profunda e mexe seu polegar, e minhas unhas cravam em sua pele.

— Vou gozar. *Vou gozar.*

É como se eu estivesse dando a ele uma oferenda. *Toma, pegue.*

E ele pega mesmo. Mete com muita força, sem interromper os movimentos circulares. As sensações persistentes do meu primeiro orgasmo me deixam excessivamente sensível e desejosa. Em um momento, acho que não consigo aguentar mais do que um breve toque ali, e então, de repente, estou caindo em uma espiral de prazer de novo. É mais intenso e mais rápido do que da primeira vez, e lan finalmente se deixa mergulhar no próprio prazer também. Nós gozamos juntos, e ele entra profundamente em mim, quase violentamente. Seus dentes mordem gentilmente meu ombro, e se ficar alguma ferida na pele, espero que deixe cicatrizes. Será uma pequena lembrança da nossa noite de núpcias.



Sam

Ian me deixa ir sozinha tomar um banho enquanto pede serviço de quarto. Quando termino, me enfio em um roupão felpudo e saio do banheiro.

Nos dez minutos em que fiquei sob o jato d'água do chuveiro, deixei as imagens de nosso amor passarem pela minha mente. Ian é um partidão da porra. As mulheres deviam se jogar aos pés dele, e agora, de alguma forma, ele é meu marido turbulento. Eu me pergunto se ele se arrepende de ter se casado antes da noite de núpcias. Eu me pergunto se sou tão boa quanto ele, então dou risada. Eu mal tinha capacidade mental suficiente para processar o que ele estava fazendo comigo, muito menos pensar em fazer coisas para ele.

Saio do banheiro e o vejo sentado na cama. Ian vestiu a cueca boxer, mas nada além disso. Seu cabelo está despenteado por causa das minhas mãos. Ele está ao telefone terminando de fazer o pedido, mas seus olhos se cruzam com os meus. Eu ruborizo, e ele sorri, flexiona o dedo e murmura: *Venha cá.*

Meus pés me levam sozinhos para mais perto, e Ian me faz sentar em seu colo, com as costas pressionadas contra seu peito. Deito a cabeça em seu ombro, e sua mão sobe pela frente do meu robe. Acho que ele vai fazer um carinho inocente, mas então sua mão desliza por baixo do tecido, e sua palma cobre meu peito. Acabamos de fazer sexo, e agora, de repente, estou pronta para a próxima. Isso é que eu chamo de novidade, essa situação.

— Sim, pode adicionar uma porção extra de batatas fritas — diz Ian ao telefone.

Ele parece completamente indiferente ao que está fazendo comigo agora. Em comparação, estou basicamente miando como um gato.

— Sam, você quer alguma coisa para a sobremesa?

Sam não pode atender ao telefone agora. Ela está morta.

— Sam? — ele pergunta de novo, mais como um sussurro bem próximo ao meu ouvido, uma provocação.

Eu me viro e pego o telefone de sua mão.

— Um milkshake de chocolate. Quarto 419. Obrigada.

Então jogo o fone na base sem nem olhar. Ele cai no chão, e eu pulo sobre Ian. Eu o pego de surpresa, então por alguns segundos, tenho uma certa vantagem. É glorioso. Ele se inclina para trás na cama perfeitamente arrumada, e eu monto em seus quadris. O laço em volta do meu roupão se solta, e os dois lados começam a se separar.

— Você não está com fome? — ele pergunta, sorrindo e embalando meus quadris para que possa se mover contra mim.

Vejo que não sou a única tratando esta noite como uma maratona.

— Eles vão ter que mandar chamar paramédicos quando terminarmos — eu digo, dando beijos em seu pescoço.

Ian levanta o queixo, para permitir um melhor acesso, e agora estou *com* fome de conhecimento. Vou memorizar cada centímetro de seu corpo: o pequeno sulco abaixo de suas clavículas, a cicatriz de um centímetro ao longo do bíceps esquerdo, as dimensões exatas de seu peito, medidas pelas palmas das minhas mãos.

Ele geme e tenta rolar, mas jogo todo o meu peso contra ele.

— Fique quieto, mocinho.

— Você está me matando aqui.

— Só quero saber com quem me casei — digo, atordoada e focada nos contornos nítidos de seu abdômen.

— Você me conhece — diz Ian.

— Achei que conhecia — admito. — Mas aquela cena no banheiro? Aquilo foi saliência de outro nível. Eu não esperava isso de você, Fletcher.

Ele arqueia uma sobrancelha. Deste ângulo, Ian é tão adorável, que eu quero estrangulá-lo.

— O que você esperava?

— Nas minhas fantasias, geralmente a coisa toda era bem baunilha, gentil e doce, sabe, na vibe cara que não é muito atrevido.

— Você quer que seja mais gentil e doce? — ele pergunta enquanto sorri.

Reviro os olhos e me inclino para beijá-lo. Suas mãos agarram minha bunda, e Ian vai puxando, puxando, puxando meu roupão, até que eu esteja nua da cintura para baixo. Eu deveria ter colocado um macacão ou pelo menos feito um nó duplo.

— Eu posso ser gentil e doce — ele brinca, enquanto sua mão sobe pela parte interna da minha perna. Seu toque é leve como uma pluma, e sobe até entre minhas coxas. Eu já estou molhada. Eu gemo, e meus cotovelos param de funcionar. Ele aproveita a oportunidade para nos derrubar. Fico de costas contra o colchão, e ele me puxa mais para cima na cama. Estou bem no meio, e Ian se levanta e joga aquela cueca boxer dele no chão.

Tenho dois segundos para me preparar antes que ele abra meus joelhos e mergulhe a cabeça entre minhas coxas. E neste momento percebo que existem níveis de sedução: primeiro sua respiração me atinge, quente e chocante. Eu dou um pulo da cama, mas Ian prende meus quadris com o braço. Em seguida, sua boca está lá, beijando minha parte mais íntima. Agarro a colcha e, finalmente, sua língua me lambe bem devagar, para cima e para baixo.

— Nós não... a comida.

Isso não é nem perto de ser uma frase completa, mas Ian entende. Alguém virá trazer a comida daqui a pouco, e eles não podem simplesmente ficar enrolando no corredor enquanto fazemos aquilo como se estivéssemos no Discovery Channel.

“Bom dia, vocês gostariam de ketchup? Talvez um lubrificante com sabor?”

Ian não tem interesse em apressar nada. Ele demora o tempo que quer me lambendo. É uma lição, eu acho. Ele está sendo a versão gentil e doce que eu desejava, e agora me arrependo de ter aberto minha bocarra estúpida, porque não só ele deveria estar apressando tudo, afinal meu milk-shake está subindo, como também estou perto ESSE TANTINHO de ter outro orgasmo, e ele sabe disso. Seu sorriso presunçoso me diz. Ian me faz oscilar em um espectro de insanidade. Eu não consigo gozar assim. Ele está indo um pouquinho devagar demais, me mostrando quão tortuoso ser “doce e gentil” pode soar. Estou me contorcendo, desejosa e implorando para que ele apenas me

permita... me dê... tenha um pouco de misericórdia da minha pobre alma!

Estou a segundos de começar a chorar de frustração, e então Ian se levanta. Eu forço meus olhos a se abrirem. Ele está exultante e me dando um sorriso de derreter calcinhas.

Rapaz, como ele está gostando disso.

— Feliz? — pergunto, os olhos estreitos com uma raiva fingida.

— Eu me sinto... bem. *Tranquilamente* bem — ele responde, reposicionando minhas pernas na cama, para que tenha espaço para se acomodar entre minhas coxas. Ian segura meus quadris, me colocando no ângulo exato, e, em seguida, desliza para dentro de mim centímetro por centímetro.

Agarro os lençóis, e meus olhos se fecham. Meu lábio inferior está entre os dentes, então não gemo alto o suficiente para perturbar todo o nosso andar.

— Então foi assim que você imaginou? Doce e gentil? — ele pergunta, inclinando-se e entrelaçando nossas mãos. Ele as joga para cima, sobre a minha cabeça, e as pressiona na cama. Meus olhos se abrem quando ele se inclina sobre mim, me colocando sob seu corpo. Fios do seu cabelo caem sobre a testa. Suas feições parecem ainda mais intimidadoras dessa perspectiva. Ele entra e sai novamente, e eu gemo, porque todo o seu peso em cima de mim faz esse momento ser intenso e maravilhoso.

Seu rosto está bem acima do meu. Nossos olhares estão fixos um no outro, até o momento em que Ian se abaixa e me dá um beijo doce e sedutor. Sua mão assume o controle de ambos os meus pulsos, e a outra passeia pelo meu corpo, envolvendo meus quadris. Ele usa meu quadril como alavanca, inclinando-se um pouco para a esquerda, para que possa realmente fazer o trabalho de ir e vir. Ian está se esfregando em mim agora, mantendo um ritmo rápido e insano. Seus quadris ganham vida, e eu olho para baixo e acho que vou morrer.

Eu passo os braços em seu pescoço e o trago para mim. Minhas unhas cravam na sua pele. Palavras são murmuradas contra seu ombro. Seus dentes mordem o lóbulo da minha orelha, e sinto que estou tremendo contra ele, forçando-o a sentir cada onda do meu orgasmo.

Quando tem certeza de que gozei, ele se endireita e me vira para que eu fique de quatro. Agora não há mais nada de doce e gentil. Ian é implacável. Bombeando. Metendo. *Comendo*. Estou surpresa, chocada, e vários outros adjetivos. Meus braços cedem, então meu rosto se apoia

no travesseiro, enquanto Ian segura meus quadris para me impedir de cair completamente. Em nenhum momento, ele diminui o ritmo. Quando olho para trás, o pego olhando para nossos corpos, observando o que está fazendo comigo. Só sei que seja lá o que ele esteja vendo, isso o faz chegar bem perto do orgasmo, porque ele sai de dentro de mim e agarra sua ereção dura, gozando e gemendo meu nome

Ele se inclina para me beijar, me diz para ficar quieta e volta alguns segundos depois com uma toalha úmida para me limpar.

Eu sorrio como uma gatinha dengosa enquanto ele faz todo o trabalho. Assim que fico limpa, ele me ajuda a sentar e se abaixa para ajeitar meu roupão.

Então me lembro de onde estamos, de como este lugar é chique. Eu olho em volta, e, sim, há um frigobar cheio de nozes delicadas e trufas de chocolate. As paredes são cobertas por um intrincado desenho folheado a ouro.

— Ian, quanto você acha que custa esta cama inteira? Com dossel e tudo?

Ele ri e balança a cabeça.

— Por que diabos você está pensando nisso?

— Eu estou querendo saber se nós poderíamos nos dar ao luxo de...

— Comprar uma?

Ele realmente não faz ideia do que estou insinuando.

— Não, não, substituí-la se quebrarmos.

Suas sobrancelhas sobem até a linha do cabelo, e então ouvimos uma batida na porta.

— Serviço de quarto.

SIM. Meu milk-shake! Afasto Ian do caminho e corro para a porta.

— Ah, e por sinal: não vou dividir a comida.

— Nem com seu marido? — ele pergunta, entrando no banheiro para ligar o chuveiro.

MARIDO! Meu coração salta no peito. Meu estômago, no entanto, nem hesita.

— Bonitinho. — Eu sorrio. — Mas, não.



Sam

E mesmo que eu tenha alguns meses a cumprir no contrato de aluguel do meu apartamento, decido ir morar com Ian no domingo mesmo, depois de fazermos o checkout do hotel. Deixamos uma grande gorjeta para a equipe de limpeza, mas ainda me sinto mal. Por 48 horas, consumamos nosso casamento naquele quarto. Se havia uma superfície na qual se pudesse fazer sexo, minha bunda estaria nela. Desculpem, próximos hóspedes.

No caminho para o meu apartamento, o nervosismo aumenta, e sugiro que a gente continue morando em casas separadas.

— Por quê?

Porque tenho muito que lidar e não quero que você se arrependa de ter se casado comigo.

Essa é a verdade, mas eu adoço a pílula.

— Só... não sei. No caso de você querer desacelerar as coisas.

— Eu não quero fazer isso.

— No caso de você ficar cansado de mim.

— Eu não vou ficar.

Está bem então.

A mudança não leva muito tempo. Quase tudo que tenho, Ian tem uma versão melhor. Minhas panelas e frigideiras são antiguidades, e não no bom sentido. Minha cama range, e é pequena demais para acomodar nós dois confortavelmente. O tapete do meu banheiro é novo,

mas é rosa e floral. Ian me dá a escolha de pegar ou largar, e sorrio, porque, no fundo, sei que ele me deixaria colocá-lo em seu banheiro, mas o poupo disso.

Trago minhas roupas, e Ian me dá metade do espaço em seu armário e na cômoda.

— Eu não preciso de tanto espaço assim.

— Por quê?

Não sei exatamente como expressar isso, mas parece que estou vindo para uma festa do pijama prolongada. Quero tornar minha presença aqui o mais insignificante possível, para que ele não se irrite e se divorcie de mim. Continuo dizendo a Ian que não preciso de muito espaço e que posso simplesmente deixar minha escova de dentes embaixo da pia, mas ele a coloca no suporte ao lado da dele e insiste que esta casa também é minha agora.

— Ok, então eu quero dormir do lado direito da cama.

Ele ri e sai do quarto.

— Não vai rolar.

Veremos.

Continuo esperando que as coisas fiquem mais complicadas, que o inevitável obstáculo surja em nosso caminho. Por exemplo, Ian poderia dizer: *Ah, a propósito, eu secretamente gosto de treinar pássaros e mantenho uma dúzia de papagaios desbocados na garagem.* Ou ele poderia abrir a porta do quarto de hóspedes para deixar cair uma avalanche de lixo e fraldas de adulto sujas.

Eu verifico cada canto e recanto de sua casa enquanto organizo minhas coisas, procurando por laboratórios secretos de metanfetamina ou saltos-agulha gigantes, mas até o armário do quarto de hóspedes está organizado e arrumado. *Que perturbador!* Eu teria preferido um cadáver.

No domingo à noite, quando estamos sentados no sofá dele, enfiando espaguete na boca o mais rápido que podemos, percebo que meus temores podem ser infundados.

— Que bacana. Deveríamos ter nos casado há muito tempo — eu digo, com a boca cheia.

Seus olhos se voltam para mim, e eu dou a Ian um grande sorriso cheio de comida nos dentes.

— Uau, que linda. Acho que o período de lua de mel realmente acabou.

Eu rio e volto para a minha comida. A mudança abriu meu apetite.

— Conectei o carregador do meu celular na tomada do lado direito da cama, sabe, porque é a tomada *do meu lado*.

— Huh. — ele concorda. — “Meu” é uma maneira muito estranha de pronunciar “*seu*”.

— *Qual é!* Você não quer ser meu protetor, aquele que dorme perto da porta para o caso de alguém invadir e nos matar?

— Claro, mas e se eles entrarem pela janela? — ele pergunta.

— É um bom ponto. Eu ataco pelo lado esquerdo, você cobre a janela do assassino que vai entrar com um machado.

Eu sorrio. Nosso primeiro exemplo de resolução saudável de conflitos como um casal!

Normalmente, depois do jantar, volto para o meu apartamento para dormir. Estou tão acostumada com o ritual, que coloco meu prato na máquina de lavar louça e vou direto para a porta. Estou calçando meus sapatos quando a sombra de Ian recai sobre mim.

— O que você está fazendo?

— Indo para ca... — Faço uma pausa e rio. — Ai, meu Deus!

Desligo o piloto automático e tiro os sapatos. Ian se inclina e engancha as mãos sob meus braços para me levantar.

— Já está me deixando? — ele provoca. — Estamos casados há apenas dois dias. Quem é o sujeito, qual é o nome dele?

— Ian Mau.

Eu me viro, e ele me puxa para si. Minhas mãos batem em seu peito.

— Desculpa, acho que as coisas estão acontecendo tão rápido, que meu cérebro está demorando um pouco para entender.

— Podemos desacelerar se você quiser.

— Quanto?

Ele pensa por um segundo e dá de ombros.

— Não tenho certeza, na verdade. Posso dormir no sofá se você preferir.

Acho que dou a ele um olhar perfeitamente executado que diz: *Você pirou, caralho?*

Mais tarde nessa noite, entro em nosso quarto depois de escovar os dentes e encontro Ian sem camisa, lendo na cama.

Eu escondendo meu sorriso e corro para me enfiar sob os cobertores ao lado dele.

— Obrigada novamente por ser meu escudo de carne que vai impedir um ataque de machado.

Ian resmunga antes de voltar para seu livro. Eu o imito e coloco meu Kindle no colo, mas não consigo ler. Eu fico sentada, estudando o quarto de Ian e absorvendo os detalhes recém-adicionados. Há uma vela e uma delicada caixa de joias sobre a cômoda ao lado de sua colônia. Um dos meus lenços de primavera está pendurado na maçaneta do armário, porque não quero esquecer de usá-lo pela manhã. Minha luminária de chão antiga no canto traz um toque feminino ao espaço masculino.

Sinto uma certa ansiedade, um aperto na boca do estômago, e me pergunto quanto tempo isso vai durar. Dias? Anos?

Olho para Ian com o canto do olho. Está focado no livro. Ele tem sido uma fonte de calma nesse processo todo, e eu me pergunto se, sob todo esse abdômen de aço, ele também não está um pouco ansioso. Se talvez Ian não seja um pouco melhor em esconder os sentimentos.

Ele não diz uma palavra enquanto eu o estudo. Ele vira uma página em seu livro, e eu me aproximo mais, até que nossos quadris se toquem. Então eu estendo a mão e arrasto meu travesseiro para ficar apoiada ao lado dele. Ian tem uma cama king size, então não precisamos ficar esmagados bem no centro, mas sentir sua pele na minha desfaz o nó no estômago. Então respiro fundo pela primeira vez no dia.

Por três anos, eu me treinei para ignorar meus sentimentos por Ian. Nunca imaginei que ele pudesse sentir o mesmo que eu, e agora estamos casados, morando juntos, lendo na cama.

— Você está bem? — ele pergunta.

Concordo com a cabeça e me inclino sobre o seu ombro. Ele passa um braço nas minhas costas, agarra meu quadril e me traz para ainda mais perto. Estou basicamente sentada no colo dele.

Ian deve ter percebido que meu cérebro está a um milhão de quilômetros por hora porque pergunta se eu quero que ele leia em voz alta. Concordo com a cabeça, fecho os olhos e ouço sua voz profunda e firme enquanto continua exatamente de onde parou. Não demora muito para o meu coração imitar o subir e descer de seu peito, estamos respirando em sincronia.

Sua voz é bastante reconfortante, como a sensação de mergulhar em uma banheira quente em um dia frio de inverno.

Estou bem perto de cair no sono quando falo, com a voz soando sonolenta e suave:

— Ei, Ian?

Ele faz uma pausa na leitura.

— Você sabe que eu estou apaixonada por você, certo?

Seu coração bate contra as minhas costas, e sua respiração acelera. Há um silêncio longo e pesado, e eu pisco um olho para olhar para ele. Ele está olhando para baixo, estudando meu rosto com bastante atenção. Minhas palavras claramente o pegaram desprevenido.

— Repetindo... há *anos*.

Eu sorrio.

— Fala de novo.

— Qual parte?

Sua boca se inclina para baixo e captura a minha. Seu pobre livro não tem mais chance de ganhar atenção. Nós deveríamos estar dormindo, descansando para trabalhar amanhã, mas em vez disso, Ian tira meu pijama e dá um beijo em cada pedaço de pele que encontra. Seus lábios atingem o centro do meu peito, e ele diz que me ama também. Ele se move para baixo, beija meu umbigo e me diz novamente. As palavras saem abafadas, mas ele as diz tantas vezes, que não há como não as ouvir.

Adormecemos enrolados um no outro, e pela manhã acordo ao som de “I Got You Babe”, de Sonny e Cher. É Ian me ligando da cozinha.

Sorrio e pego o celular.

— Quando você mudou meu toque?

— Ontem à noite, depois que você adormeceu. Você estava roncando.

Eu gemo e me sento, então meus pés balançam para fora da cama.

— Fala a verdade, qual é o objetivo dessas músicas?

— Você não adivinhou?

— Eu acho que você só gosta de me torturar.

— Não. Estou tentando lhe dizer como me sinto.

Penso nas últimas músicas que ele escolheu. Eu achava que eram só umas músicas cafonas. Agora percebo que deveria ter lido nas entrelinhas.

— Eram todas canções de amor de duplas dinâmicas, assim como nós.

— Awwwwwn! Ian Fletcher, todo romântico!

Ele desliga na minha cara e grita da cozinha para eu tirar minha bunda da cama.

Ele me ama muito.

— Isso não é justo. Nossa lua de mel não foi longa o suficiente.

— Sim, bem, não podemos matar aula. Eu verifiquei meu e-mail enquanto você tomava banho, e o diretor Pruitt quer que estejamos na reunião da APM ainda hoje. Ele acha que um pedido público de desculpas ajudaria muito a resolver as tensões.

— Um pedido de desculpas? — Pareço ofendida com a ideia. — Esta senhora O'Doyle é uma terrorista! Não podemos negociar com ela.

— Estamos casados agora, então isso não deve ser mais um problema, mas estou preocupado que ela tenha deixado todo mundo tão nervoso, que nosso novo estado civil não faça diferença. Talvez eu devesse pensar em voltar a trabalhar para minha antiga empresa.

— Não. — Eu sei o quanto Ian odiou trabalhar lá depois da faculdade. — Nós vamos dar um jeito nisso. Se eu tiver que meter um sorriso falso na cara, eu o farei. Eu consigo.

Eu digo isso a Ian, mas de fato não tenho tanta certeza se darei conta de fazer. Sou muito orgulhosa e não muito boa em me desculpar quando não sinto que fiz algo de errado. E daí se Ian e eu transamos? Fizemos isso em nosso tempo livre e longe das dependências da escola — bem... praticamente. Houve aquele incidente no baile do Dia dos Namorados, e aquela vez em que quase nos agarramos na casa de campo... mas não vamos nos prender aos detalhes aqui.

Ian e eu entramos na escola lado a lado, mas sem nos tocar. Ele me acompanha até minha sala de aula, e consigo perceber que ele quer me beijar, mas nós nos seguramos. Em vez disso, digo:

— Deixa eu ver.

Ele contém um sorriso e estende a mão. Sua grossa aliança de casamento de ouro me causa um arrepio de prazer.

— Eu amo isso.

— E a sua? Você também ama?

— Você está de brincadeira?

Minha aliança poderia causar grandes estragos se eu decidisse participar de uma briga de rua. Eu olho para baixo e o diamante brilha.

Meus alunos percebem imediatamente, um em particular: Nicholas.

— Bom dia, senhorita. Abra.... AI, MEU DEUS, O QUE É ISSO NA SUA MÃO?!

— Nicholas, respire fundo.

Ele abana o rosto como se fosse desmaiar.

— É uma aliança de casamento — eu admito calmamente.

— Isso, senhorita Abrams! — outro aluno comemora do fundo da classe.

Nicholas lança um olhar mortal a eles, em seguida volta a olhar para mim.

— Como você pôde fazer isto comigo? Eu ia esperar por você!

Eu o faço sentar, só para o caso de ele estar prestes a perder a consciência.

— Bem, Nicholas, o senhor Fletcher e eu...

— Senhor Fletcher?! Então ele é o destruidor de lares!

Pelo restante da aula, ele se recusa a me olhar nos olhos. Quando caminho pela sala discutindo as atribuições do jornal desta semana, ele declara que vai escrever um artigo de opinião sobre as taxas de casamentos fracassados nos Estados Unidos.

— Pelo que ouvi, quase metade de todos os casamentos terminam em divórcio — ele avisa, o olhar afiado na minha direção.

— Parece um tema interessante. Vai fundo nele.

Não tenho energia para cuidar de seu coração adolescente partido. Preciso manter meu foco na reunião da APM no final do dia. Ensaio minhas desculpas na frente do espelho do banheiro entre um tempo de aula e outro.

— Sim, sra. O'Doyle, você pode sentar em um abacaxi pela coroa.

Hmm... não parece muito bom.

Eu estico a boca e pratico alguns exercícios de mandíbula, antes de tentar novamente.

— Sra. O'Doyle e membros da APM de Oak Hill, estou aqui hoje para dizer a todos vocês que estou muito... muito pronta para que todos vocês... passem para o próximo drama sem sentido que quiserem. Além disso, vocês sabiam que há uma promoção de bobs rolando no salão de beleza?

Tudo bem, apaga essa frase. Talvez eu deixe Ian se desculpar e tentarei parecer profundamente arrependida ao fundo.

Quando o almoço chega, a notícia sobre nosso casamento às pressas já se espalhou por toda a escola. Ian e eu sabíamos que isso aconteceria, e não nos esforçamos para manter em segredo. Não há sentido em esconder. Sermos casados deveria nos ajudar a sair do problema em que nos metemos e, aliás, estamos muito animados com isso. Eu realmente não tinha certeza de como o restante da escola iria reagir, mas quando cheguei para o almoço, Ian estava contando a história do museu para toda a sala. Todo mundo se vira para mim quando entro, e o lugar explode em uma salva de palmas e assobios. Alguém até se deu ao trabalho de decorar a sala com balões e serpentinas, e, sim, há uma lata de chantilly com um laço esperando por mim na minha cadeira. Eu a seguro e rio.

— Ha, ha. Muito engraçado.

Realmente é. Vou lambar chantilly no peito nu de Ian mais tarde.

A vida é boa.

Tem até um bolo que diz: *Feliz aniversário, Mary!* Não entendo a piada, mas, ei, bolo é bolo.

Depois que cortamos e distribuímos todas as fatias, uma voz suave soa no fundo da multidão:

— Ah, cara, esse era o meu bolo de aniversário?

As Quatro dos Calouros estão carrancudas em um canto. Quando olho para cima, Gretchen passa um dedo em seu pescoço ameaçadoramente e Bianca dá uma cotovelada nas costelas dela.

— Jesus, não vamos cortar a garganta dela, Gretchen!

— Ah, esse é o significado desse gesto?? Eu não sabia! Desculpe, Sam!

Abrimos um cartão que obviamente foi feito às pressas para as pessoas assinarem pouco antes da hora do almoço. Metade das assinaturas deseja um feliz aniversário a Mary. Há claramente muita confusão sobre o que realmente estamos comemorando. Pobre Mary. Nós realmente roubamos seu momento.

Pouco antes de voltarmos para nossas salas de aula, um dos professores exige um beijo, e Ian e eu olhamos um para o outro e rimos. Não deveríamos fazer isso. Recebemos uma advertência. Deveríamos estar com o rabo entre as pernas, mas um beijo não vai doer, certo?

Então nos beijamos, apenas uma vez, e todos aplaudem — até o diretor Pruitt entrar e anunciar que a festa acabou. Mary corre para a frente e usa os dedos para raspar o último pedaço de glacê de seu bolo de aniversário, o qual nos apropriamos.

Pruitt pede para conversarmos no corredor, e nós o seguimos. O bolo fica pesado no estômago.

— Vocês dois realmente não são mestres da discrição, né? — ele pergunta, apontando para os balões que se espalham pelo corredor.

— Nós não organizamos isso! — eu digo rapidamente. — De verdade, era para ser discreto, mas alguém ficou sabendo e nos ofereceu uma pequena recepção.

— Então é verdade? Vocês dois casaram no fim de semana?

Eu levanto a mão com a aliança, e Ian responde:

— Sim, senhor. Isso deve resolver a violação do nosso contrato, certo?

Ele ri.

— Honestamente, havia maneiras mais fáceis de fazer isso. Vocês dois não precisavam se casar. Eu não ia deixar a sra. O'Doyle e sua gangue da APM realmente forçá-los a sair da escola. Eu só precisava mostrar a ela que estava levando suas preocupações a sério.

— Então nossos empregos nunca estiveram em jogo?

— Não.

Todos nós ficamos em silêncio, e então, *dã*, eu me lembro que estou apaixonada por Ian e não me casei com ele apenas por causa deste trabalho idiota.

— Não vão anular o casamento, né?

— Não! — Sou rápida em responder, e quando olho para Ian, ele está sorrindo para mim.

— Certo, então vejo vocês dois na reunião da APM depois da aula. Tente limpar esses sorrisos de seus rostos antes de chegarem lá. Eu gostaria que vocês parecessem arrependidos, mesmo que fosse apenas fingimento.

O resto da tarde se arrasta como nunca. Quando dá 15:05, já roí minhas unhas até virarem adagas afiadas e já comi, estressada, o segundo pedaço de bolo que roubei da sala antes de sair. Eu me sinto pilhada de tanto açúcar.

Ian e eu entramos na reunião da APM com o diretor Pruitt ao nosso lado. Eu gostaria de estar usando um capacete ou uma armadura. Não tenho ideia do que esperar: caretas de raiva? Forquilhas? Tomates podres? Eu rapidamente tiro meu lenço delicado, apenas por precaução.

Na verdade, assim que entramos, encontramos a sra. O'Doyle sentada na frente da sala com os braços cruzados. Uma cara feia e hipócrita estraga seu rosto — embora, a julgar pelo conjunto profundo dessas rugas, essa pode ser sua cara em situações normais. Eu não acho que seus músculos faciais relacionados ao sorriso tenham sido utilizados desde o início dos anos 90.

Enquanto isso, todos os outros pais da APM estão pairando em torno da mesa de lanche no fundo da sala de aula, comendo nozes e o que parece ser uma infinidade de biscoitos caseiros e pedaços de chocolate com macadâmia, se meu nariz não me engana. Se tudo correr como planejado, vou pegar um punhado deles ao sair. Se as coisas piorarem, vou levar a maldita bandeja inteira.

Os olhos da sra. O'Doyle me seguem pela sala, mas ela não me cumprimenta. Dois assentos estão marcados com pequenos sinais de reservado na frente da sala de aula, e percebo que são para Ian e para mim quando o diretor Pruitt nos diz para sentar. Ah, entendi: isso é um julgamento. A sra. O'Doyle fará o papel da juíza, do júri e da acusação. Ian e eu estamos destinados à guilhotina.

Procuro uma foice perto de seus pés, mas em vez disso encontro tiras laranja brilhantes. Não esperava por isso. Como uma pessoa tão irritada pode gostar de sapatos tão brilhantes?

— A partir de agora, solicito que este encontro de APM se inicie! — ela diz, batendo um martelo de madeira contra a mesa. Ela parece estar bastante confortável com essa coisa. Aposto que se eu olhasse de perto, descobriria que tem seu nome gravado na madeira e tudo mais. Ela dorme com ele debaixo do travesseiro e o leva para o chuveiro. — A primeira ordem do dia são as discussões sobre o Water-Chantilly-gate da semana passada.

Isso chama a atenção de todos. A multidão ao redor da mesa do lanche se dispersa enquanto todos disputam um bom lugar.

— Sra. O'Doyle, este incidente não está no nível de Watergate. Não vamos tornar isso mais tedioso do que precisa ser — exige o diretor Pruitt. — Eu só trouxe o sr. e a sra. Fletcher aqui para que possamos esclarecer algumas coisas e seguir em frente.

— Senhor e Sra. Fletcher? — pergunta uma mãe da APM ao meu lado, com a boca cheia de biscoito. — Eu pensei que o problema era que eles *não eram* casados.

Há um coro de descontentamento. Essas pessoas vieram para um show e agora se sentem privadas disso.

— Pois é! E aí?

— ORDEM! ORDEM NO MEU TRIBUN... QUERO DIZER, SALA DE AULA! — a sra. O'Doyle grita, batendo o martelo com tanta força, que levanto as mãos para proteger o rosto caso ele estilhace. — O que você quer dizer com senhor e senhora?

O diretor Pruitt suspira e se vira para nós, tipo, *Bem, vamos em frente*. Com alegria, levanto meu dedo anelar como se estivesse mostrando o dedo do meio para ela. Se eu fosse Matt Damon em *Gênio Indomável*, diria: *Que tal aquelas maçãs?*

— Não! — O rosto da sra. O'Doyle se contorce. — Um casamento falso... vocês não fizeram isso! Certamente há algo no código do professor sobre isso. Diretor Pruitt, não pode ser, não deve, não vamos aceitar. Os professores não podem sair por aí se envolvendo e depois se casando só para escapar das consequências. Vou levar isso ao mais alto tribunal do país: O CONSELHO DA ESCOLA!

Ele ri.

— O conselho revisou o incidente, bem como as políticas distritais. Até agora, o único comentário que eles proferiram foi dar os parabéns.

— E a advertência deles?! — Ela está com o rosto vermelho agora.

— Acabou a partir de hoje.

— Porque eles se casaram? — Perdigotos raivosos voam de sua boca. — Sinto como se estivesse tomando drogas alucinógenas!

Eu sufoco uma risada. Talvez esteja, minha senhora. Dá uma olhada na sua receita.

— Tudo bem, agora que isso está esclarecido — um pai grita do fundo da sala —, podemos passar para os problemas com a fila única de carros? Eu não deveria ter que esperar na fila por quase quarenta e cinco minutos só para pegar meu filho.

— Sim! — um coro de pais surge.

— Além disso, que tal uma arrecadação de fundos de fim de ano para o time de softball?! — outro pai exige.

Nosso julgamento acabou. O diretor Pruitt chama nossa atenção com um pequeno aceno e inclina a cabeça em direção à porta. É hora de

sumir. Fizemos nossa parte aparecendo, e não precisei me desculpar.

— Você acha que eu consigo pegar um biscoito na saída? — pergunto a Ian baixinho enquanto nos levantamos.

Ele passa o braço em volta do meu ombro, como se estivesse preocupado que eu pudesse tentar.

— Eu acho que foi O'Doyle que preparou. Melhor não abusar da sorte.

Suspiro como se estivesse com medo de que ele dissesse isso.

— Vou comprar algo para você no caminho para casa. Vamos embora.

Uma alegre mãe tipo esportiva, com um rabo de cavalo loiro e um sorriso branco perolado, estende a mão para o meu braço e me interceptando antes que eu alcance a porta.

— Ei, eu ia te dizer... — Sua voz é quase um sussurro. — Cá entre nós, garotas, se você gosta de chantilly, você realmente deveria experimentar um pouco de calda de chocolate aquecida, mas não muito quente. — Ela estremece. — Aprendi minha lição da maneira mais difícil com essa, ha! Ah, a propósito, acho que você dá aula para o meu filho...? Nicholas.

Ai, Jesus.

Eu saio correndo de lá.



Sam

Hoje Ian tem um jogo de futebol, e eu estou presente como sempre. As coisas voltaram ao normal. A multidão de professoras jovens e gostosas se mudou para o jogo de lacrosse que acontece alguns campos adiante. Se eu apertar os olhos, posso ver o decote e os pedaços de laranja. Oak Hill High acabou de contratar um novo treinador de lacrosse vindo de Los Angeles. Ele é bronzeado e bonitinho, e supostamente teve três encontros com uma das estrelas do *Vanderpump Rules*. Ian é passado — meu passado.

As arquibancadas do campo de futebol estão bem vazias, só há alguns pais e eu. Pensei em refazer meus cartazes de VAI, IAN, mas em vez disso mandei estampar uma camisa. Tem uma grande imagem impressa do mascote de Oak Hill, e abaixo dela, em letras grandes e pretas, está escrito: ESPOSA DO TREINADOR. Falta sutileza, mas, pensando bem, eu nunca fui muito sutil.

Ian riu quando mostrei a ele ontem à noite.

— Eu não preciso usá-la — eu disse. Quero dizer, era meio que uma piada.

Mas ele balançou a cabeça, o sorriso engessado.

— Não. Use.

Eu a mantive estrategicamente escondida debaixo do suéter o dia todo. Se Nicholas tivesse visto, teria entrado em colapso. Ele ainda acha que estamos destinados a ficar juntos algum dia.

— *Acho que entendo que você precisa de alguém para passar o tempo até que eu tenha idade suficiente.*

Uma sombra paira sobre mim, e eu olho para cima, vendo Ashley caminhando pela fila de arquibancadas em minha direção. Eu me preparo para o pior. Afinal, ela quase foi introduzida no grupo das Quatro dos Calouros (Cinco?). Talvez ela esteja aqui para cumprir ordens. Verifico suas mãos em busca de facas e as encontro vazias. Há uma chance de eu estar sendo um pouco dramática. Não acho que assassinos pintem as unhas com esmalte rosa-bebê.

— Ei — diz, olhando para a minha camisa. Ela sorri. — Eu gosto disso. Você é que fez?

Eu olho para baixo.

— Ah, obrigada. Eu, ahn... mandei fazer.

Gostaria de ainda estar com meu suéter. Eu me sinto meio boba agora.

Ela balança a cabeça e acena para a extensão de assentos ao meu lado.

— Tudo bem se eu sentar aqui? — Mais uma vez, estou confusa, mas ela não aguarda uma resposta, apenas se senta e apoia os pés na arquibancada à sua frente. — Escuta, eu não me importo com você e Ian juntos.

Estou chocada.

— Não?

Ela ri.

— Sou nova aqui. Por que eu me importaria com quem está namorando quem? Eu só achei ele gostoso, só isso.

— Mas você se senta com as professoras dos calouros no almoço...

— Eu sento com elas porque é melhor do que sentar sozinha.

— Ah.

— Sim, mas está ficando meio cansativo. Estou pensando em almoçar sozinha na biblioteca de agora em diante. Pelo menos não terei que ouvir mais uma vez a Gretchen perguntar à Bianca se maionese tem calorias.

Eu rio.

Há uma chance de eu ter julgado mal a Ashley. Imagina só.

— Então, como vai a vida de casada? — ela pergunta.

Contenho um sorriso. Ainda assim, a felicidade escorre pelos meus poros.

— Tem sido bom. — Meu tom é tranquilo e sereno.

Ela parece perceber que estou sendo discreta.

— Só bom?

É como se ela tivesse enfiado uma picareta no meu autocontrole.

— Ok, tem sido realmente incrível. Quero dizer, melhor do que eu pensei que poderia ser.

Ela sorri.

— Fico feliz. Vocês dois são muito fofos juntos. E, ei, desculpe por ter roubado seu pudim outro dia.

Seu pedido de desculpas significa mais do que ela imagina. Eu estava preparada para levar esse incidente para o meu túmulo.

Eu estendo a mão para ela apertar.

— Amigas?

Ela sorri e aceita.

— Eu adoraria.

Decido arriscar.

— Você já assistiu *West Wing*?

Seu rosto se ilumina.

— Eu amo essa série!

Estou esperando Ian terminar na academia. É o nosso *mêsversário*. É algo importante, e vou seduzi-lo quando chegarmos em casa. A aula de Zumba que acabei de fazer deve ajudar nisso. Estou me sentindo flexível.

Ian está fazendo uma série em uma máquina de bíceps, e estou a alguns metros de distância, sentindo o suor escorrendo pelo meu corpo enquanto tento me controlar. Seus braços são tão sensuais... Seu rosto é perfeitamente esculpido. Se já não fôssemos casados, eu exigiria que corrêsemos para o cartório agora mesmo.

Talvez nem cheguemos em casa. Talvez maridos e esposas tenham permissão para arrumar um cantinho no estacionamento da academia. Talvez Ian interrompa suas repetições no meio.

Seus olhos se voltam para mim, e eu sorrio.

— Quase lá — ele murmura.

Não, Ian. Nem mesmo perto.



Ian

Sam me diz que nossa nova vida ainda não parece real para ela. Ela tem medo de acordar um dia em seu antigo apartamento, na sua cama minúscula, sem mim. Entendo. Por três anos, fomos melhores amigos que estavam secretamente apaixonados um pelo outro. Três anos é muito tempo para subjugar uma paixão. Tornou-se um hábito ignorar meus sentimentos por Sam, e esse hábito se tornou uma segunda natureza. Estamos tendo de reconectar nossos cérebros lentamente.

— Me refresca a memória aqui— disse ela outra noite, enquanto escovávamos os dentes lado a lado. — Você *me ama*, me ama? Tipo, não apenas como amigo?

Há uma novidade em nossa vida que torna emocionante cada tarefa mundana. Sam é rápida em apontá-las: “Vamos fazer compras de comida para NOSSA casa! Estamos escolhendo uma planta para colocar no cantinho do NOSSO quarto! Estamos planejando as férias que vamos tirar como MARIDO E MULHER! IAN, ESTE CORREIO ESTÁ ENDEREÇADO À SENHORA FLETCHER!” Seu entusiasmo é contagiante.

Cada dia que passa construímos outra camada de estabilidade. Os primeiros meses de recém-casados passaram voando, e logo o ano letivo terminou. O contrato de aluguel do apartamento terminou. Abrimos uma conta bancária conjunta. Conversamos sobre quando queremos ter filhos e quantos teremos.

— É bem simples de decidir — declara ela.

— Que tal?

— Bem, se tivermos um bebê por ano até eu completar 45 anos, isso dá 18: uma bela dúzia e meia — ela proclama com uma cara séria.

— Ei, ei, ei — eu protesto. — Isso é insano!

— Por que insano? — Sam mantém a cara de pôquer, então eu aumento a aposta.

— Porque um bebê por ano significa que você vai desperdiçar três meses inteiros entre as gestações. Eu estava pensando em montar em você no quarto de pós-parto, e isso deve nos dar...

— ARGH, para, para, para. Eu estava brincando. Vamos começar com um, e se não estragarmos tudo, faremos de novo.

Os pais de Sam vão dar um jantar esta noite para entrosar as famílias. Vai ser uma merda completa. Já se passaram quase seis meses desde que casamos, e este jantar é a maneira dos pais dela de fazermos as pazes... quer dizer, mais ou menos. A mãe de Sam ainda liga todos os dias e pergunta se ela estaria disposta a participar de uma cerimônia pequena (300 pessoas) na igreja. Sam diz que não, e sua mãe considera isso um insulto pessoal em todas as vezes.

— Sei que parece insensível, mas cedi às exigências dela durante toda a minha vida. Eu não vou mais fazer isso. Eu tive o casamento que eu queria. Nada pode superá-lo. Houve até uma fuga para salvar nossas vidas!

— Concordo.

— Ok, que bom — diz ela enquanto caminhamos até a frente da casa de seus pais. — Então, quando minha mãe inevitavelmente perguntar sobre isso hoje à noite, você terá que me apoiar.

Concordo com a cabeça, não que isso importe, porque a mãe dela não vai perguntar a Sam sobre isso esta noite. É uma senhora toda preocupada com as aparências que nunca brigaria com Sam na frente dos meus pais. E, pelo visto, eles já estão lá dentro. Dá para ouvir a risada da minha mãe a um quilômetro de distância.

Sam abre a porta, e lá estão eles: dois casais que não poderiam ser mais diferentes. Seus pais são quero-queros humanos, baixos e magros. Eles se vestem de cáqui e creme, mantendo viva a tendência bege. Meus pais são um pouco mais pesados e sorridentes. Como Sam e eu, há certa diferença de altura entre eles. Hoje à noite, minha mãe está usando um vestido rosa, e meu pai colocou sua camisa havaiana mais bonita.

No segundo em que entramos pela porta, minha mãe corre e envolve Sam em um abraço sufocante. Sam aperta minha mão como se

estivesse tentando enviar uma mensagem via código Morse: *por favor, PONTO, me ajude, PONTO, não consigo respirar, PONTO.*

— Você está tão bonita! Que brilho! — Ela abaixa o tom de voz. — Você não está grávida, está?

— Mãe — eu aviso.

Ela dá um passo para trás, mas mantém as mãos estendidas de Sam.

— Desculpe, desculpe. Pensamento positivo!

A mãe de Sam dá um tapinha em seu ombro.

— Olá, querida.

— Oi, mãe.

— Eu, hmmm... — A mãe dela passa um momento examinando a aparência de Sam. — Eu gosto do que você fez com seu cabelo.

Ela parece sentir dor ao fazer o elogio. O cabelo de Sam está todo selvagem e enrolado. Por outro lado, o cabelo de sua mãe foi amarrado em um coque apertado que estica a pele da testa, para que ela fique com um olhar permanente de surpresa. Ela parece a diretora de um colégio interno para jovens problemáticos.

O pai dela bate no meu ombro, e apertamos as mãos.

— Como você está, Ian?

— Bem, senhor. Obrigado.

— Cuidando bem da minha filha?

Sua pergunta pode parecer formal, mas o tom não é. Dos dois, o pai dela é muito mais fácil de lidar. Ele só quer que Sam seja feliz.

Algo muito estranho acontece durante esse jantar: nossos pais se tornam amigos. Nossas mães se dão muito bem. Acho que é porque minha mãe consegue conversar com um sapato e chamá-lo de amigo. Ela descasca as camadas da sra. Abrams como uma psiquiatra altamente qualificada.

— *Então, conte mais sobre sua infância!*

Depois da sobremesa, todos querem ir para a sala de estar e jogar jogos de tabuleiro, mas Sam e eu estamos fartos de tantos laços familiares.

Fugimos na primeira oportunidade que temos.

— Obrigada pelo jantar, mãe, pai! A gente se fala! Sr. e sra. Fletcher, nos vemos no café da manhã antes da partida! — Sam grita, correndo rapidamente pela sala para distribuir abraços.

Depois que saímos, ela pega minha mão e me puxa em direção ao carro o mais rápido que suas pernas curtas permitem.

— Rápido, rápido! Minha mãe provavelmente está pensando em alguma maneira de nos arrastar de volta para dentro agora.

Entramos e apertamos o cinto. Em um segundo, saímos do bairro.

— Ufa. Correu tudo bem. Acho que nossas mães estão apaixonadas.

Eu concordo.

— Sim, foi melhor do que eu imaginei.

— Eu não ficaria surpresa se sua mãe convidasse meus pais para o café da manhã amanhã.

— Sim, provavelmente devemos nos preparar agora.

— Ei, você pode parar naquela farmácia? — ela pergunta. — Eu preciso comprar algumas coisas.

Vou para a faixa da direita para entrar no estacionamento.

Sam sacode as pernas no banco do passageiro como se estivesse tramando algo.

— Você não quer saber do que eu preciso?

— Hum, não, na verd...

— Um teste de gravidez.

Quase saio da pista.

Acabo ocupando 2 vagas e meia perto dos fundos do estacionamento. Justin Timberlake está cantando no rádio, e Sam e eu ficamos sentados no carro enquanto meu cérebro tenta repassar o que ela disse.

Ela empurra meu braço.

— Ian, tudo bem aí?

Ela acena com a mão na frente do meu rosto, e a realidade me puxa de volta, como se houvesse um elástico envolvido. Eu me viro para ela, com um sorriso bobo no rosto.

— O que diabos estamos esperando?!

Sam sorri, e simultaneamente nos viramos para puxar as maçanetas das portas.

Dentro da farmácia, Sam passa o braço pela prateleira em um floreio dramático. Nossa pequena cesta está cheia até a borda. Compramos um de cada marca, o que é exagero, mas não adianta tentar dissuadi-la.

— Porque as pessoas nos filmes fazem isso! Talvez elas estejam certas!

Quando saímos, a balconista não diz nada, embora deva sentir a energia nervosa de Sam, porque lhe dá um pequeno sorriso enquanto guarda os testes de gravidez em duas sacolas.

Nós queremos isso. Nós conversamos sobre isso. Farei 32 anos daqui a um mês. Sam completou 28 anos algumas semanas atrás. Temos muitas economias acumuladas. Já pesquisei as melhores opções para fundos universitários. Estamos preparados, mas ainda parece que somos dois adolescentes tramando algo ruim para fazer.

— Depressa, depressa — Sam diz enquanto voltamos para casa. — Estou me segurando desde antes do jantar porque quero ter urina suficiente para todos esses exames.

— Na minha opinião de químico profissional, você precisará de pelo menos uns quatro litros de urina.

— Você está brincando, mas se precisar, eu consigo fazer isso tudo!

Guardamos as sacolas cheias. Quando estaciono na garagem, Sam salta do carro e corre para a porta. Ela vai direto para o banheiro principal, e eu a sigo.

— Devemos ler as instruções? — pergunto, franzindo a testa enquanto Sam começa a abrir as caixas como um urso faminto que acabou de fazer um piquenique na floresta. — Certifique-se de que está fazendo xixi nas partes certas.

— Eu conheço as partes certas, Ian. Já vi no cinema, lembra?

Ainda assim, eu insisto. Cada teste exige preparações ligeiramente diferentes. Alguns exigem que você faça xixi diretamente no aplicador. Alguns querem que você mergulhe a ponta do bastão de teste em um pequeno copo de urina. Alguns mostram uma linha. Alguns têm POS ou NEG. Sam dá saltinhos, com as mãos na virilha, como se ela estivesse tentando fisicamente segurar o xixi dentro de si.

— Anda!

— Ok, toma. Este primeiro.

Ela faz xixi, e eu passo outro para ela. Então outro. Temos doze alinhados antes que ela esvazie completamente a bexiga.

— Droga — eu digo, com as mãos nos quadris, avaliando isso tudo.

Ela lava as mãos, um sorriso presunçoso no rosto.

— O que você acha, cientista? São dados suficientes para você?

Eu sorrio e aceno com a cabeça antes de recuar e sentar no chão. A emoção da última meia hora está começando a cobrar seu preço.

Sam fica de pé, com as mãos nos quadris enquanto estuda os testes.

— Quanto tempo temos que esperar?

— O primeiro fica pronto em cinco minutos.

Dizer isso em voz alta faz meu estômago revirar. Ela se vira para mim, e vejo que está tremendo, seus olhos se enchendo de lágrimas.

— E se der positivo?

Eu inclino a cabeça e a avalio.

— Ficaremos empolgados.

— E se for negativo?

— Provavelmente ficaremos aliviados, mas continuaremos tentando.

— Talvez sua mãe seja vidente. Você não disse a ela que estamos tentando, não é?

— Não. Ela disse aquilo por si só.

— Ela disse que eu estava brilhando.

Eu sorrio.

— Você está mesmo.

— Quanto tempo passou?

Eu olho para o cronômetro no celular.

— Trinta segundos.

— Ai, meu Deus. Estou passando mal.

— Literalmente?

— Não sei. Eu quero isso, mas, de repente, sinto que isso tudo é demais para nós dois. É a mesma sensação que tive quando você me pediu em casamento.

Eu entendo o que Sam quer dizer. Seríamos ingênuos de pensar que isso não é um grande passo. Nossas vidas estão prestes a mudar para sempre.

— Venha se sentar ao meu lado.

Dobro os joelhos para que ela caiba no espaço entre minhas pernas. Sam se vira, senta e apoia as costas no meu peito. Meu coração bate contra seu ombro. Minha mão envolve seu pulso, e sinto a pulsação, contando as batidas mentalmente e vendo que estão mais rápidas que as de um beija-flor. Boto a outra mão em sua barriga e fico parado,

esperando, torcendo. Sei que seria muito cedo para sentir alguma coisa, mas quero sentir qualquer coisa.

— Ian? Você se lembra quando me vesti de Hermione para o Halloween e você disse que eu parecia uma pateta?

Eu sorrio e inclino a cabeça para trás, contra a parede.

— Sim, eu tentei te beijar naquela noite.

— O quê?!

— Na tigela de ponche, mas era tarde demais. Você tomou umas quatro doses e vomitou em mim.

— Ai, meu Deus. Lembro de passar mal, mas não me lembro de você tentando me beijar.

Eu olho para baixo e vejo que restam dois minutos no cronômetro.

— Sim, bem, eu fui meio discreto. Você costumava me deixar nervoso.

Ela ri como se isso fosse completamente absurdo.

— Eu me pergunto como tudo teria sido se você realmente tivesse me beijado.

Completamente diferente, mas eu não mudaria nada.

— Isso é loucura — ela murmura para si mesma.

Outro minuto se passa, e agora faltam apenas alguns segundos para o primeiro teste ficar pronto. Sam olha para baixo na hora, e sua pulsação só falta perfurar a pele.

— Você quer olhar junto? — ela pergunta.

— Olha você.

Não tenho certeza se consigo ficar de pé no momento.

O tempo desacelera enquanto ela se levanta e se aproxima para ler o teste. Várias coisas passam pela minha mente: cores de tintas para quartos de bebê, creche, fraldas, dedos das mãos e pés rechonchudos.

É um teste simples, com duas linhas para positivo e uma para negativo.

Ela deve levar um segundo para lê-lo.

O temporizador começa a apitar.

Sam olha para baixo, pega o teste, o vira e grita.



Sam
Dois anos depois

— Senhor presidente — eu digo, balançando a cabeça em cumprimento enquanto Ian me entrega a pipoca.

— Senhora secretária — ele responde, igualmente sincero.

— Ahem, o presidente da Câmara precisa reabastecer.

— Uá-uá-uá-uá.

Nós dois olhamos para Violet, que está parada na beirada do sofá. Seu sorriso movendo as bochechas rechonchudas faz meu coração disparar.

— Ian, você acredita que estamos criando um gênio desses?

— Não tem nem um ano e meio, e ela já fala frases completas.

Em resposta, ela murmura:

— Ma-má, au-au.

Obviamente, ela está falando em algum código avançado. Qualquer robô seria capaz de decifrar sua fala e propor soluções para as grandes crises mundiais.

Então ela arrota e se distrai com um pedaço de fiapo no chão.

— Que inteligente. — Concordo com a cabeça, pegando a taça de vinho que ele estende para mim antes de se virar para pegar o copo de Violet. — Você está pensando em Columbia, Princeton ou Harvard?

Ian dá de ombros.

— Ela pode escolher entre as universidades da Ivy League, mas, vai saber, ela pode se juntar ao Corpo da Paz... ou a uma trupe de circo itinerante.

— Não vamos falar sobre isso. Isto me deixa triste.

— O que, ela virar artista de circo? Eu duvido que isso aconteça.

Eu me abaixo e a pego no colo. Tudo o que quero é um abraço decente, mas ela está na idade em que quer liberdade, espaço para passear. Violet se solta e volta a brincar no chão.

— É que... eu não gosto de pensar nela crescendo. Ela é muito pequena para se juntar ao circo.

Ian se senta ao meu lado no sofá e me puxa para perto. Eu me aninho em seu peito e fecho os olhos. Posso ouvir uma respiração profunda enchendo meus pulmões, o batimento cardíaco constante de meu marido, o balbuciar brincalhão de minha filha — todos os sons de uma vida com a qual eu não poderia ter nem imaginado apenas alguns anos atrás, principalmente porque estava ocupada sonhando com o tenente Ian transando comigo em um quartel do exército.

— Eu sinto que você está muito focada nesse lance do circo.

Eu o ignoro.

— Hoje ela está balbuciando aos nossos pés, amanhã estará se balançando nas barras de um trapézio, viajando pelo país em um vagão de trem.

— Repito: provavelmente não vai rolar.

— Me promete que ela vai ficar para sempre pequena assim? — Minha voz sai desesperada.

Ian faz carinho em meu ombro com o polegar.

— Posso não.

— Promete que ela sempre será a bebezinha da mamãe?

— Er, mas ela por acaso é agora? — ele provoca. — Sua primeira palavra foi *papa*. Isso não pode ser uma coincidência.

Sinto uma vontade real e absurda de chorar.

— Tem algo que você *possa* me prometer?! Nossa, meu coração está partido aqui.

Ele ri e estende a mão para erguer meu queixo, inclinando meu rosto em sua direção.

— Sam... Sam-duíche... X-Sam...

Eu abro os olhos. Seus olhos azuis estão a centímetros dos meus.

— Não posso fazer promessas sobre coisas grandiosas, mas posso prometer que sempre assistiremos a *West Wing* às quartas-feiras.

— Obviamente.

— Posso prometer que, enquanto você for a chefe do Oak Hill Gazette, lerei todas as edições.

Eu agarro sua camisa quase com violência.

— Você deve, é nosso leitor mais dedicado.

— Também prometo te mandar o maior número de ursinhos de Dia dos Namorados dentre todos os professores da escola.

A nossa tradição se mantém firme e forte.

— Obrigada. Eu agradeço.

— O diretor do coral também. Acho que custeamos metade da arrecadação anual com nossas travessuras.

Eu sorrio, e então fico séria quando percebo algo.

— Você está esquecendo de uma coisa — eu provoco.

Ian franze a testa.

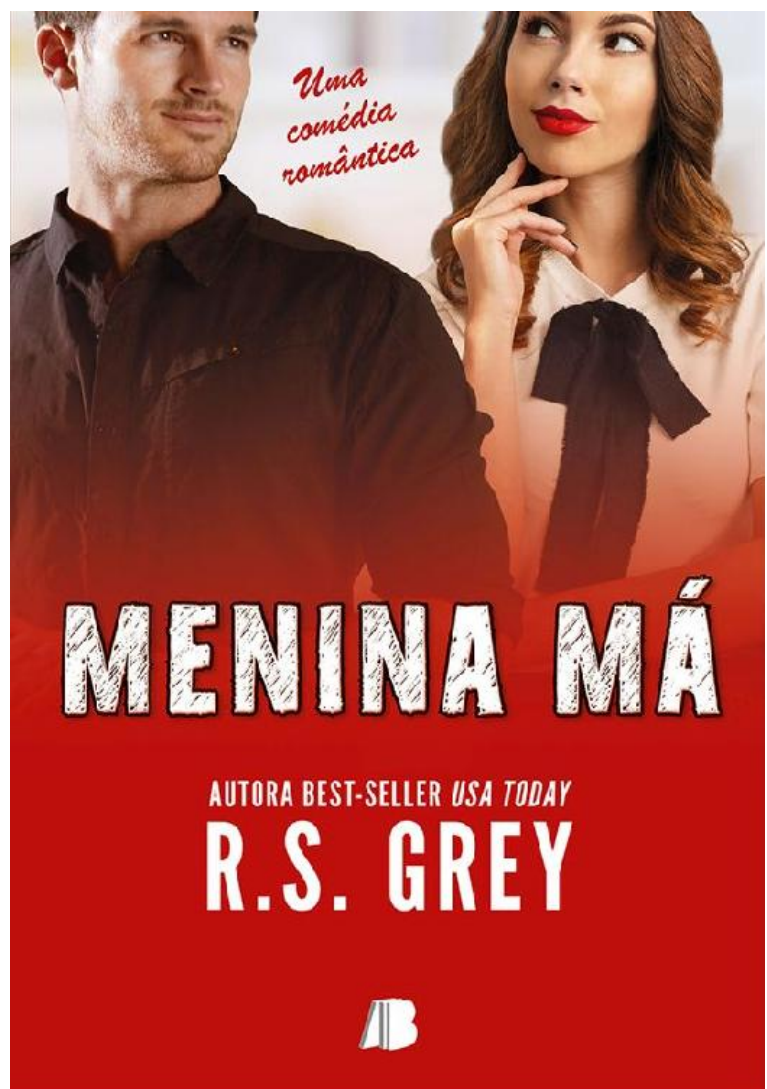
— O quê? — Ele chega a uma conclusão e diz: — Ah, certo: eu sempre vou te amar. Era isso que você queria ouvir?

Eu ofego com exasperação fingida, como quem diz: “*Ugh, seu idiota.*”

— Não. Dane-se o amor. Não me importo com isso. Prometa que sempre será meu melhor amigo.

Ele ri, inclina a cabeça para baixo e beija minha bochecha.

— Eu pensei que isso era óbvio, Hot Lips. Melhores amigos para sempre.



***Fui avisada:
fique longe de Ben Rosenberg.***

Ben cresceu privilegiado e achando que pode fazer o que quiser com tudo e com todos.

Já eu, sou bibliotecária da área infantil da biblioteca da pequena cidade Clifton Cove, no Texas, e filha do chefe de polícia. E cresci seguindo regras e vivendo na zona de conforto.

Uma noite com um homem deslumbrante, vindo diretamente de um romance, é tão excitante que o destino decide ficar com pena de mim e me empurrar no meio do caminho do Sr. Fora dos Limites.

Cada centímetro dele promete ser minha ruína. Ele é alto e ameaçador — um advogado prestes a dar o bote. Uma menina bem comportada faria o que ele mandasse sem questionar, mas mesmo atrasada, estou começando a me rebelar.

Então, ignoro o aviso e a cautela. Só que Ben me arrasta para fora da minha zona de conforto — ele me leva para um canto escuro e pressiona o corpo sarado no meu. A ficha cai e finalmente entendo porque todo mundo acredita que ele será a minha ruína.

Para ele, isso é um jogo. Ele quer me tentar com seus desafios e me provocar com suas palavras.

Eu deveria cooperar. Afinal, fui eu que o pedi para me transformar em uma menina má. Só nunca imaginei que ele levaria o trabalho tão a sério...



Siga as nossas redes sociais e fique por dentro dos próximos lançamentos:

TIKTOK: <https://www.tiktok.com/@allbookeditora>

FACEBOOK: <https://www.facebook.com/AllBookEditora>

INSTAGRAM: <https://www.instagram.com/allbookeditora/>

TWITTER: <https://twitter.com/AllBookEditora>

YOUTUBE: <https://www.youtube.com/@allbookeditora>

Após a leitura, não deixe de avaliá-la.

E não esqueça de se cadastrar na nossa newsletter para não perder nenhuma novidade.

<https://www.allbookeditora.com/newsletter>